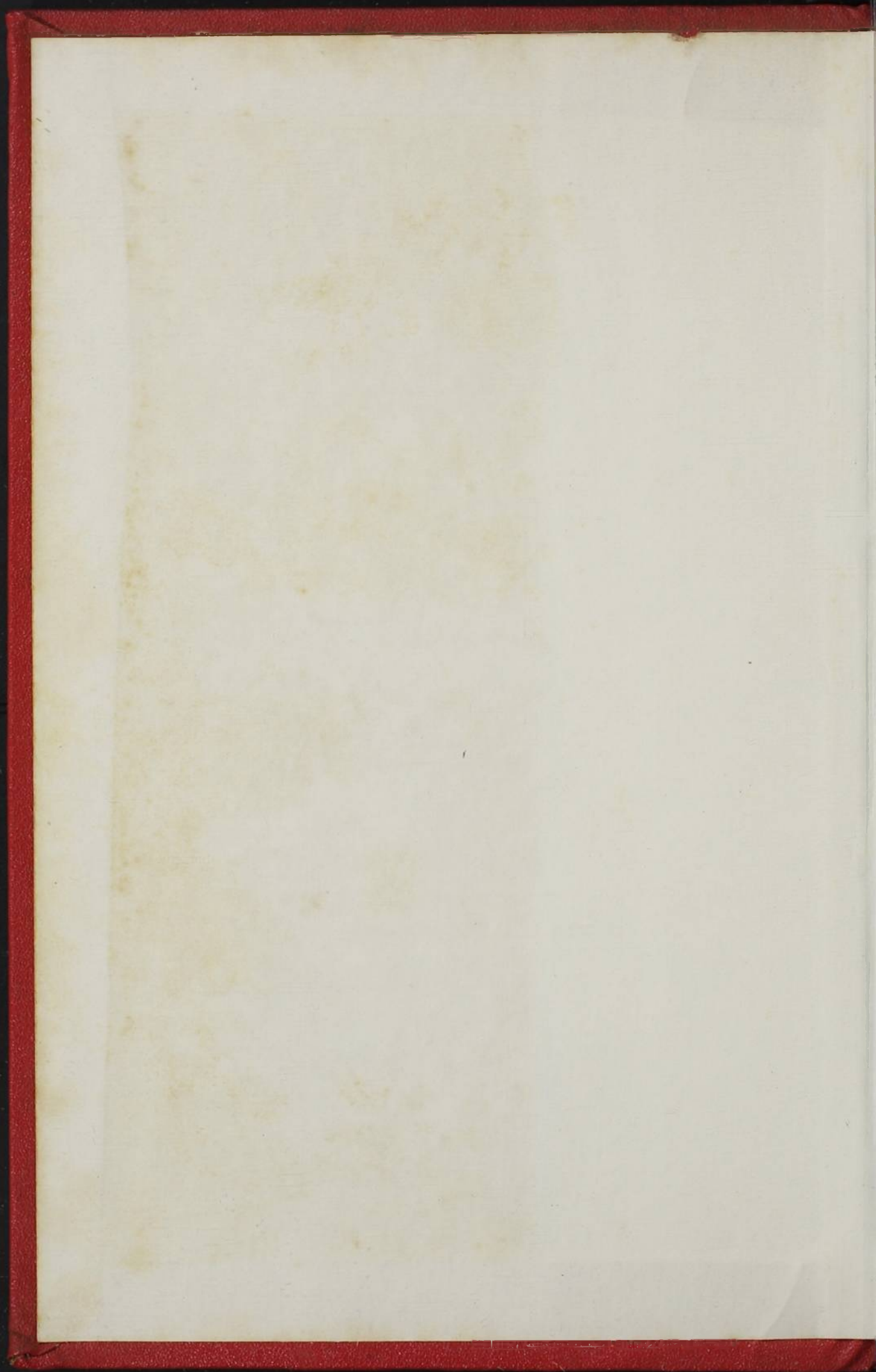






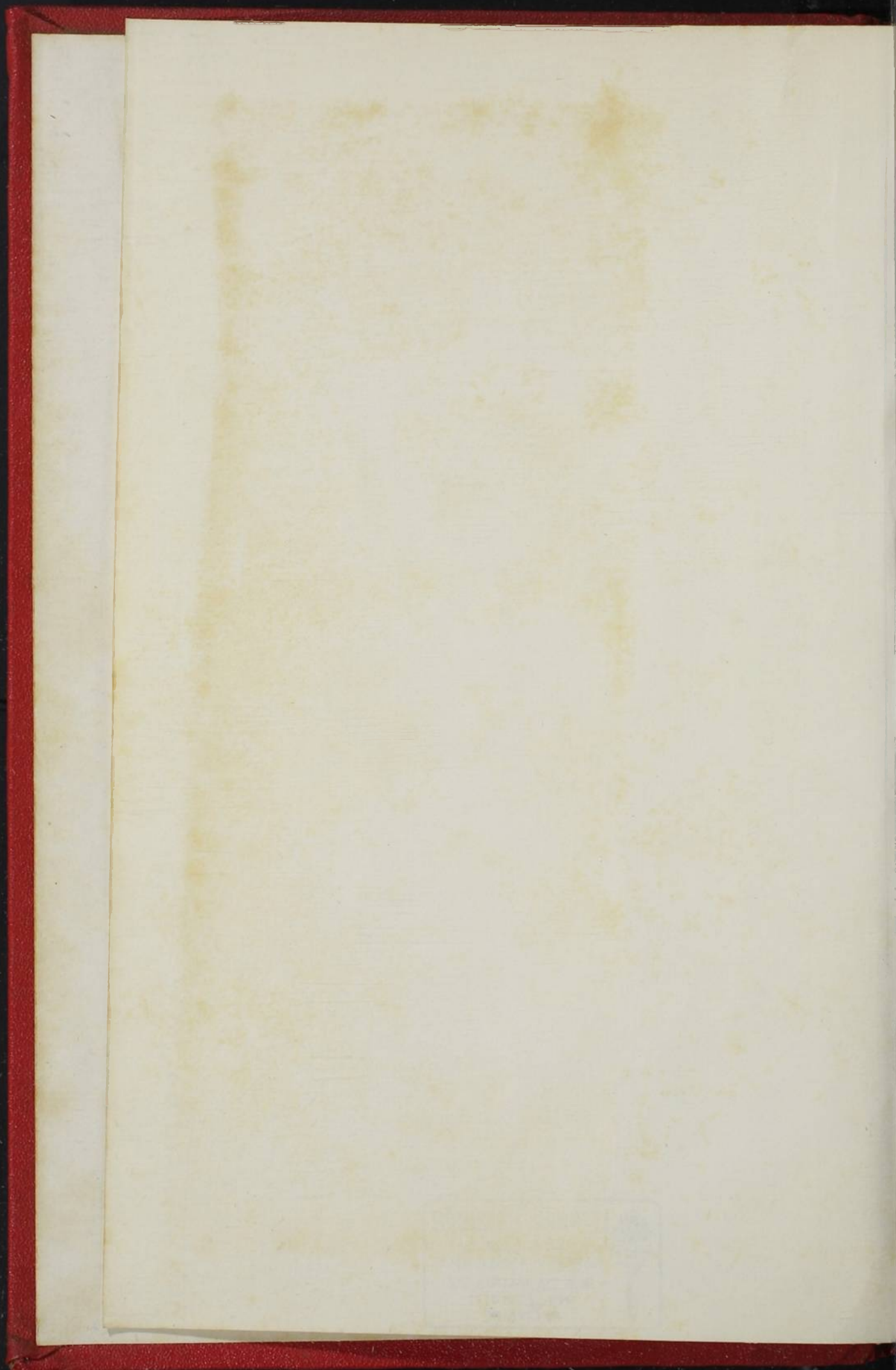
LIVRARIA BRANDÃO

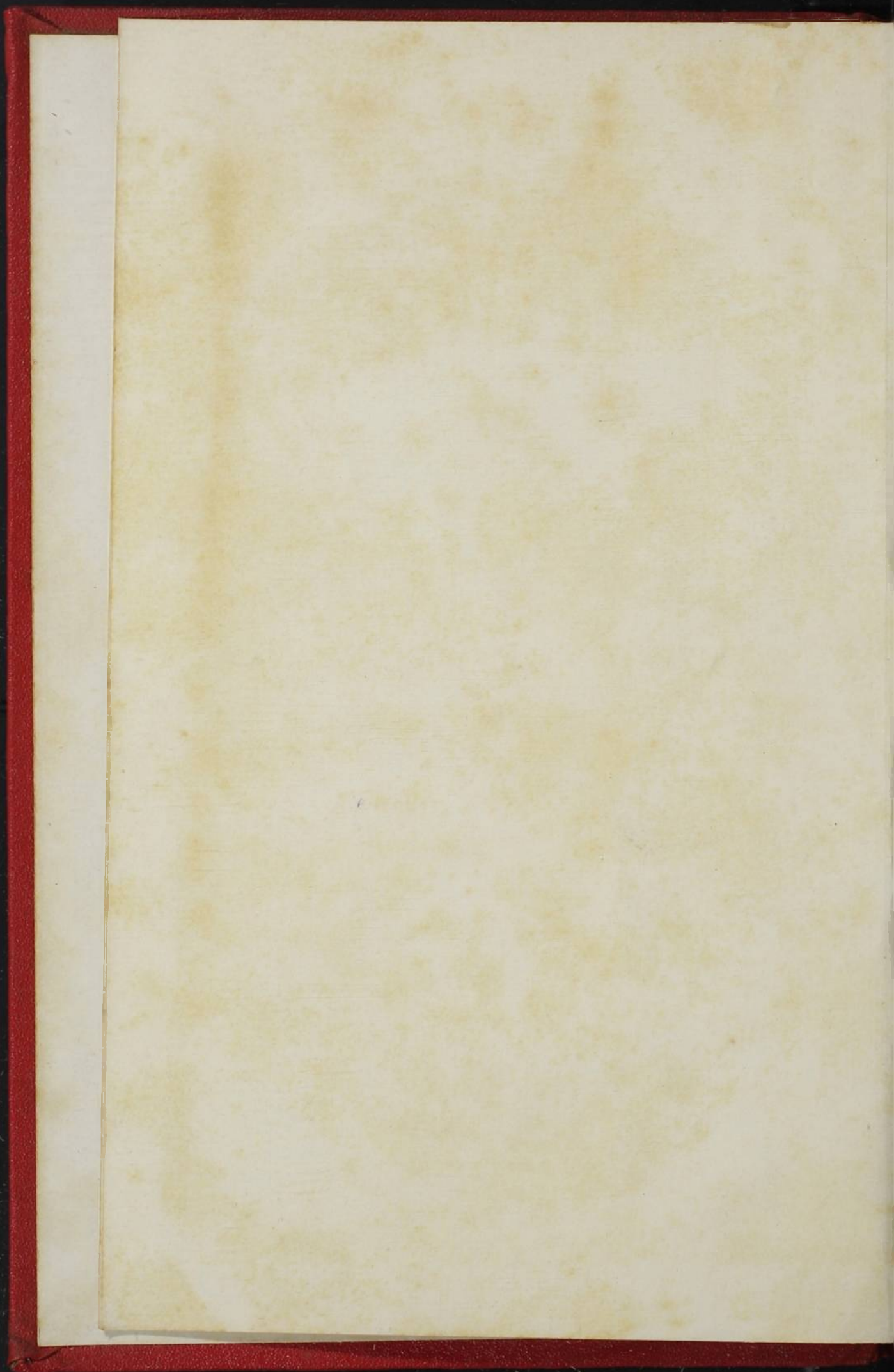
LIVROS USADOS
RAROS E ESGOTADOS

RUA DA MATRIZ, 22

TEL. 222 4171

RECIFE-PE





DISSERTAÇÃO

SOBRE O

ACTUAL GOVERNO DA REPUBLICA

DO

PARAGUAY

Seguida da discripção de Coimbra, do Pão de Asucar, e outros logares: dos actos de vandalismo praticados na provincia de Matto-Grosso por sua ordem, da contestação ao seu pretendido direito a parte do territorio da dita provincia e da indicação dos meios de se lhe poder fazer a guerra em desaffronta das atrocidades e insultos commettidos pelos seus officiaes e soldados.

PELO

DR. ANTONIO CORREA DO COUTO.

João Suppedito Montenegro
21/4/11/906

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Largo de S. Francisco de Paula n. 16.

~~~~~  
1865.



UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

1900

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS  
PUBLISHED BY THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS  
CHICAGO, ILL. U.S.A.  
1900

1900

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

*[Handwritten signature]*

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

CHICAGO, ILL. U.S.A.

1900

1900



**Illm. Sr. Antonio José Alves Machado.**

*A amizade, que me prende a tua pessoa, e o interesse, que observo ligares aos homens e aos negocios da provincia de Matto-Grosso, onde, pelas tuas distinctas qualidades, possues decididos amigos, me levão a dedicar-te este meu ligeiro trabalho, relativo aos ultimos acontecimentos, que desgraçada e inesperadamente, alli tiverão lugar, parecendo-me conveniente traçar ao mesmo tempo o triste quadro da vida ingloria do povo paraguayo, demonstrar os fundamentos dos direitos do Brasil aos terrenos contestados, e indicar as providencias que, a meu ver, são indispensaveis na actualidade. Além d'isso creio ser de algum proveito aos bravos que tiverem de ir verter seu precioso sangue no solo paraguayo, em defesa da honra e integridade do Brasil, a leitura d'este folheto, afim de que possam fazer uma idéa aproximada do que seja aquelle povo, do que valem os soldados com que terão de combater, e das difficuldades que por ventura terão de vencer, até que voltem victoriosos, e cobertos de merecidos louros á receberem as benções da patria agradecida. Assim Deos os ajude e proteja em tão afanoza quão gloriosa tarefa.*

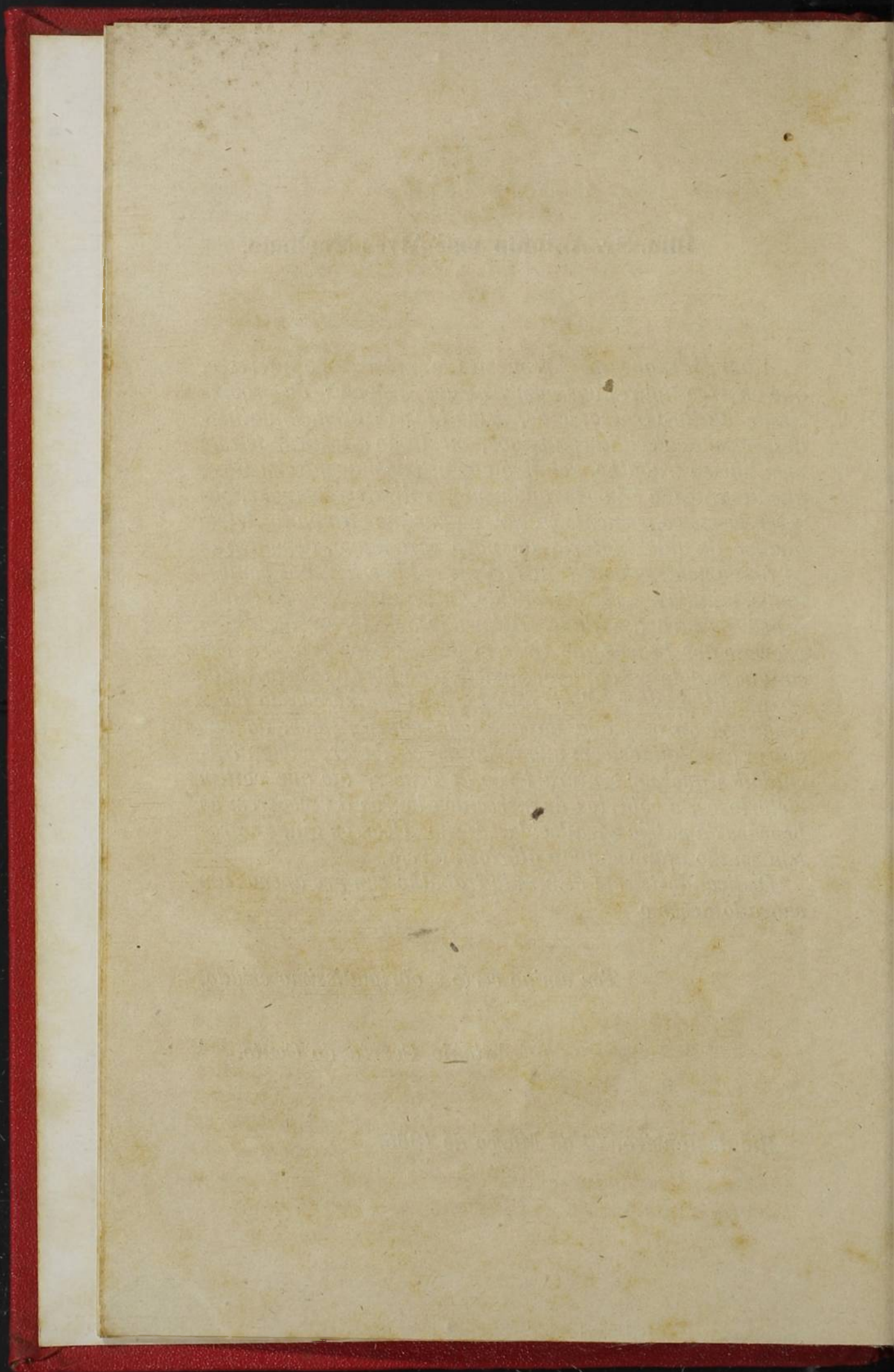
*Dedicando-te este deminuto trabalho cumpre apenas um sagrado dever o*

*Teu amigo certo e obrigadissimo criado,*

*Antonio Corrêa do Couto.*

*Rio de Janeiro, 14 de Março de 1865.*







---

## PRIMEIRA PARTE.

### CAPITULO I.

#### GOVERNO PARAGUAYO.

O despota, que conserva de baixo da mais affrontoza tyrannia o povo Paraguay, tem sido incansavel em querer convencer ao mundo da proficuidade de seu governo e da expontaneidade da vontade popular em supportal-o.

Assim é que agencia em Buenos-Ayres, e em diversos paizes da Europa, pennas mercenarias que procurem levar á convicção aos espiritos incautos de que o governo do Paraguay é o governo por excellencia, o governo normal para todos os povos do Universo, e com especialidade para o desventurado povo que acabrunha.

Esses jornaes mystificadores são os unicos admittidos em Assumpção, os unicos que se encontram na grande sala do Club nacional; estabelecimento que vive sob a protecção occulta da policia, e que sendo só no lugar, com proporções para hospedagem de estrangeiros, estes alli se vem de mistura, dia e noute, com disfarçados espões, e coitado d'aquelle que se atreve a pronunciar uma palavra, se quer, de desaprovação sobre o que observa. Não ha liberdade de pensamento, e consequentemente a tribuna, e a imprensa são condemnadas ao mutismo.



O paraguay se ha constituido uma curiosidade da America, como um ponto ridiculo do globo em que não se póde lançar a vista sem um sentimento de compaixão, pelo aviltamento a que se ha reduzido um povo digno de figurar entre os que mais se adiantão em progresso e civilisação.

Esse povo, entretanto, que não se julga desgraçado na desgraça, porque ainda não experimentou melhor sorte, porque ainda não gozou das vantagens de um governo livre, tem jesuiticamente sido conduzido ao erro, fazendo-se-lhe acreditar que os brasileiros são seus antagonistas, ambiciosos que só desejão apoderar-se do seu paiz para partilha-lo entre si e seus alliados.

O tyranno tem o maior cuidado em consolidar a perpetuidade do seu poder dictatorial na ignorancia, no terror, na corrupção e desmoralização do povo.

Assim é que usurpando o poder espiritual, e a faculdade de consentir ou prohibir casamentos, tem feito com que em toda a Republica se encontrem mui poucas familias unidas pelo sagrado laço matrimonial, e os filhos que nascem desses concubinatos, dessas uniões reprovadas, são condemnados a mais completa ignorancia de que elle proprio dá o exemplo mais saliente.

No paiz não póde haver um só nome conhecido e respeitado.

Além dos da familia do tyranno que reúnem em si todos os predicados de prudencia, sabedoria, riqueza, intelligencia, e valor, ninguem mais é digno no Paraguay da confiança do monstro, senão o tambor Resquim, hoje, alcunhado coronel por haver praticado uma infamia, e o seu cunhado Barrios, que teve o alto merecimento de honral-o por um modo bem singular.

A excepção desses, os que querem manifestar algum sentimento de independencia, e de dignidade são logo votados ao exterminio e seus bens confiscados, e elles ou mortos ou lançados em immundos carceres e subterraneos com prohibição de fallar, escrever, ler, e isto por 24 annos!

Quer isto dizer que morrerão infalivelmente se milagrosamente não chegão a escapar como felizmente acon-



teceu aos prestimosos cidadãos Loizaga, Recalde, Thurburu, Decoud, Padre Maiz e outros martyres da liberdade.

Quasi sempre os que não se julgão habeis para governar, receiando incorrer em desconceito publico, previnem os effeitos da sua imbecillidade, fazendo-se temer pelo emprego de meios violentos, e o seu primeiro cuidado consiste em desmoralizar e estragar os homens, tirando-lhes o prestigio; e quando a despeito de todas as infamias não o podem conseguir, empregão ostensiva ou occultamente os meios indirectos de chegarem ao seu fim, taes como sonhando conspirações, qualificando-os como inimigos de sua pessoa revolucionarios e contrarios a forma de governo do paiz, ou imprestando-lhes defeitos que os impossibilitem de serem lembrados para qualquer cousa em sua patria.

Tambem pretextando uma conspiração contra si achou Nero occasião mui propicia para mandar assassinar Seneca, seu mestre, o poeta Lucano, Petroneo e outros illustres romanos, que o perturbavão em seus nefandos planos de devassidão e de perversidade.

Insignificantes não podem sobre-sahir senão na roda dos mais insignificantes.

As nações carecem de homens em que depositem fé. Estes são os braços fortes dos que governão em seus momentos extremos e arriscados.

Pelo que se vê, o governo da Republica do Paraguay, não é e nunca foi um governo democratico, como convinha e era natural que fosse.

A democracia é o governo do povo, o exercicio da soberania popular, o triumpho completo do principio de igualdade.

No Paraguay ha uma dictadura cruel e brutal, e de cujas decizões não ha appello.

Como entre os Romanos o dictador do Paraguay não é nomeado pelo povo; o dos romanos era nomeado por um dos consules com approvação do Senado, depois de consultado os augures, e durante o silencio e a sombra da noite.



Nascia pois do misterio, e misterioso é tudo no Paraguay, onde o estado vem passando de tyranno a tyranno *par droit de succession*. Segue-se d'ahi que de tudo quanto se goza alli é por favor ou concessão sua.

O sanguinario Dr. José Gaspar Rodrigues de Francia já nos paroxysmos da morte, instado pelo seu curandeiro para que fizesse suas disposições, respondeu cole-ricamente:— No tengo que hacer disposiciones, mis herederos son mis soldados—isto a 20 de Setembro de 1840.

Por esta razão, seus officiaes, depois de sepultado o despota, reunirão-se para continuarem com o mesmo systema de governo, até que por causa de dissensões, estabeleceu-se o governo consular, depois substituído pelo presidencial, sendo eleito D. Carlos Antonio Lopes, que fôra no tempo de Francia muito perseguido, depois de haver sido muito estimado.

Este geitoso despota, como é sabido, deixou em testamento o estado a seu filho D. Francisco Solano Lopes.

Tyranno tão vaidoso como ignorante, acaba de dar a prova mais exuberante de ser tambem leviano ou louco, cavando um terrivel abysmo debaixo dos pés, por apoderar-se, como um salteador, do vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, e dos seus passageiros; ordenando como chefe da quadrilha, que seu, não menos celebre cunhado Barrios, fosse á testa de alguns infelizes e desgraçados, sem dignidade e sem consciencia, saquear a inoffensiva e inerme provincia de Matto-Grosso.

Os tigres, e em geral todas as feras, não acommettem as suas victimas senão a falsa fé, e a traição.

Hoje não ha circumstancia alguma em que se ache um estado que justifique a dictadura — seria um insolente desprezo de todo o direito e de todo o pensamento.

O governo dictatorial é um crime, e uma loucura. A maioria ou antes todo o povo paraguay o repelle em sua consciencia,— mas o profundo abatimento moral em que se acha, o enerva.

A oppressão abafa a sua voz, e a desgraçada Assumpção, triste, solitaria e muda, parece recordar ao viajor o



aspecto sombrio de um vasto cemiterio por onde vagueão figuras inanimadas, ou que já não pertencem a este mundo.—Esse governo que opprime o povo paraguay é illegal, não é a expressão da vontade popular; devem ser banidos os seus oppressores, e os roubos restituídos a seus verdadeiros donos. O tyranno se arroga o direito de dispôr da vida e da propriedade dos cidadãos, tem em fim o *jus vitæ et necis*.

Sectario talvez da theoria de Bentham de que só a lei pôde dar uma esperança certa de tirar-se proveito de uma cousa, a propriedade, segundo seu pensar, é creatura da lei, sem a qual ella não pôde existir; de maneira que a propriedade e a lei devem ter uma existencia simultanea, e isto porque elle julga que a propriedade não é senão a base da esperança que qualquer tem de tirar proveito de uma cousa.

E como no Paraguay a vontade do tyranno é a lei, que não é preexistente ou anterior, mas promulgada sem uniformidade para os casos occurrentes, segundo a qualidade do individuo a quem se vai applicar, segue-se que elle se julga senhor e dispensador do que lhe convém.

D'ahi a doutrina erronea de que no Paraguay tudo é do estado, e o estado patrimonio do tyranno, cuja vontade é a lei.—Consequentemente tudo se possue por favor ou concessão da sua soberana e suprema vontade; d'ahi a vacillação da propriedade, e a nenhuma garantia individual.

D'ahi o direito de permittir ou não permittir que se trabalhe, e de indicar a cada um em que se lhe faculta empregar sua actividade e seu capital.

D'ahi o direito de mandar sahir bruscamente d'Assumpção um dentista francez por não necessitar-se de tal profissão no paiz.

D'ahi o direito de obrigar todos os cidadãos de 12 a 50 annos, a servir como soldados, sendo apenas dispensados os que se empregão gratuitamente no serviço particular do tyranno, em suas immensas fazendas de criação, nos seus hervaes, e no fabrico do tabaco; com o duplo proveito de evitar concurrentes na promp-



tificação dos generos, e de poder impôr os preços quer para os nacionaes, quer para o estrangeiro, chegando a sua ambição monopolisadora a ponto de não consentir que qualquer genero seja exportado senão em vapor do Estado até Montevideo e Buenos-Ayres.

Na pequena lavoura se empregão exclusivamente as mulheres, que são obrigadas a coadjuvar o estado na sustentação dos filhos e maridos soldados, para os quaes não havendo serviço propriamente militar, são empregados na edificação de predios do governo, nos arsenaes, na via ferrea, na construcção de fortalezas, etc.

Desta maneira pôde ter o Paraguay um exercito, como blazona, de 60 mil homens com uma população de 900 mil almas, como poderia o Brasil ter 600 ou 800 mil com 8 milhões de habitantes.

Mas não é possível que o soldado paraguay sirva com a dedicação e patriotismo que tanto podem abrihantar e encorajar um exercito.

Porque o soldado paraguay está sugeito a peniveis trabalhos, a trabalhos que o devem desairar, e degradar a seus proprios olhos.

Além daquelles que já tivemos oportunidade de mencionar, carregão em seus hombros grossos madeiros, de longa distancia, para as construcções do governo, tangidos por guardas ou peões de Chiripá e armados de instrumento aviltante—vara ou rebenque.

Trabalhão como escravos sugeitos ao açoite dos feitores.

Os escravos, porém, tem seus senhores que lhes suprem de roupa e comida.

O soldado paraguay deve comprar a sua custa a camisa de baeta vermelha, seu unico fardamento, e sustentar-se de um pedaço de carne magra, e quasi sempre arruinada, que se lhe dá diariamente.

Dão-se muitos suicidios por causa dos crueis soffrimentos a que estão sugeitos.

O official Romero tendo tido a coragem de lhe observar que seu procedimento era arbitrario mandando chicotear quasi diariamente seu exercito, foi lançado em grilhões, suas dragônas arrancadas, e incummunicavel



foi enviado a viver com as feras no deserto. A Inglaterra que se arvorou em nação protectora dos escravos, só por amor da humanidade, porque consente na desgraça dos infelizes paraguayos ?

Dissemos que elle era o primeiro a dar o exemplo de desmoralisação e de corrupção.

Corre-nos o dever de provar o que avançamos.

Antes da sua celebrisada viagem á Inglaterra, seu divertimento consistia em mandar dar bailes publicos, onde se comprazia em ministrar: — vino con ópio à las senôras madres de ninãs !!!

.....

Não podendo satisfazer os seus desejos brutaes pela resistencia que encontrava da parte da graciosa e encantadora donzella paraguaya,—Garmendia—foi seu pai morto, sua mãe succumbio de desgosto e seu irmão, com aquelle que deveria ser algum dia seu esposo forão presos e remettidos incommunicaveis para as brenhas, ignorando-se ainda qual tenha sido a sorte d'estes infelizes.

A Garmendia é imposta a pena do celibato.

Podendo o malvado prohibir os cazamentos, só uma oitava parte da população é cazada.

Aos estrangeiros é apenas permittido cazarem-se com indias, e cafuzas. Ainda, ha pouco prohibio, energicamente o casamento contratado entre o irmão do consul portuguez e uma moça paraguaya.

A respeito, porém dos desmandos, que soem dar-se em um paiz em taes circumstancias, são elles completamente tolerados.

Deste modo ao anoitecer, e mesmo antes, nas ruas e praças publicas se observão escandalos, que só podem ser tolerados entre seres irracionaes ou nas manadas de carneiros.

Em sua viagem á Inglaterra gastou extraordinaria somma para commetter o crime de seductor, conduzindo uma senhora ingleza cazada, com ostentação apparatusa e indecente para Assumpção, onde vive publicamente com ella, apresentando-a em bailes e theatro, como tivemos occasião de observar, quando alli nos achamos, passando como certo que alguns cidadãos paraguayos têm



sido victimas innocentes dos caprichos d'essa orgulhosa estrangeira.

A este respeito não podemos escrever melhor do que o fez o Redactor da *Semana Illustrada* em o numero 216 de 29 do mez findo, sob a epigraphe — *Miss Lopez* e por isso aqui transcrevemos o chistoso artigo :

“ Ninguém ignora que o dictador do Paraguay repouza dos trabalhos politicos e administrativos no collo de uma Eva britannica.

“ Miss Lopez é bonita, dizem uns, é feia, dizem outros. Eu acho que ella é ingleza, está tudo dito.

“ Aquelle rei, que reune o estado em si, não podia deixar de ter a sua Maintenon.

“ E' preciso imitar os grandes homens, até nos seus caprichos mais insignificantes.

“ Miss Lopez acceitou o logar da viuva Scarron.

“ Dizem que Miss Lopez entretém uma amiudada correspondencia com lord Palmerston, o que não deve ser agradavel ao dictador, pois que lord Palmerston, o lord Cupido de outros tempos, é um dos mais amantes do sexo que tem vindo a este mundo.

“ Não ha muito tempo, apezar dos seus oitenta annos, introduzio elle a desordem n'um casal.

“ Mas Lopez faria n'esse caso a vista grossa, e certo de que a tantas leguas de distancia só póde haver uma reunião mystica, não daria cavaco com a correspondencia.

“ Tudo isto é supposição que veio ao correr da penna.

“ Sabe-se que Miss Lopez e lord Palmerston não se fallão senão de politica ; isto é ainda uma prova de amor que a interessante ingleza dá ao seu presidencial amante.

“ D'aqui vem que se attribue a lord Cupido uma parte na declaração de guerra ao Brasil. A inglaterra não esquece as injurias ; a victoria moral alcançada pelo Brasil foi uma injuria inflingida ao orgulho inglez. E' preciso tirar desforra.

“ Qual será a desforra ? disse consigo o ministro britannico.

“ Uma luta com o Paraguay ; posso auxiliar-o ás occul-



tas, e vingo-me dos outros. Muito bem ! Depressa, uma carta a Miss Lopez.

“ Eis ahi como a nova Helena accende a guerra entre os estados.

“ Em que mãos estão os destinos dos imperios ! ”

Como consecuencia do direito de vida e morte que tem sobre os innocentes paraguayos, ha prohibição absoluta de se sahir da Republica, e aquelles que occultamente o fazem são declarados traidores e infames, e seus bens confiscados.

E como dedução do direito de dispor a sua vontade da propriedade do cidadão, tem feito recahir sobre aquelles que lhe inspirão ciumes e desconfianças multas mui pezadas que os deixão desgraçados.

De outros compra a arroba de herva mate a oito reaes (1600) e a manda vender ou em Montevideo ou em Buenos-Ayres a 8 e 10 patações, isto é a 16 e 20\$000.

Dono ou senhor de todas as estancias da Republica, obriga a que se lhe compre o gado a preço alto, pago em patações ou onças, sem que elle proprio queira receber moeda papel do paiz, quando para os mais ella tem curso forçado.

A outros tira ou compra contra vontade, estipulando elle mesmo o preço, os melhores edificios e terrenos da cidade e dos campos, de cuja arbitrariedade até já foi victima o nosso consul Barbôza.

Em uma palavra todas as variadas e extraordinarias produções do paiz são monopolisadas pelo tyranno e sua familia.

Para commetter todas estas arbitrariedades e despotismo traz o povo na mais completa ignorancia, e só depois que Boenus-Ayres teve a generosidade de offerecer um collegio para estudos dos meninos Paraguayos, foi que forçado pela vergonha do seu procedimento, o despota enviou a estudarem na Europa alguns jovens.

O congresso apenas se reune de 10 em 10 annos somente para tratar da reeleição presidencial, sem que seja pícito a qualquer de seus membros fazer a menor observação sobre a inarcha e actos *del supremo gobierno*.



He prohibida a reunião ainda mesmo de tres pessoas, e por essa razão o illustrado padre Maiz, depois da morte do dictador D. Carlos, tendo formulado um projecto de constituição para o estado, que até hoje apenas se rege por um regulamento que marca as attribuições dos differentes poderes publicos, procurou entender-se com seus amigos da cidade e de fóra a este respeito convocando-os para reuniões em sua casa, e por isso foi repentinamente preso com todos elles, apoderando-se o tyranno de todos os seus papeis e de cartas de individuos de diversos pontos da Republica, que havião addirido a idéa e que tambem forão todos prezos, perfazendo o numero dos encarcerados por tão frivolo motivo 390 homens e algumas senhoras, que ainda gemião nos carceres e nos ferros quando por alli passamos em Outubro de 1863.

Por mero capricho, ou desconfiança, se manda naquelle desgraçado paiz fuzilar um cidadão inoffensivo, como, para evitarmos repetições de exemplos, e não tornarmos-nos enfadonhos, citaremos entre outros o do desgraçado Espinola, que achando-se de visita em uma casa, foi d'alli arrancado, e sem processo fuzilado, mandando-se por escarneo conduzir o seu cadaver pela frente da morada de um nosso ministro, que mostrava distinguir aquelle infeliz mancebo, por descobrir nelle talvez qualidades distinctas e recommendaveis.

Com receio de que se discuta e se descubra a cada momento o quadro horrendo das perversidades de Francia, e do seu digno successor D. Carlos Lopes, uma lei existe que prohibe mesmo conversar-se em referencia aos seus actos de vandalismo.

Jámais se vio em parte alguma semelhante excentricidade.

Ninguem deve receiar ou temer que do elogio das suas boas accções lhe possa resultar mal.

Este facto por si só prova que os proprios tyrannos soffrem horrivelmente tormentosos remorsos pelos actos de despotismo que commettem.

Quem será capaz de recordar no Paraguay o acto de barbarismo de que foi victima o sabio naturalista Bom-



pland em 1827, por causa de seu amor á sciencia; o acto de pirataria contra o vapor explorador *Water-Witch* dos Estados-Unidos sobre o qual se fez fogo, e bem assim contra o vapor francez *Bisson* onde outra vez se achava Amado Bompland?

Qualquer idéa de civilisação e progresso, a não ser aquellas de que o mesmo governo se arvora dispensador, é recebida com execração por aquelle, cuja ferocidade excede a da hyena e a do tigre, em fazer jorrar o sangue de victimas innocentes.

Até o proprio D. Benigno, seu irmão, tem estado condemnado a viver pelos logares desertos do paiz, porque as idéas que bebeu na Europa e no Brasil forão qualificadas como perigosas, sendo-lhe por isso quasi sempre vedada a estada em Assumpção.

Quando uma vez nesse simulacro de congresso que se reúne de vez em quando para fazer constar que consente na continuação do mesmo homem no governo, um membro, o Sr. Rivarola, se atreveu a levantar a voz sustentando a idéa de se dotar o paiz com uma constituição, enfurecido o tyranno pela sua ousadia, o desgraçou, prendendo-o, confiscando seus bens, desterrando-o, e mandando ao mesmo tempo assentar praça de soldado em seu filho D. Manoel Maria, que foi victima de todos os tormentos, e quem sabe se até esquartejado! Semelhante ao voraz lobo da fabula devora os filhos e netos por causa de suppostas culpas dos paes e avós.

Quando esse phantasmagorico congresso se reunio para fazer constar que approvava a verba testamentaria do fallecido tyranno, na qual constituia seu digno filho seu successor, um deputado, cremos que chamado Varella, levantou-se e declarou, que comquanto achasse S. Ex. no caso de bem governar o paiz, e de conduzi-lo ao apogêo de felicidade, comtudo julgava conveniente fazer lembrar que no regulamento fundamental do paiz de 25 de Novembro de 1841, era claro que elle — “nunca jamás será el patrimonio de una persona ó de una familia. ”

Sabemos que esse deputado foi preso, posto mesmo a ferros, e ultimamente quando nos achamos no Paraguay



ninguém se atreveu a dizer-nos qual foi posteriormente o fim deste desgraçado. Depois soubemos que eramos constantemente vigiados por um espião, que sendo conhecido pelos do lugar, fazia com que todos se mostrassem reservados para conosco.

Não ha crime, não ha infamia que o dictador do Paraguay não se julgue com direito a commetter para saciar o seu malevolo desejo de perseguir, de confiscar e de assassinar. Os segredos das cartas são a cada momento violados por sua ordem, debaixo do pretexto de descobrir-se conspirações contra o governo. Seu genio malfazejo não tem paradeiro; e para elle é dia perdido, aquelle em que deixa de praticar um acto de crueldade.

Quando se achou de posse do vapor *Marquez d'Olinda* qual foi o seu primeiro cuidado? Apoderar-se de todos os papeis e correspondencia que encontrou, porque com isso dava pasto a seu genio vingativo e jesuitico.

Sabedor de todas as ordens reservadas do nosso governo, não ha hoje conciliação possivel sem quebra da nossa dignidade.

Quem sabe se o expediente de mandar elle subir sem demora pelo Paraguay cinco vapores com gente sufficiente para tomar Coimbra, Albuquerque e Corumbá, não lhe foi suggerido pela leitura dessa correspondencia, por meio da qual talvez conhecesse nossa fraqueza e o estado indefeço da provincia de Matto-Grosso, visto que entre nós, infelizmente, muita cousa manda-se fazer só apparentemente?

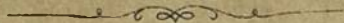
Elle ameaça francamente o governo de Buenos-Ayres de transpôr, ainda contra sua vontade, a fronteira para nos fazer a guerra no Rio Grande, ou para proteger Montevidéo. O seu semanario diz sem reboço que ha uma alliança secreta entre Mitre e o governo do Brasil; em fundo isto patentêa pouco caso dos recursos da Confederação.

Não é possivel que Buenos-Ayres, que sabe por experiencia, quanto é oppressor e pesado o jugo de um tyranno, consinta na continuação dos padecimentos do povo Paraguay — de um povo innocente que não soffre

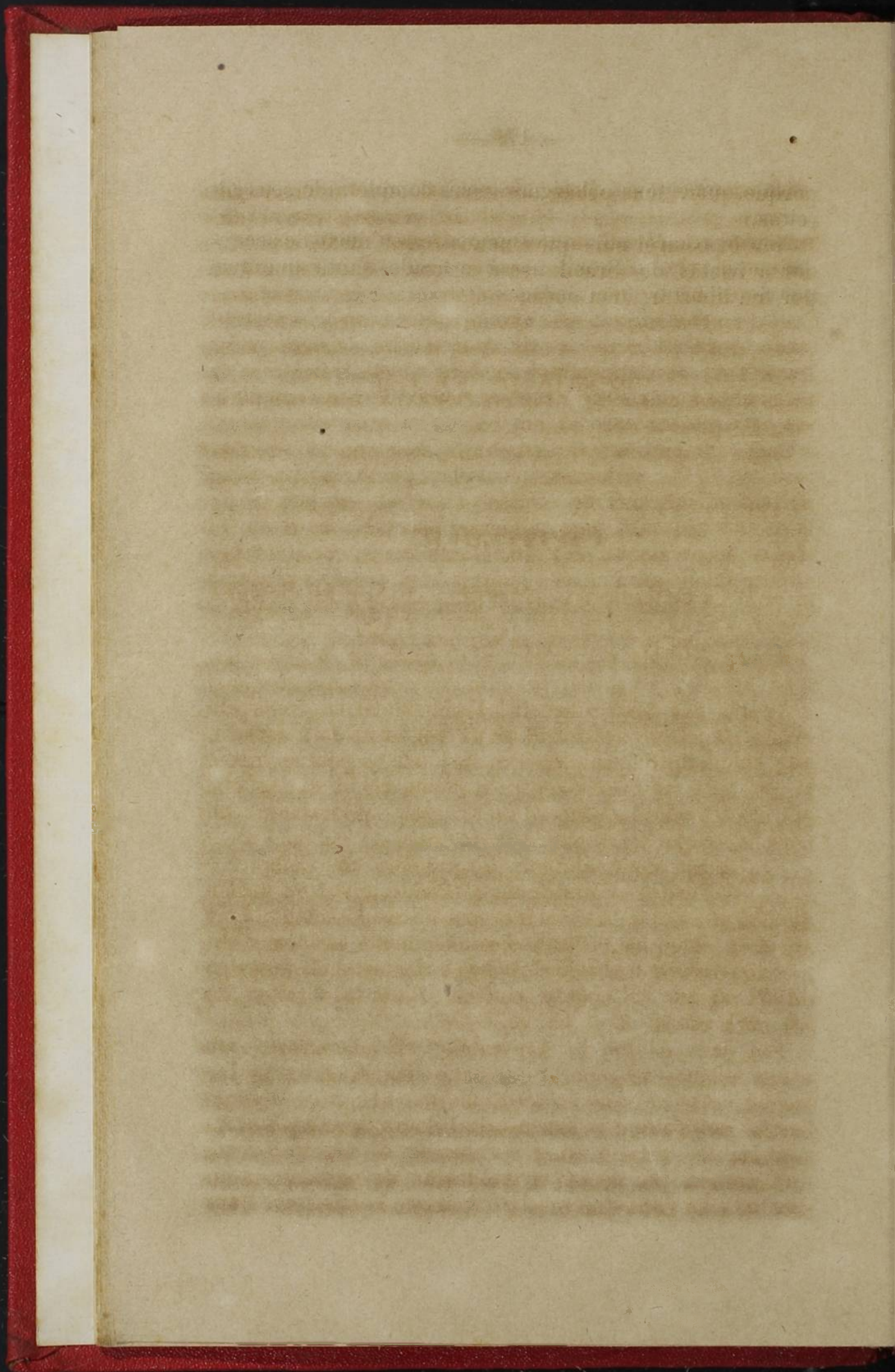


porque quer, mas pela ignorancia completa de seus direitos.

Não é possível pois que Buenos-Ayres deixe de secundar as vistas do Brasil nessa cruzada santa que tem por fim libertar uma nação.









---

## SEGUNDA PARTE.

### CAPITULO II.

FUNDAÇÃO DE MIRANDA—PRIMEIRO ATAQUE DE COIMBRA  
PELOS PARAGUAYOS HESPANHOES EM 1801—SUA RETI-  
RADA—TOMADA DO FORTE DE S. JOSE' DO APPA.

Tendo em 1797 o general de Matto-Grosso recebido ordem da côrte para fortificar as fronteiras da capitania, por ser natural que o choque das armas portuguezas e hespanholas se fizesse sentir nas suas colonias, fez elle recrutar avultado numero de dragões e pedestres, que marcharão por terra para a fronteira.

Era então commandante do presidio de Coimbra o ajudante Francisco Rodrigues do Prado, que teve ordem de S. Ex. para fundar na margem do rio Mondego, hoje Miranda, o presidio deste nome, sendo em seu lugar nomeado commandante de Coimbra e dos estabelecimentos do Paraguay o tenente coronel Ricardo Franco de Almeida Serra.

Em data de 23 de Agosto de 1801 participou este commandante ao general que os indios Guaycurús lhe havião noticiado que no forte de Bourbon, hoje Olympo havião sabido que D. Lazaro da Ribeira, governador em Assumpção, era alli esperado por ter de atacar o forte de Coimbra. O tenente coronel tratou de agradar os indios não só para que se não tornassem hostis, como para



não venderem cavallos aos hespanhóes, que muito sollicitavão esta compra.

No dia 12 de Setembro, depois de ter pedido soccorro á villa de Cuiabá, fez o commandante descer duas canôas com o fim de saber dos indios, que vivião proximos de Bourbon, qual o movimento dos hespanhóes.

Em caminho, na bocca da Bahia negra, 10 leguas abaixo de Coimbra, forão as ditas canôas atacadas por mais de 20 canôas de indios Payaguás, com alguns hespanhóes que gritavão para os nossos que se entregassem. Os portuguezes, apenas com sete tiros, fizeram afastar aquelles indios e hespanhóes, retirando-se a salvos.

Isto sem duvida veio confirmar ao Tenente-Coronel de que seria proximamente atacado, occasião esta em que o presidio se achava sem gente, sem armas e sem munição de qualidade alguma, estado quasi igual ao que se achou sob o commando do tenente-coronel Porto-Carrero.

Quando se preparavão soccorros em Cuyabá, prestando n'essa occasião relevantes serviços o Dr. Juiz de fora Joaquim Ignacio Silveira da Motta, chegou alli aviso de Coimbra de que no dia 16 de Setembro fôra aquelle presidio atacado por tres grandes sumacas hespanholas, que fizeram um terrivel fogo até a manhã do dia seguinte, e que como vissem que a nossa pequena artilharia os não podia offender na margem opposta do Paraguay, se passarão para o lado de cima do presidio a seo salvo.

Tudo se envidou então para soccorrer a fronteira.

Não havião armas, nem munições algumas de guerra nos armazens, não havião embarcações no porto, nem esperanças de apromptar com velocidade o soccorro.

A actividade porém do Juiz de fóra Silveira da Motta, estando o general então na cidade de Matto-Grosso, removeu todas as difficuldades.

A pezar de doente foi pessoalmente por todas as casas dos moradores da villa descobrir armas, e deu ordens neste sentido para que fossem arrecadadas todas as espingardas que houvessem, deixando-se só as necessarias para guarda das fazendas e dos sitios dos assaltos dos indios e feras, reunindo ao mesmo tempo na casa de sua



residencia os melhores ferreiros para concertarem as que de concerto necessitassem, sustentando-os a sua custa, e fazendo-os trabalhar dia e noute, empregando da mesma forma selleiros e carpinteiros em diferentes obras, em cujas officinas effectivamente se achava para promover o adiantamento dellas.

Deu positivas ordens para que os lavradores concorressem com os viveres precizos, e os lavradores corresponderão a expectativa publica.

Officiou aos moradores da beira do rio Cuyabá que concorressem com as suas melhores canôas.

Pessoalmente compareceu nas lojas para comprar os generos que as circumstancias exigião pelo menor preço possível, pagando tudo com pontualidade.

Convocou uma reunião do mestre de campo José Paes Falcão das Neves, o capitão-mor Antonio Luiz da Rocha, o ajudante Luiz Eller, e outros para deliberarem o que melhor se devia fazer em taes apuros.

Forão de opinião que se fosse remettendo o que estivesse prompto em quanto se tratava de promptificar o mais e se esperava pelo general.

Logo depois chegou ordem sua para que o tenente coronel Candido Xavier de Almeida e Souza, que regressava para S. Paulo, fosse o incumbido de conduzir o soccorro, o que se cumpriu.

Tudo havia ficado subordinado a defesa da capitania, e a salvação della era a suprema lei.

A casa do juiz de fora se transformou em paiol de polvora, e cincoenta dragãos se occupavão incessantemente em fazer cartuxos.

No dia 31 de Outubro fez-se a expedição dos primeiros soccorros, composta de quinze canoas e um bote com a força que havia (300 homens) tudo debaixo das ordens do tenente coronel Candido Xavier.

Chegão entretanto canôas de Coimbra com aviso do commandante do presidio Almeida Serra, de que depois do dia 16 de Setembro em que fora atacado pelos hespanhoes, que fizeram fogo até o dia 17, içarão bandeira branca, e d'entre muitos homens que se dirigirão em canôas para o lado do forte, sahira um conduzindo uma



carta de D. Lazaro da Ribeira, ao tenente coronel Ricardo Franco, do theor seguinte.

“ Ayer tarde tube la honra de contestar al fuego que V. S. me hizo, y habiendo reconocido en aquellas circunstancias que las fuerzas com que inmediatamente voy atacar esse fuerte son mui superiores á las de V. S. no puedo dejar de hacer ver en este momento que los vasallos de S. M. Catholica saven respetar las leyes de la humanidad, aun en medio de la misma guerra. Por tanto yo requero a V. S. se rienda prontamente a las armas de El-Rey my amo, pues de lo contrario el canon y la espada decidiran la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraçada guarnicion todas las extremidades de la guerra, de cuyos estragos se verá libre si V. S. conviene com mi propuesta, contestando-me categoricamente en el termino de una ora.

A bordo de la sumaca Nuestra Senôra del Carmen 17 de Septiembre 1801.—De V. S. su atento y reberente servidor.

Lazaro de Ribeira. S. comandante del fuerte de Coimbra „.

Sendo esta carta entregue ao nosso commandante em chefe, e lida por elle, teve a resposta seguinte :

*Illm. e Exm. Sr.*

“ Tenho a honra de responder categoricamente a V.Ex. que a desigualdade de forças sempre foi um estimulo que animou os portuguezes, por isso mesmo a não desampararem os seus postos, e a defendel-os até as duas extremidades, ou de repellir o inimigo, ou a sepultarem-se debaixo das ruinas dos fortes que se lhes confiarão; e nesta resolução se achão todos os defensores d'este prezidio, que têm a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Ex., a quem Deos guarde por muitos annos.

Coimbra, 17 de Setembro de 1801.

*Illm. e Exm. Sr. D. Lazaro da Ribeira. — Ricardo Franco d'Almeida Serra.*



Exasperado o animo de D. Lazaro com semelhante resposta, no dia seguinte 18, passou a parte de cima do forte parecendo querer desembarcar, mas repellido por incessante fogo de arcabuzes, e tendo perdido sete dos seus, tratou da retirada para a parte opposta do rio sem dar um tiro. A 19 passou para a parte debaixo do presidio, e d'ahi fez um terrivel fogo.

A 20 mandou uns soldados a horta tirar verduras, e outros a procura de porcos e gado, mas de uma emboscada, da ponta do matto, fez se lhes fogo, morrendo cinco, e ficando outros feridos, que a custo puderão safar-se.

Depois tratarão de nos fazer fogo compassadamente com a sua insignificante artilharia de calibre de 4, 6 e 8.

Ainda no dia 24 fizeram fogo contra o forte até a noute, em que começarão a retirada dizendo D. Lazaro que assim procedia porque a gente do forte era tão pouca, que não valia a pena batê-la, que voltaria para isso logo que se reunisse mais.

A perda do inimigo foi de 20 homens, sem que da parte do forte houvesse damno algum a excepção do encommodo.

Até hoje não se atreverão mais os do Paraguay a internarem-se pelo Matto Grosso, cabendo, depois de passados 64 annos, ao actual ambicioso tyranno do Paraguay a desdita de fazer lembrar a retirada vergonhosa de D. Lazaro da Ribeira, pela pratica de actos os mais vergonhosos neste seculo de luzes.

Nessa occasião os soldados de D. Lazaro subião a 600, e a guarnição do forte constava de 42 homens.

Então, como agora, a nós coube a gloria do combate, neste forte, e ao inimigo perda e vergonha.

Em desaffronta ao ataque feito por D. Lazaro ao forte de Coimbra em 16 de Setembro de 1801, marcharão para as fronteiras do Paraguay, além do rio Apa, o commandante do presidio de Miranda, tenente de dragões Francisco Rodrigues do Prado, e o alferes de milicias Francisco Xavier Pinto com 55 praças entre dragões, pedestres e milicianos.

Na vespera do dia 1º de Janeiro de 1802 passarão o



Rio e derão de assalto na madrugada desse dia no forte paraguayo S. José, hoje conhecido pelo nome de Bella Vista.

Este estava guarnecido com 106 soldados, além do commandante capitão D. João Cavalheiro, e um alferes.

No assalto foi morto o commandante, 3 soldados, ficando muitos feridos, rendendo-se o resto.

Ao amanhecer, pois que tudo tinha sido obra de um momento, o commandante Prado mandou sepultar os mortos e curar os feridos recolhendo-os a uma casa.

Logo se apresentarão os indios Guaycurús com o proposito firme de fazerem pilhagem, que se verificou em arcabuzes, espadas, roupas, 400 cabeças de gado vacuum e cavallar, sendo conduzidos para a nossa banda ao norte do Apa, duas peças de artilharia, uma de calibre tres, outra de um, e quarenta arcabuzes.

Depois disto mandou o commandante Prado demolir o forte, que foi mais tarde reconstruido — um alferes e seis soldados que o commandante julgou conveniente conduzir prisioneiros, forão mandados pôr em liberdade pelo general Caetano Pinto Miranda Montenegro.

No referido assalto só foi ferido levemente um soldado dos nossos.

Este feito d'armas torna bem patente: 1º que então, como hoje, os paraguayos não nos vencerão, porque agora encontrarão os pontos abandonados; 2º que já naquelle tempo seus dominios não se estendião como inda hoje, além do Rio Apa, que com toda a justiça propuzemos em 1856, para linha divisoria entre a Republica e a provincia de Matto-Grosso pela parte do Rio Paraguay.

O acto de pirataria praticado por ordem do actual presidente da Republica assim contra o vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, como contra o Forte de Coimbra, Albuquerque, Corumbá, Miranda e Nioack, tem levantado em todos os pontos do Imperio, onde ha chegado a surprehendente noticia, um brado unisono de indignação, que faz honra aos brios e patriotismo dos brasileiros, porque *vim vi repellere licet*.



### CAPITULO III.

#### PRETENÇÃO DO DESPOTA A EQUILIBRISTA DOS NEGOCIOS DO RIO DA PRATA.

Tendo sido o unico cuidado do dictador D. Carlos militarisar a Republica desde 1841, encontrou o actual dictador D. Francisco Solano Lopes ao empossar-se das redeas da tyrannia grande numero de homens em armas, e petrechos bellicos, que o fizeram acreditar que sua missão consistia em arvorar-se em supremo arbitro das questões sul-americanas.

Suas aspirações, açuladas pela sua ignorancia, tiveram origem desde que, em vida ainda de seu pai, servio de mediador entre Buenos-Ayres e Urquiza.

Ultimamente querendo arrogar-se o direito de iniciador e mantenedor da politica de equilibrio do Rio da Prata, sentio-se despeitado por não ter sido admittido como mediador nas questões pendentes entre o Imperio e o Estado Oriental, despeito que deixa bem patente em seu protesto de 30 de Agosto, na sua nota de 17 de Junho ao ministro brasileiro, e na de 30 de Agosto ao ministro Oriental, todas do anno passado.

N'esta nota ao ministro Oriental D. José Vasquez Sagastume, deixa ver o tyranno que sendo a salvação dos direitos e soberania do povo oriental, condição necessaria do equilibrio do Rio da Prata, elle esperava alcançar esse resultado *com sua acção independente*, isto é, atacando a provincia de Matto-Grosso, como se de semelhante maneira elle não concorresse directamente para lançar fóra da concha da balança o proprio Paraguay, quebrando o mesmo equilibrio, que elle tanto procurou sustentar.

Com effeito rompeu o regulo paraguay o suas hostilidades contra o Brasil aprisionando no dia 12 de Novembro do anno findo o vapor da companhia Brasileira de Navegação do Alto Paraguay, *Marquez de Olinda* com todos os passageiros e cargas e a cujo respeito deu o *Semana-rio*, folha official d'Assumpção a noticia seguinte: No dia 12 do corrente, algumas leguas ácima d'Assumpção, o va-



por de guerra nacional *Taquary*, intimou ao paquete brasileiro *Marquez de Olinda* que voltasse a prôa, aguas abaixo, e, ainda que a seu pezar, cumpriu a ordem, e continúa fundeado no porto da Bahia Negra sob a vigilancia da marinha nacional. ”

Deve-se notar que nesta noticia houve um embuste proprio do governo paraguay, porque o porto da Bahia Negra está abaixo de Coimbra, em territorio exclusivamente brasileiro, e o vapor *Marquez de Olinda* não havia passado ainda em frente da Villa da Conceição quando foi intimado a voltar.

Este facto proprio de um povo barbaro não tem exemplo na historia do direito das gentes, é original do Paraguay, como original é o seu anachoretico governo.

A que titulo este brusco rompimento para conosco?

A titulo de represalias? .... mas com que fundamento? ....

O exercicio deste direito entre as nações consiste em fazer sentir a nação inimiga, o mesmo damno que della se recebeu.

Mas qual o damno, qual a provocação recebida pelo Paraguay da nossa parte para nos insultar e injuriar de uma maneira nunca vista nos annaes de direito das gentes?

Nos ensina Vattel que á obrigação de zelar pela sua segurança e pela sua gloria, corresponde o direito a qual-quer nação de não tolerar injurias.

E se entre os Estados não ha juizes, nem arbitros communs para decidir de suas questões, ha necessidade de recorrer-se á força como unico meio de reparação.

E essa reparação deve ser proporcional a grandeza da affronta que recebemos, sob pena de nos aviltarmos.

E para isso todo aquelle em cujo peito palpar coração brasileiro deve correr ás armas, sob pena de perdemos, como nação, a força moral perante as outras nações.

Ainda bem que o patriotismo do povo brasileiro, pela segunda vez, no espaço de dous annos, tem podido fazer convencer ao mundo de que elle morrerá, e se extinguirá, antes que se renda, na defeza de seus direitos, da sua honra e da integridade de sua patria.



## CAPITULO IV.

ACTOS SUBSEQUENTES AO APRESIONAMENTO DO “ MARQUEZ DE OLINDA,” QUE É DECLARADO BOA PRESA.—NOTAS TROCADAS ENTRE NOSSO MINISTRO E O DO PARAGUAY: DECLARAÇÃO DE GUERRA.—RETIRADA DO SR. SAUVAN.—ACTOS DE INQUALIFICAVEL BARBARISMO COM OS PRISIONEIROs.

O nosso ministro residente em Assumpção o Sr. Cezar Sauvan Vianna de Lima, em consequencia do acto inqualificavel do governo Paraguay, e da declaração *in continenti* de guerra, pedio seus passaportes, mas negarão-lhe os meios de retirada por espaço de 14 dias, durante os quaes sua casa sempre esteve cercada.

Para que lhe proporcionassem os meios de retirada foi necessaria a intervenção do Sr. Wasburn, ministro Americano.

O nosso ministro desceu para Buenos-Ayres onde chegou a 6 de Dezembro.

A correspondencia diplomatica trocada sobre este assumpto entre S. Ex. e o ministro das relações exteriores do Paraguay foi a seguinte:

“ Ministerio de relações exteriores.—Assumpção, 12 de Novembro de 1864.—O abaixo assignado, ministro e secretario de estado de relações exteriores, recebeu ordem do Exm. Sr. presidente desta republica para dizer a V. Ex.

“ Que apezar dessa legação na sua nota do 1º de Setembro proximo passado, em resposta á nota protesto deste ministerio de 30 de Agosto, ter affirmado que de certo nenhuma consideração faria retroceder o governo imperial na politica que adoptava para com o governo oriental, o abaixo assignado esperou sempre que a moderação do governo imperial e a consideração dos seus verdadeiros interesses, bem como os sentimentos de justiça que constitue a garantia da responsabilidade de todo o governo, influiriam no seu animo para que, apreciando o exposto na citada nota de 30 de Agosto, adoptasse uma politica mais conforme aos interesses geraes e equilibrio



do Rio da Prata, como por si mesmo aconselhava tão grave situação.

“ Mas é com profunda pena que o governo do abaixo assignado vê que, longe de terem merecido attenção do governo imperial a sua moderação, as declarações officias de 30 de Agosto e a confirmação de 3 de Setembro respondeu elle com actos aggressivos e provocadores, occupando com forças imperiaes a villa de Mello, cabeça do departamento oriental do Serro Largo, a 16 do passado, sem prévia declaração de guerra, nem outro acto publico dos que prescreve o direito das gentes.

“ Este acto violento e assignalada falta de consideração que esta republica merece ao governo imperial chamarão seriamente a attenção do governo do abaixo assignado sobre as suas ultteriores consequencias, sobre a lealdade da politica do governo imperial, e sobre o seu respeito pela integridade desta republica, tão pouco recommendada já pelas continuas e clandestinas usurpações dos seus territorios, e poem o governo nacional no indeclinavel dever de lançar mão dos meios reservados no seu protesto de 30 de Agosto, da maneira que julgar mais propria para conseguir os fins que motivarão aquella declaração, usando assim do direito que lhe assiste para impedir os funestos effeitos da politica do governo imperial, que ameaça não só deslocar o equilibrio dos estados do Prata, mas tambem atacar os maiores interesses e a segurança da republica do Paraguay.

“ Em consequencia de uma provocação tão directa, devo declarar a V. Ex. que ficão rotas as relações entre este governo e o de Sua Magestade o Imperador, fechada a navegação das aguas da republica á bandeira de guerra e mercante do imperio do Brasil, debaixo de qualquer pretexto ou denominação que seja, e franqueada a navegação do rio Paraguay para o commercio da provincia brasileira do Mato-Grosso á bandeira mercante de todas as nações amigas, com as reservas autorisadas pelo direito das gentes.

Aproveito a occasião para reiterar a V. Ex. os protestos da minha consideração e estima.—*José Berges.*—A



S. Ex. o Sr. Cezar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de Sua Magestade o Imperador do Brasil etc.

“ Legação imperial do Brasil.— Assumpção, 13 de Novembro de 1864.— Neste instante, 9 horas da manhã, fui informado de que o paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, sahido deste porto para Matto-Grosso ante-hontem ás 2 horas da tarde, levando a seu bordo o Sr. presidente nomeado para aquella provincia, se acha desde esta madrugada ancorado no porto da Assumpção e debaixo das baterias do vapor de guerra paraguayo *Tacuari*.

“ Não se tendo o commandante do dito paquete apresentado nesta legação, para explicar o motivo da sua inesperada volta, devo suppôr fundadas as noticias que aqui correm de ter aquelle vapor brasileiro sido perseguido e detido pelo *Tacuari* que largou deste ancoradouro poucas horas depois do *Marquez de Olinda*, e achar-se actualmente incommunicavel com a terra.

“ Em taes circumstancias, dirijo-me immediatamente a V. Ex., pedindo-lhe explicações sobre o facto grave que acabo de expôr.

“ Reitero a V. Ex., etc.— *Cesar Sauvan Vianna de Lima*.— A S. Ex. o Sr. D. José Berges, ministro e secretario de estado das relações exteriores da Republica do Paraguay. ”

“ Ministerio das relações exteriores. Assumpção, 14 de Novembro de 1864.— Acabo de tomar conhecimento da nota que V. Ex. tinha feito entregar nesta repartição hontem, domingo, com a data do dia, pedindo explicações sobre a detenção do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que tendo sahido deste porto para Matto-Grosso na tarde de 11, se achava de volta desde a madrugada de hontem, ancorado debaixo das baterias do vapor *Tacuari*.

“ Tenho por escusado toda a explicação sobre este assumpto, visto dever V. Ex. achal-a na nota que já tive a honra de dirigir a essa legação a 12 do corrente.

“ Aproveito esta occasião, etc.— *José Berges*.— A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima, etc. ”



“ Legação imperial do Brasil.— Assumpção, 14 de Novembro de 1864.—Sr. ministro.— Hontem á noite chegou-me ás mãos a nota de V. Ex., datada do dia anterior, communicando-me que recebera ordem do Exm. Sr. presidente da republica para declarar-me, que, em consequencia de não haver sido attendido pelo meu governo o protesto contido na nota de V. Ex. de 30 de Agosto ultimo contra a entrada de forças imperiaes no Estado Oriental, ficavão interrompidas as relações entre os dous governos, e impedida a navegação nas aguas desta republica para a bandeira de guerra e mercante do imperio, sob qualquer pretexto ou denominação que seja.

“ E’ sem duvida devido a esta grave resolução do governo de que V. Ex. faz parte, o acto de violencia commettido sobre o paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que se dirigia para Corumbá, levando a seu bordo o Sr. presidente novamente nomeado para a provincia de Matto-Grosso, acto sobre o qual me apressei hontem mesmo a pedir a V. Ex. explicações que inda não recebi, continuando o commandante, passageiros e tripolação do paquete a permanecer detidos e incommunicaveis com a terra.

“ Ante este estado de cousas, prescindindo de discutir as considerações com que V. Ex. acompanha a sua comunicação, e limito-me a protestar do modo mais solemne, em nome do governo de Sua Magestade o Imperador, contra o acto de hostilidade praticado em plena paz contra o referido paquete *Marquez de Olinda*, em violação do que foi convencionado entre os paizes ácerca do transito fluvial, e desde já resalvo os direitos da companhia de navegação do Alto Paraguay pelas perdas e danos que o dito paquete soffra e venha a soffrer em suas viagens, em consequencia da decisão tomada pelo governo da republica.

“ Tendo, portanto de retirar-me quanto antes desta capital, peço a V. Ex. sirva-se mandar-me os passaportes para mim, minha familia, o secretario da legação e comitiva, afim de poder seguir viagem no paquete *Marquez de Olinda*.



“ Reitero a V. Ex. as expressões da minha distincta consideração.— *Cesar Sauvan Vianna de Lima*.—Ao Sr. D. José Berges, ministro e secretario de estado das relações exteriores da Republica do Paraguay. ”

“ Ministerio das relações exteriores.—Assumpção, 14 de Novembro de 1864.—Recebi a nota que em resposta á deste ministerio de 12 do corrente, V. Ex. me fez a honra de dirigir com data de hontem, protestando contra a detenção do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, a respeito da qual havia pedido explicações, que diz não ter recebido, attribuindo o acto á annunciada resolução do meu governo e pedindo passaporte para retirar-se quanto antes desta capital com o pessoal da legação.

“ Se ao fechar a nota a que alludo V. Ex. não tinha recebido a minha resposta á nota no dia 13, em que pedia explicações, te-la-ha recebido immediatamente depois, e por ella se terá informado V. Ex. de que não se illudio, attribuindo a detenção do *Marquez de Olinda* á minha nota de 12 do corrente.

“ Junto tenho a honra de enviar a V. Ex. o passaporte que solicita para retirar-se quanto antes desta capital com sua familia, o secretario da legação e sua comitiva.

“ Aproveito esta occasião para renovar a V. Ex. a expressão de minha distincta consideração.—*José Berges*.—A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de Sua Magestade o Imperador do Brasil, etc. ”

“ *Circular*.—Ministerio das relações exteriores.—Assumpção, 17 de Novembro de 1864.—O abaixo assignado, ministro e secretario do estado das relações exteriores recebeu ordens do Exm. Sr. presidente da republica para transmittir ao conhecimento de V. Ex. que, tendo-se verificado a 12 de Outubro proximo passado a invasão e occupação do territorio oriental do Uruguay pela vanguarda do exercito imperial do Brasil, sob o commando do brigadeiro Menna Barreto, e realizando-se assim o caso previsto do solemne protesto de 30 de Agosto ultimo, consequente com aquella declaração e a de 3 de Setembro, o abaixo assignado dirigiu a S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de



Sua Magestade o Imperador nesta capital, a resolução que V. Ex. achará na cópia junta debaixo do n. 1 e a resposta debaixo do n. 2.

“ O abaixo assignado lisongea-se de que nos principios da livre navegação e commercio licito para a provincia de Matto-Grosso, em favor das bandeiras amigas, querará V. Ex. vêr a manifestação do vivo desejo que o seu governo tem de circumscrever quando delle depender os males da guerra ás praticas das nações mais civilisadas, evitando prejuizos aos nacionaes de governos amigos que tenham interesses naquella provincia brasileira.

“ O abaixo assignado aproveita esta occasião para reiterar a V. Ex. a segurança de sua alta consideração e estima.—*José Borges.* ”

Tendo o vapor *Marquez de Olinda* em seu poder, derão-se por parte do tyranno alguns actos que demonstrão requinte de brutalidade e malvadeza.

Achando-se o vapor no porto de Assumpção forão introduzidos a bordo homens armados de reffes.

No dia 15 de Novembro forão a bordo tres officiaes e dous paizanos para examinar o livro e os papeis do navio, os quaes com toda a correspondencia e 400 contos em dinheiro que se remettia para as despesas da Provincia de Matto-Grosso, forão conduzidos para terra, e d'ahi para o palacio do dictador.

Apoderárão-se logo da machina do vapor.

No dia 16 passarão a examinar minuciosamente toda a bagagem dos passageiros e carga do navio, exame que se estendeu até as equipagens da tripolação e ao carvão.

Os passageiros constavão do presidente nomeado para Matto-Grosso, o deputado pela provincia do Rio de Janeiro, coronel Frederico Carneiro de Campos, e de alguns officiaes do exercito e marinha brasileira.

Puzerão em liberdade o negociante brasileiro Antonio Maria Leite Pereira, o italiano Antonio Canali e o machinista do vapor Guilherme Stephens.

Os outros passageiros ficárão presos e incommunica-veis, sendo desapiedadamente maltratados.

O *Marquez de Olinda* sendo declarado boa presa por



um tribunal *ad hoc*, foi mandado armar em guerra, e os ditos passageiros forão conduzidos para uma enxovia no quartel da cavallaria, e alli encerrados em um estreito quarto escuro, tendo por assento e por leito os immundos tijollos que lhe servem de ladrilho. A tal ponto havia o imperio da paixão, açulado por um odio entranhavel, suffocado os dictames da razão do despota sanhudo.

E como se este martyrio não bastasse, a agua que lhes davão a beber era pessima, o alimento, calculadamente do peor, sendo tudo cuidadosamente revistado a entrada da prisão; emfim pôde-se contar como certo que pelo menos alguns dos nossos compatriotas morrerão a mingoa, e ralados pelos desgostos que não os terão abandonado. Ultimamente se havia resolvido fazel-os internar, pelo paiz para que fim só Deus o sabe.

Ah! quantas vezes dessas infames masmoras seus pensamentos não chegarão até nós, não pairarão sobre os recursos de que podemos dispor e que tardiamente lhes poderão valler pelas difficuldades de communicações?

E será possível que esse tyranno, que esse assassino, que esse despota oppressor de uma nação inteira deixe de soffrer iguaes supplicios?

Não, tarde ou cedo lá chegaremos, e do chόque das nossas armas civilizadoras partirá a faisca electrica que fará volatilizar as cadeas de aço que escravizão um povo inteiro; um povo, que nunca nos encarou e que fazendo-nos justiça, nunca nos encarará como inimigos.

---

## CAPITULO V.

EXPEDIÇÕES PARA A TOMADA DE SORPREZA DE ALGUNS PONTOS DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO — PROCLAMAÇÃO — REVELAÇÃO DE SEU VERDADEIRO INTENTO — BOMBARDEAMENTO E ASSALTO DE COIMBRA — BRILHANTE FEITO D'ARMAS.

Não satisfeito com o acto de pirataria praticado contra o Brasil pelo aprisionamento do vapor *Marquez de*



*Olinda*, a fera paraguaya, ordenou no dia 15 de Dezembro, que largassem de Assumpção os vapores de guerra *Tacuary*, *Paraguay*, *Iguarey*, *Rio Branco* e *Ipóra*, rebocando tres goletas e duas lanchas canhoneiras, conduzindo a infantaria e artilharia dos corpos compostos de quatro batalhões de infantaria com 800 homens cada um, 12 peças raiadas e foguetes a congreve de 24.

Esta expedição ao mando do coronel Barrios, recebeu na Conceição mais 1,000 homens de cavallaria.

Outro exercito de 5 a 6 mil homens pela maior parte de cavallaria seguiu por terra ao mando do traçoeiro coronel Resquin, em direitura á villa de Miranda e a colonia militar dos Dourados.

Aos dous exercitos que subirão para Matto-Grosso dirigira o dictador a seguinte proclamação:

“ Soldados.— Forão estereis os meus esforços para manter a paz. O Imperio do Brasil, mal conhecendo o nosso valor e enthusiasmo, provoca-os á guerra; a honra, a dignidade nacional, e a conservação dos mais caros direitos nos mandão aceital-a.

“ Em recompensa da vossa lealdade e grandes serviços, fixei sobre vós minha attenção escolhendo-vos, entre as numerosas legiões que formão os exercitos da Republica, para que sejaes os primeiros a dar uma prova da valentia das nossas armas, recolhendo os primeiros louros que devemos reunir aos que os nossos maiores puzerão na corôa da patria, nos memoraveis dias de Paraguay e Taquary.

“ A vossa subordinação, disciplina e constancia nas fadigas me respondem pela vossa bravura, e brilho das armas, que ao vosso valor confio.

“ Soldados e marinheiros.— Levai este voto de confiança aos vossos companheiros, que das nossas fronteiras do Norte hão de se vos reunir; marchai serenos ao campo da honra; recolhei gloria para a patria e honra para vós e vossos companheiros; mostrai ao mundo quanto vale o soldado paraguayo.— *Francisco Solano Lopez.* ”



Em relação ao primeiro topico da proclamação perguntaremos quaes forão esses esforços estereis por elle empregados para manter a paz, que por nós fossem desattendidos ou despresados ?

E' que o tyranno tem traduzido os actos de nossa generosidade, como nação mais poderosa, em demonstrações de fraqueza da nossa parte, ou pelo menos de uma reprovada indolencia.

Se o valor e enthusiasmo paraguay o forão por nós desconhecidos, porque nunca lhe prestamos attenção, disse uma verdade, por ser sempre perigoso deixar que um louco esteja junto a nós armado apregoando valentia, sem o desarmarmos, e darmos-lhe o destino conveniente; portanto o Brasil nunca desconheceu o valor e enthusiasmo paraguay o, o que porém desconhecia era que o seu dictador padecesse de alienação mental, e que fosse incapaz e indigno de ser nosso visinho, e de ter debaixo de sua direcção um povo docil.

Se inda diz que desconhecemos esse valor e enthusiasmo, porque fomos os proprios que lhe demos armas, disse outra verdade, porque em 1850 remettemos por terra grande porção de armamento, que chegando ao porto do Piquiry em Matto-Grosso, desceu embarcado a sahir no S. Laurenço, e d'este ao Cuyabá, de onde seguiu para o seu destino—além de lhe prestarmos outros auxilios e officiaes para disciplinarem o seu exercito.

Hoje está revelado que um dos principaes fins do governo paraguay o no rompimento das hostilidades contra a provincia de Matto-Grosso, não é tanto o desejo de manter o equilibrio politico do Rio da Prata de que se mostrou tão zeloso em sua nota de 30 de Agosto, como apoderar-se e espaçosos territorios, aos quaes se julga com direito naquella provincia, porquanto no seu entender, desde o tempo do governo colonial, o Brasil tem tratado de usurpal-os pouco a pouco e clandestinamente, segundo se lê no *Semanario*, folha official no Paraguay, do dia 31 de Dezembro ultimo.

Já vimos que no dia 15 de Dezembro subirão seus vapores de guerra, já referidos, com gente e munições sufficientes para atacar os pontos indefesos da provin-



cia, e que por terra seguira o coronel Francisco Resquin a testa de 5 a 6 mil homens pela maior parte de cavalaria.

Os vapores chegarão ao nosso forte de Coimbra a 26 do dito mez. A 27 e 28 bombardearão-o, e tentarão um assalto, que os nossos soldados, e alguns guaycurús repellirão com perda consideravel dos assaltantes em numero superior a 600.

A 29 a sua guarnição de 200 homens mais ou menos, commandada pelo tenente-coronel Porto Carreiro, tratou de abandonar o forte sem que esperasse pelo soccorro que se havia pedido pelo vapor *Jaurú* a Corumbá, por serem alguns officiaes de parecer que era impossivel continuar a sustental-o em vista de cinco vapores de guerra inimigos completamente armados e de 4,200 homens, sem que entretanto tivessemos perdido um só homem.

A nossa gente subiu rio acima na pequena canhoneira *Anhambahy*, que pela pericia de seu commandante, retirou-se a salvo, mas o Sr. Porto Carreiro encontrou abaixo de Albuquerque com o soccorro pedido; e tambem com o commandante da esquadilha que descia.

O denodo e bravura com que se portára esse punhado de brasileiros na defesa de Coimbra nos dous primeiros dias, deprehende-se da parte do proprio Vicente Barrios, commandante da expedição, ao ministro da guerra paraguayo, que é a seguinte:

“ Viva a republica do Paraguay! Viva o Exm. Sr. presidente da Republica e general em chefe do seu exercito! Viva a divisão de operações do norte! Honra e gloria aos valentes defensores da patria! Viva a republica do Paraguay!

“ Sr. ministro.—Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. o resultado das operações feitas pela força sob meu commando em cumprimento da commissão que me confiou o Sr. presidente da republica.

“ Apoz uma rapida e feliz viagem fundeou a expedição em frente de Coimbra na noite de 26 do corrente, e immediatamente mandei dasembarcar parte da força sob meu commando na margem esquerda de Rio Paraguay na distancia de uma legua debaixo do forte, dahi man-



dei proceder ao reconhecimento do terreno, occupando as posições estrategicas mais importantes que devião servir de ponto de operações á divisão expedicionaria, e de onde podia bombardear com vantagem, esperando desalojar a guarnição do forte.

“ O vapor de guerra *Anhambahy* e outro mais pequeno que seguio no mesmo dia rio acima estava em posição e collocando-se depois sob a protecção do forte contribuiu poderosamente para a sua defesa.

“ Effectuados todos os preparativos necessarios despachei um official parlamentarico afim de entregar ao commandante do forte a intimação de render-se, que tenho a honra de enviar por cópia a V. Ex. Esta intimação teve do dito commandante a resposta cuja traducção tambem addito.

“ Depois da negativa do commandante do forte de Coimbra cumpria-me appellar para as armas, e com effeito perto das 11 horas do dia mandei romper o fogo. No principio só as duas canhoneias maiores sustentárão o combate contra as baterias inimigas, mas tomárão logo parte nelle as peças volantes, cuja collocação na fralda do serro fronteiro a Coimbra apresentava alguma difficuldade, e que bem assestadas fizeram algum effeito com os seus tiros acertados na fortaleza e na guarnição.

“ Ao segundo dia do bombardeamento julgei opportuno fazer uma tentativa de assalto, o qual se effectuou ás 2 horas da tarde do dia 28 do corrente, com mais ardor do que a prudencia aconselhava. Parte da força que occupava a fralda do serro de Coimbra, sob o commando do sargento-mór cidadão Luiz Gonzalez, avançou rapidamente até ás muralhas do forte por sendas diversas abertas debaixo do mais decidido fogo da artilharia do mesmo forte, por todas as peças que batem as fraldas do serro. Ao approximarem-se da muralha, os nossos soldados receberão uma torrente de ballas, metralhas e granadas, procedente tanto do forte como do vapor inimigo. Mas os paraguayos, conservando sempre a sua serenidade, e com uma decisão e arrojo admiraveis, avançarão sempre, mesmo por cima daquelles dos seus com-



panheiros de armas que primeiro verterão o seu sangue para sustentar os direitos da patria. Muitos conseguirão assim trepar as altas muralhas do forte, sendo quasi invariavelmente rechaçados á ponta de bayoneta, ou victimas das granadas que cahião ao pé da muralha.

“ O assalto foi executado com toda a velocidade que as ordenanças recommendão, porém em vista das grandes difficuldades que lhes impedião o passo, tanto por parte dos defensores do forte, como pela natureza desvantajosa do terreno, retirárão os nossos dobrando sobre a reserva levando comsigo a maior parte dos feridos.

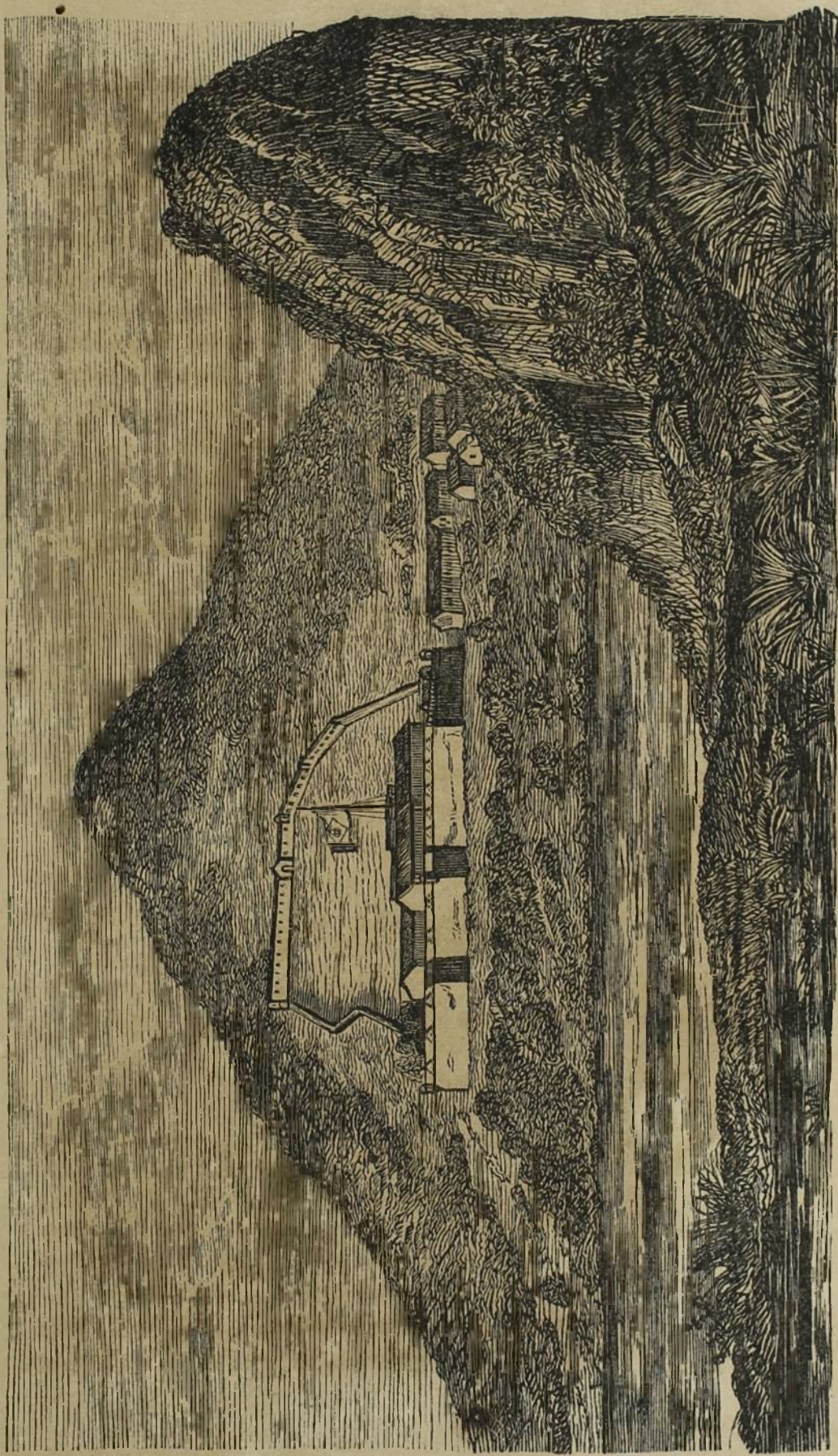
“ Nesta jornada distinguio-se o benemerito sub-tenente da 1.<sup>a</sup> classe da oitava companhia do batalhão n. 6, cidadão João Thomaz Rivaz, que dando um grande exemplo á sua companhia foi o primeiro que pisando sobre os cadaveres dos seus companheiros, conseguiu trepar acima da muralha por duas vezes, sendo repellido na primeira, e cahindo na segunda ferido por uma balla na cabeça para augmentar o numero dos que com os seus gloriosos restos escalavão já a raiz da muralha. Este digno official da patria cahio heroicamente das altas muralhas de Coimbra deixando um assignalado exemplo aos seus companheiros pela sua decisão, serenidade e bravura.

“ O sub-tenente segundo do batalhão n. 7, cidadão Lopez, não cahio menos gloriosamente ferido por um casco de bomba, conduzindo ás muralhas a companhia do seu commando, a cuja frente marchou até que lhe faltárão as forças.

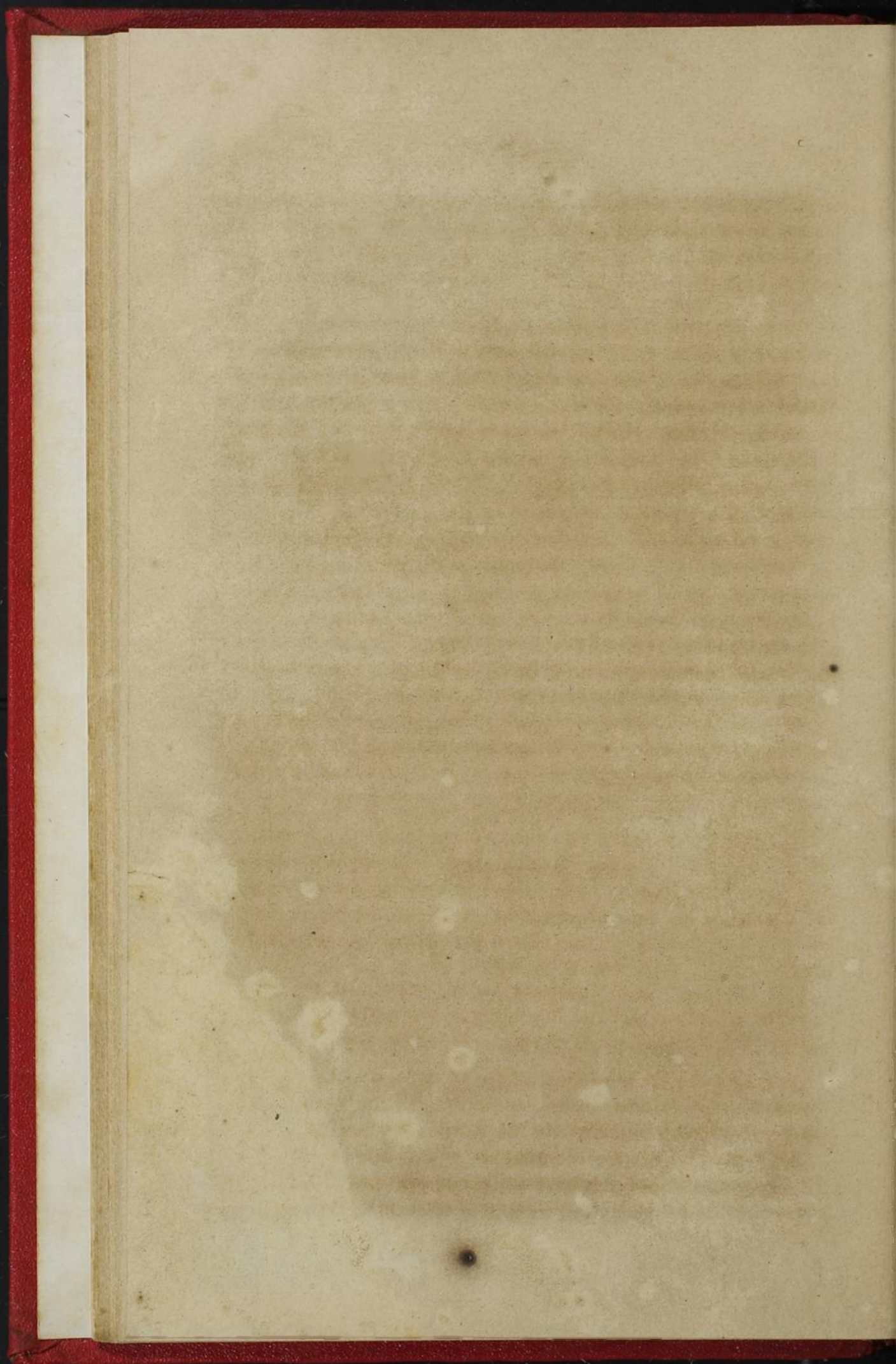
“ Durante a séria ameaça do alferes Rivaz conseguirão escalar e penetrar na praça por um dos flancos o sargento Laureano Sanobria e sete praças da companhia que o batalhão n. 7, tinha alli de serviço e pelejarão corpo a corpo até ficarem todos fóra do combate, mortos ou feridos, á excepção do soldado Pedro Castellano, a quem ao descer da muralha conseguirão desarmar e aprisionar sem ferimento.

“ Pelo que se vê, a fortaleza era sustentavel, mas podendo apprehender-se com esperanças outro assalto com os conhecimentos adquiridos na primeira tentativa











e exemplo de ter podido assaltar as muralhas o sargento Sanobria e os seus valentes companheiros, tomei as medidas necessarias para o dia seguinte, sendo uma dellas fazer com que as peças de campanha postadas á esquerda do rio, ás ordens do capitão Almiron tomassem uma posição mais conveniente para impossibilitar os fogos da *Anhambahy*, cortando-lhe a retirada para que não pudesse escapar; porém a guarnição do forte, dando por estes movimentos, e tremendo ante a idéa de um assalto mais meditado com o conhecimento que tinha adquirido da intrepidez dos nossos soldados aproveitando-se da escuridão da noite e o abrigo das brenhas, fugio precipitadamente a amparar-se no vapor *Anhambahy*, para escapar rio acima, levando o já citado Pedro Castellano, deixando um ferido de sua nação. Até aqui o tenente coronel Porto Carrero tinha feito boa defeza da inexpugnável fortaleza que commandava.

“ Depois da fuga da guarnição sem duvida receiosa dos ataques projectados para o dia seguinte, a fortaleza foi occupada pela guarnição que lhe ficava mais proxima e desde o dia de hontem a bandeira nacional tremula nas muralhas de Coimbra, que cahio em nosso poder com 37 peças de artilharia, a sua bandeira e o estandarte da guarnição e muitas centenas de armas portateis de todas as classes, com um parque immenso, viveres, roupa feita e de uso, bem como outros objectos, quaes sejam botica, serviço de oratorio, uniformes de officiaes condecorações, etc.

“ Não é possível, Sr. ministro dizer a V. Ex. o numero nem classe dos mortos que o inimigo teve, porquanto forão lançados ao rio porém pelos rastos de sangue encontrados e projectis que fizeram explosão, esse numero não deve ser insignificante.

“ Pelo que diz respeito aos nossos, não tivemos na classe de officiaes maior perda do que a dos valentes que já nomeei, e as praças constantes da lista junta, cujo numero considero diminuto levando em conta que os nossos soldados combatião contra inimigos abrigados com completa vantagem por muralhas, e que a sua mosqueta-



ria era incrível para os nossos soldados, fazendo fogo a coberto dos parapeitos.

“ Como S. Ex. observará pela lista de feridos que tenho a honra de remetter, nesta classe se encontram o sargento-mór cidadão Luiz Gonzalez, os sub-tenentes segundos cidadãos Manoel Nunez e Placido Mendez não sendo até agora de caracter grave as suas feridas. O major Gonzalez, sustentou bem o posto que lhe foi confiado.

“ Devo felicitar ao Exm. Sr presidente da Republica e a patria pelo brilhante comportamento das tropas do meu commado em Coimbra, porque a resistencia de uma fortaleza de seculos provou tão vantajosamente o brio dos soldados da patria.

“ Amanhã encetarei as minhas operações contra Albuquerque e Corumbá, onde espero encontrar os fugitivos deste forte.

“ Deos guarde a V. Ex. muitos annos. Fortaleza de Coimbra, 30 de Dezembro de 1864.— *Vicente Barrios.* ”

---

## CAPITULO VI.

ALBUQUERQUE E CORUMBÁ — ATROCIDADES E ROUBOS — MIRANDA, NEOACK, DOURADOS — COMBATE DO VAPOR “ ANHAMBAHY ” NO RIO S. LOURENÇO — REQUINTE DE FEROCIDADE — NOTA DO SR. CONSELHEIRO PARANHOS, QUE É O “ FIAT LUX ” A RESPEITO DO PROCEDIMENTO DO GOVERNO PARAGUAYO.

Esta expedição, ás ordens do coronel Barrios, com effeito, seguiu, aguas acima, até que se apoderasse de Albuquerque e Corumbá.

O vapor inglez *Ranger*, que subira até este ultimo ponto, desceu trazendo noticias que confirmão a idéa de que o governo actual do Paraguay é indigno de existir neste seculo de luzes, porque sabe-se que o soldado paraguay, é um mero escravo que só faz o que se lhe ordemna, e por consequencia as barbaridades inacreditaveis commettidas contra uma povoação indefeza, e con-



tra habitantes que fugião, são de pura responsabilidade do regulo de Assumpção.

Uma testemunha de vista, passageiro do vapor *Ranger* o Sr. Zozimo Ferreira Guimarães, noticia os successos de Corumbá pela maneira seguinte:

. . . . .

“ Corumbá foi tomada. Os estrangeiros alli residentes achão-se entregues aos seus proprios recursos e sem garantia de especie alguma.

“ A escuna *Jacobina*, de nacionalidade argentina e propriedade do italiano Santiago de Lucchi, patrão da mesma, estando carregada com 2,000 couros seccos, forão estes lançados ao rio, e o navio declarado presa por ordem do commandante da expedição; derão *por muito favor* a liberdade á tripolação, menos a quatro homens, cujo destino se ignora.

“ Dias antes havia chegado a noticia da tomada de Miranda e Neoack por 7,000 homens de cavallaria, que marcharão por terra.

“ O vapor *Ranger* é portador de uma representação ao ministro italiano Sr. Barbolani, residente em Montevideo, na qual os habitantes estrangeiros de Corumbá expoem a sua situação, reclamando séria e prompta reparação.

“ A expedição que se apoderou de Coimbra, Albuquerque, Corumbá e Dourados conta 4,000 homens de infantaria e artilharia, e alli consta que essa força pretende fazer-se sentir e apoderar-se de Villa-Maria e Cuyabá, que é a capital da provincia de Matto-Grosso.

“ Quanto á primeira, não será de estranhar, porque é uma povoaçãozinha á beira do rio, sem importancia e sem a minima defesa; pelo que respeita, porém, á capital, fazemos votos para que os vandalos paraguayos tentem a empresa de atacal-a, porque estamos certos que alli acharão a sua perdição.

“ No dia 11 o vapor *Ranger* encontrou o vapor *Paraguay* na altura do forte Olympo, conduzindo gado e viveres para os expedicionarios.

“ A 14 chegou o *Yporá* á Assumpção, e por elle soube-se que, no ataque de S. Lourenço contra o *Anham-*



*bahy*, o vapor paraguayo perdeu o cano e soffreu grandes avarias nas caixas das rodas, perdendo de mais o segundo em commando no acto da abordagem.

“ A tripolação do *Yporá* ao chegar em Assumpção repartio grande quantidade de generos, roupa e muitos outros objectos, producto dos seus roubos em Corumbá.

“ O commandante desse vapor, Andrés Herreros, tem em seu poder uma caixa de madeira cheia de achados de todas as especies, e constitue uma delicada fortuna adquirida á pampa.

“ A bordo deste mesmo vaso está á vista do publico uma corda contendo grande quantidade de orelhas humanas postas a seccar, as quaes pertencem á infeliz tripolação do *Anhambahy*.

“ Com a noticia do *triumpho* das armas paraguayas em Matto-Grosso tem havido em Assumpção grandes festas populares, bailes e toda a casta de regosijos.

“ Quando o *Ranger* devia partir de Assumpção para Corumbá, o governo daquella republica, sob pretexto de communicações officiaes e garantia ao vapor, mandou como passageiros o sub-tenente Julian Godoy e um assistente para a expedição.

“ Este official foi recebido a bordo como era devido, notando-se que a sua bagagem se compunha de uma mala pequena e um sacco com officios.

“ Durante a viagem, apezar da dissimulação, deixava perceber em conversas que tinha com os officiaes e tripolação o fim da sua missão, que era espiar tudo quanto devia passar-se a bordo da referida embarcação.

“ Chegou o vapor a Corumbá, e quando regressámos a Assumpção tivemos que receber o mesmo passageiro, com differença que na volta a sua equipagem era extraordinaria, compondo-se de tres malas carregadas de sapatos, generos, chapéos e outros artigos de louça e crystal, e além disto dous ou tres saccos cujo conteúdo não foi possivel descobrir-se.

“ O roubo feito em Corumbá chegou até a Igreja, cujos sinos se achão hoje na Assumpção.

“ Como se parecem os paraguayos com os homens do Cerrito ! ”



Assim que chegou a Corumbá, e antes de começar o saque, sabendo Barrios que os dous vapores de guerra brasileiros *Jaurú*, *Anhambahy*, o navio *Jacobina* de propriedade argentina havião subido no dia 2 com muitas familias e passageiros ; despachou logo no dia 4 os vapores *Ipóra* e *Rio Apa* ao alcance daquelles que subião o rio S. Lourenço.

Desoito milhas acima da povoação encontrou Andres Herreros, commandante do *Ipóra*, o *Jacobina* atracado a beira do rio, sem tripolação, do qual se apoderou.

Não tardou para que o *Anhambahy*, que por certo se demorára por haver encalhado, fosse alcançado pelos dous vapores inimigos. Como se sabe conduzia o *Anhambahy* negociantes e familias que se retiravão de Corumbá.

A despeito da superioridade das forças paraguayas o combate se travou, sustentando o nosso pequeno vapor um fogo continuado por espaço de seis leguas.

O *Ipóra*, sendo de maior força conseguiu aproximar-se tanto da canhoneira que esforçou-se por tomal-a por abordagem.

Na impossibilidade de resistir, o commandante lembrou-se de fazer desembarcar os passageiros, que atemorizados, e advinhando os horrores por que terião de passar, lançarão-se muitos ao rio onde forão barbaramente assassinados a queima roupa pela fuzilaria do *Ipóra*.

Incrível sanha de barbarismo, que só poderia ser correspondido fazendo-se mergulhar a cabeça do selvagem em uma taça cheia de sangue, e exclamando-se como fez Tomyres, rainha das Scythas com a de Cyro. “ Farta-te de sangue depois de morto, já que em vida nunca te saciaste ”.

Apezar desta carnificina, sete cahirão em poder do inimigo.

As familias que havião desembarcado forão quasi todas victimas, umas afogando-se no rio, e outras no tremedal que borda em grande extensão o Rio S. Lourenço, no qual já nós vimos em 1863, ao querermos desembarcar para a fazenda do Sr. José Caetano Metello, em grandes apuros, por nos parecer que a terra se nos



abria debaixo dos pés, sendo então o tempo mais favoravel, por não haver innundação.

Uma força de 1000 homens se havia desembarcado em Curumbá, sob o commando do salteador Gorostiaga, appellidado capitão.

Por sua ordem rompeu o saque na villa. Todas as casas forão arrombadas e roubadas, sendo conduzido tudo quanto n'ellas encontrávão para o acampamento, onde em presença do mandante se repartiu o roubo, reservando-se o que havia de mais delicado e precioso para o chefe da quadrilha em Assumpção, o malvado Lopes. O Exm. Sr. barão de Villa Maria, que tinha ahi uma grande casa de negocio, e um importante deposito de generos de sua lavoura foi sem duvida quem mais soffreu.

Os estrangeiros tambem soffrerão horivelmente, apesar de quererem cubrir suas casas e propriedades com a bandeira de sua nação.

O portuguez Manoel de tal, os italianos Manoel Bianchi, Manoel Cavaza e V. Solari, o norte-americano Carlos Clark e o francez Julio Amardeil forão victimas crueis da sanha paraguaya, e sobre as casas brasileiras saqueadas deitavão um enorme —B.

O espirito vertiginoso de pilhagem que apresentavão, roubando indistinctamente a brasileiros e estrangeiros, prova que o soldado paraguayo é levado ao combate antes pelo reprovado intento do roubo e do saque, do que pelo impulso de patriotismo, por ser o soldado paraguayo em geral um ente abjecto, servil e sem a menor titura de dignidade.

Antes de irmos adiante apresentaremos as duas partes de Barrios e Resquin, sobre suas *celebres victorias* de Albuquerque, Corumbá, Miranda e Neoack.

“ Viva a Republica do Paraguay.— Sr. ministro.— Tenho a honra de participar a V. Ex. que se achão em nosso poder Albuquerque e Curumbá.

“ O pavilhão nacional tremula nesta ultima, desde 3 do corrente, dia da minha chegada.

“ A população brasileira e guarnição destes pontos tinhão-se retirado antes da nossa chegada por noticias



transmittidas opportunamente pelo barão de Villa Maria, segundo declarações tomadas.

“ Estamos pois de posse destes pontos sem queimar um só cartuxo, tendo sido a fuga do inimigo tão precipitada que deixou, como em Coimbra, toda a artilharia, armamento geral, munições e apetrechos de guerra.

“ A canhoneira *Anhambahy* foi perseguida e tomada por abordagem no dia 6 do corrente no rio S. Lourenço pelos vapores desta divisão.

“ O quartel de Dourados se encontrou tambem abandonado.

“ Os vapores *Ipora* e *Apa* que fizeram o reconhecimento do Rio de S. Lourenço aprezarão o já citado vapor *Anhambahy*, cuja tripulação pereceu em parte, escapando-se alguns, e prisioneiros outros, comportando-se bizarramente o 1º tenente de marinha, cidadão André Herreros, a quem havia confiado esta missão e commandava o *Ipora*, que deu abordagem.

“ Os vapores *Taquary* e *Marquez de Olinda* estão no quartel dos Dourados, onde tambem o inimigo abandonou um grande parque.

“ O povoado de Curumbá cahiu em nosso poder com a maior parte de suas casas saqueadas pelos poucos habitantes que se encontráram, porém desde a chegada das nossas tropas pôz-se termo a tal desordem.

“ Informado que muitas familias fugindo deste povoado se achão mettidas pelas mattas, dispuz que dous vapores e força de terra as recolhão e devolvão ás suas casas, e neste momento me avisão que chega o *Paraguay* com muitas familias, e quando as tiver desembarcado voltará ao mesmo objecto.

“ Emquanto dou a V. Ex. uma parte detalhada, aproveito o regresso do 2º tenente Godoy no vapor inglez *Ranger*, chegado hontem, para dar a V. Ex. esta primeira noticia.

“ Deos guarde a V. Ex. por muitos annos. Acampamento em Curumbá, 10 de Janeiro de 1865.— *Vicente Barrios.* ”

“ A S. Ex. o Sr. ministro da guerra e marinha.

“ Viva a Republica do Paraguay!— Sr. ministro.—



Esta manhã tive a honra de escrever a V. Ex. pelo vapor inglez *Ranger*, dando uma parte detalhada das operações que me trouxerão a este ponto.

“ Depois da occupação da fortaleza de Coimbra pela força do meu commando, tomadas as posições mais necessarias para a conservação deste ponto, e do immenso parque alli tomado—puz em marcha as forças de operação, dirigindo-as sobre Albuquerque, onde cheguei na manhã do dia 1º do corrente depois de 13 horas de navegação.

“ Immediatamente tratei do desembarque da tropa, e despachei o tenente-coronel cidadão Francisco Gonzalez a explorar o terreno e a povoação pelo centro e flancos, dando esta operação em resultado a noticia do completo abandono da povoação pelos seus moradores, não encontrando-se alli outro habitante senão um negro de 72 annos de idade. Deu este a noticia de que a guarnição e os moradores haviam começado sua retirada a 27 de Dezembro ultimo.

“ O vapor *Rio-Apa* foi destinado a visitar a embocadura do rio Miranda, propriamente Mbotetey, de onde regressou ao amanhecer, sem haver observado cousa alguma.

“ Na primeira noite foi aprisionado um individuo pela guarnição de Albuquerque, o qual declarou que muitos habitantes se haviam refugiado nos montes immediatos; por isso ordenei ao tenente Jura que batesse aquellas immediações para aquietar e attrahir aquellas pessoas, prendendo as que fossem suspeitas.

“ A's 5 1/2 horas da tarde do dia seguinte, depois de haver encarregado do ponto o alferes cidadão Felix Vera e de haver ordenado o embarque, puz-me em marcha para Corumbá, tendo-me antes assegurado de que Albuquerque possui sufficientes recursos para a manutenção da guarnição, julguei prudente continuar por agua com a força de meu commando, e comquanto haja um caminho por terra, não possuia recursos sufficientes para esta operação, nem dispunha de pessoa alguma de bastante confiança para servir de guia.

“ Pelas informações obtidas, sabia além disto que a



pouco menos de 2 leguas abaixo de Corumbá podia dispôr de um ponto de desembarque.

“ Na tarde do dia seguinte, 3 do corrente, cheguei ao lugar citado, e ordenei que a tropa de desembarque saltasse em terra, operação que se fez com brevidade.

“ Pelo silencio observado nas habitações situadas nas immedições se via o abandono do lugar, e durante a noite se fizeram explorações que na manhã seguinte levárão o capitão Freitas, com as quatro companhias de infantaria encarregadas daquelle serviço, até a mesma cidade, de que tomou posse, recebendo a noticia de que as autoridades civis e militares havião fugido com sua guarnição para Cuyabá.

“ Ao mesmo tempo observou-se uma bandeira branca entre a povoação e o rio; foi expedido um proprio para saber o que importava aquelle signal no rio, e encontrando em caminho uma canôa, apresentárão-se-lhe os negociantes estrangeiros D. Nicolas Canaria, Manuel Gabaza e Juan Viacaba que vinhão pedir auxilio e protecção a esta divisão contra os saqueadores de casas que destruíão a cidade abandonada, e sendo trazidos á minha presença derão circumstanciadas noticias sobre o acontecido em Corumbá.

“ Assim que recebi esta noticia mandei a competente ordem ao capitão Freitas, destinando o tenente Gorostiaga com sua companhia para alli restabelecer a ordem.

“ Segundo os dados obtidos os vapores brasileiros *Anhambahy*, e *Jaurú*, e a galeota *Jacobina* havião sahido com tropas do porto de Corumbá, sómente um dia antes de nossa chegada. Com esta noticia expedi os vapores *Ipora* e *Rio Apa*, que por seu calado podião subir o rio S. Lourenço, para perseguir os navios brasileiros, bem como para reconhecer e explorar aquelle rio; porém, por falta de combustivel sufficiente não puderão estas embarcações partir senão na manhã do dia 4.

“ Confiei o commando desta expedição e exploração ao 1º tenente de marinha cidadão Andres Herreras.

“ O tenente Jarano encontrou habitantes e sōmente gado, mas não cavallos, porém, tenho noticias de que o barão de Villa de Maria tem cavallos e mulas.



“ A fuga dos chefes brasileiros foi tão precipitada que abandonarão todos os seus poderosos recursos, se não seus proprios soldados em diferentes direcções.

“ A artilharia tomada aqui compõe-se de 23 peças de bronze, das quaes remetto 17, ficando com 6.

“ A commissão naval de perseguição e exploração encontrou a 6 legoas mais ou menos acima de Corumbá a galeota *Jacobina*, abandonada e atracada á terra. O tenente Herreras mandou-a tripolar e navegar rio abaixo, para apresentar-se ao capitão Meza, chefe da frota.

“ Das averiguações feitas a tal respeito, resulta que esta embarcação é de propriedade estrangeira, a mesma em que tinham subido rio acima as tropas de Corumbá, razão porque conservou-a para os serviços ulteriores como embarcação tomada em serviço do inimigo.

“ Para ter noticias de Albuquerque e principalmente para ver se obtinha alguns cavallos, despachei no dia 5 o 2º tenente Manoel Delgado com 20 praças, o qual regressou dando conta da ausencia daquella guarnição, do reconhecimento do paiz, e de que não encontrára cavallos e apenas gado vaccum em abundancia.

“ Não sendo de facil vigilancia a embocadura do rio Mbotetey mandei postar alli a guarda conveniente.

“ Quando nossas forças aqui chegarão, a maior parte das casas estavam abertas e saqueadas, e em presença disto tomárão-se medidas severas, estabelecendo-se uma policia que responda pela segurança e tranquillidade publica. Prendêrão-se quatro estrangeiros criminosos no acto de roubar casas e serão julgados segundo as leis militares. ”

“ Na tarde do dia 6 chegarão um cabo e dous soldados brasileiros que vinhão de Miranda em canôa, e que forão aprisionados, a correspondencia official de que erão portadores, na qual apparecem tres peças relativas á tomada das colonias de Miranda e Dourados pelas forças paraguayas, como verá V. Ex.

“ Este correio foi despachado da villa de Miranda no dia 1º, e encontrou-se com outro que levava a noticia da tomada de Coimbra e de Albuquerque.

“ Como no quartel de Dourados sito a poucas leguas



da embocadura de S. Lourenço e acerca de 30 acima deste ponto poderião ter encontrado resistencia no Ipora, no rio Apa, no caso menos provavel de que não tivesse sido abandonado este lugar, que se pôde chamar o arsenal militar, ordenei que os vapores *Taquary* e *Marquez de Olinda* para alli seguissem afim de se apoderarem delle.

“ Das declarações investigadoras tomadas aos estrangeiros e Brasileiros resulta que o tenente-coronel Porto Carreiro, commandante de Coimbra, no momento de chegar a Corumbá tinha sido posto em prisão, e mandado na qualidade de réo a Cuiabá a bordo do vapor *Corumbá* pelo commandante de armas Carlos Augusto de Oliveira.

“ Os vapores *Anhambahy* e *Jaurú* partirão deste ponto na vespera de nossa chegada, transportando familias e tropas. Um palhabote brasileiro, uma galeota e uma *Chalana*, de propriedade estrangeira servirão tambem para o transporte de polvora e de mais de 3,000 homens de tropa. ”

“ Os canhões, munições e demais petrechos de guerra que estão aqui forão trazidos, segundo parece, recentemente de Miranda por disposição do commandante de armas.

“ Segundo a declaração do Cabo vindo como correio de Miranda, aquelle ponto está guarnecido pelo 14º de caçadores, com 9 officiaes ao mando do capitão Motta, contando com duas peças de artilharia.

“ A guarnição brasileira de Corumbá tinha feito preparativos de defeza, collocando baterias no barranco da frente da cidade, e a tres quartos de legua abaixo, estendendo cadêas através do rio para impedir o passo de nossos vapores.

“ Na tarde do dia 8 chegou aqui de volta o *Ypora* trazendo a noticia do encontro e tomada do vapor inimigo *Anhambahy*, que, sendo avistado na embocadura do rio S. Lourenço, foi perseguido rio acima em sua precipitada fuga pelo *Ypora*, sendo mais lenta a marcha do rio Apa que o *Ypora*.

“ Nesta perseguição, e durante seis leguas, a *Anham-*



*bahy* fez um fogo vivo sobre o *Ypora*, que, sem responder, procurava dar-lhe caça, como effectivamente deu, tomando-o por abordagem com a sua tripolação e poucos infantas ao mando do alferes Pedro Garay. O ultimo tiro que deu a *Anhambahy* antes da abordagem matou o 2º tenente de marinha cidadão Gregorio Benitz que guardava bem o seu posto, sendo esta a unica perda que tivemos.

“ A maior parte da tripolação da *Anhambahy* foi morta, atirando-se ao rio, de onde se salvárão alguns, fazendo-se sete prisioneiros, entre os quaes se acha o immediato.

“ Logo que o tenente Herreras tomou a *Anhambahy* arvorou no seu tope a bandeira nacional, e tripolando-a seguiu em perseguição dos outros vapores brasileiros depois de ter despachado o *Ypora* a communicar-me a noticia do successo, os prisioneiros tomados e o aviso do recente abandono do quartel dos Dourados com muitos artigos de guerra.

“ O *Taquary* e *Olinda* achão-se actualmente no quartel de Dourados, d’onde tambem trouxe o alferes Fernandez, commandante do *Ypora*, 4 peças e 6 lanchões carregados de polvora e outros artigos bellicos.

“ O *Rio Apa* acompanha agora a *Anhambahy* e dentro de poucos dias espero noticias da exploração e perseguição encarregada ao tenente Herreras.

“ Vão chegando as familias que se procurão nos desertos destas immediações. A população deste logar debandou-se pelos montes e pantanos, em consequencia das atterradoras noticias que lhe forão communicadas pelo barão de Villa Maria e confirmadas pelos fugitivos de Coimbra. Deos guarde a V. Ex. muitos annos. Acampamento de Corumbá, 10 de Janeiro de 1865.— *Vicente Barrios.* ”

Aguarde o Paraguay que nada perderá por esperar. A sua hora extrema não tardará a soar-lhe.

“ Viva o Paraguay!— Sr. ministro.— O coronel commandante da columna de operações sobre o rio Mbotey.—Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. que, proseguindo a minha marcha da colonia de Miranda



a tres leguas de distancia, recebi aviso de meu segundo, o capitão Blas Rojas, que levava a vanguarda que se apresentava á vista de uma columna de cavallaria brasileira de 2 a 3,000 homens: então lhe dei a ordem de que a batessem, accelerando eu a minha marcha; mas tendo a columna brasileira alcançado as cabeceiras do arroio chamado Passo Feo, mandou dizer o seu commandante que queria ver-me; respondi-lhe que escrevesse o que me queria dizer.

“ A isto respondeu que desejava fallar-me sobre minha entrada no territorio brasileiro, e communicar-me suas instrucções a respeito: a minha resposta foi que a entrevista seria inutil, e que então se entregasse dentro de meia hora prisioneiro de guerra, com toda tropa de seu commando, e do contrario seria perseguido com rigor; porém não tendo aceitado, dei ordem de ataque, para o qual, durante a troca de communicações, mandei abrir varias picadas, na supposição de que defenderia o passo; porém as picadas forão inuteis, porque ao primeiro tiro de canhão na direcção em que se ouvia a musica, abandonarão o passo disparando tiros de carabina, dos quaes apenas alcançou uma bala que ferio no braço direito o alferes Camillo Castello. Nessa occasião passavão alguns esquadrões de cavallaria que os perseguirão, mas debandando o inimigo na mais completa desordem, fugindo em diversas direcções, indo apenas reunidos dous grupos, em um dos quaes ia o tenente-coronel D. Antonio Dias da Silva, commandante daquella força, que foi perseguido pelo tenente cidadão Blas Ovando, que não pôde alcançal-o, porque, passando a ponte do arroio Desbarrancado, a destruirão, como previamente a tinham preparado, ganhando entretanto muito terreno, porque cessou a perseguição para não fatigar inutilmente os cavallos.

“ O outro grupo, que havia tomado outra direcção, foi perseguido pelo alferes cidadão Ignacio Cabrera com os de sua classe José Pedrosa e Baptista Ramires, com sessenta e cinco de tropa, e lhes deu alcance deixando no campo cincoenta e sete mortos e um official, tomando treze prisioneiros, trinta e um cavallos e oito mulas, com perda de um soldado e dous feridos de nossa parte.



“ D’ali passei a acampar-me a legua e meia, e proseguindo no dia seguinte acampe-me a quatro leguas e meia, sobre o arroio pequeno, aproveitando de tarde a agua e o bom pasto do lugar.

Ao amanhecer do dia seguinte levantei o campo, e, depois de tres leguas de marcha, passei o arroio Ponte, e com duas leguas mais o arroio Nioack a 1 hora do dia.

“ Concluida a passagem, fiz adiantar-se o capitão Rojas com dous esquadrões para apossar-se da povoação de Nioack, onde não encontrárão mais que dous individuos, um Hespanhol e outro Portuguez europêu. Eu acampe-me em frente da povoação e ordenei o reconhecimento das casas de armamentos, e demais cousas, porém na commandancia não se encontrárão mais do que seis carabinas de caça e seis espadas de tropa, depois se encontrárão os armamentos, caixões de balas, polvora e papeis enterrados no fundo do curral da commandancia, e tambem algum armamento e munições se encontrárão nas casas que com effeito mandei visitar, como V. Ex. verá pela minuta junta.

“ O archivo parece completamente destroçado, e os papeis tomados são os que se encontrárão enterrados com os 26 caixões de polvora encartuchada, e 11 de polvora solta. No mais, não se acharão senão comestiveis e trastes, que não puderão levar na fuga.

“ O povoado consta de cento e trinta casas, sendo trinta principaes, tendo um oratorio e um espaçoso quartel, que cahe ao oeste da praça sobre a rua Leverger. A commandancia cahe a leste da mesma praça sobre a rua de Santa Rita, podendo aquartelar quinhentos homens.

“ Nomeei para commandante deste ponto ao tenente cidadão Pascoal Rivas, ficando as suas ordens os alferes cidadãos Aleixo Gomes e Waldo Jimenes.

“ No dia 5 proponho-me a seguir minhas marchas sobre a villa de Miranda a curtas jornadas, para não fatigar as cavalladas com o excessivo calor.

No correr da perseguição tomárão-se varios papeis, e entre elles apparecem as communicações juntas. Deos guarde a V. Ex. muitos annos. Nioack, Janeiro 3 de 1865.

—Francisco Y. Resquin.



Do procedimento do tenente-coronel Dias, em mandar dizer ao coronel paraguayo que lhe queria fallar sobre sua entrada no territorio brasileiro, e communicar-lhe suas instrucções, se comprehende que elle ignorava ainda o acontecimento de Coimbra, e que havia sido surpreendido, como fora a guarnição deste forte, e em geral todos os pontos que hão cahido em poder do inimigo.

Se não fora esta circumstancia, temos firme convicção de que os soldados paraguayos serão batidos e não terião podido commetter esses actos de requintada perversidade, que os tornão merecedores de exemplar punição e vingança, e os farão mais dignos da celebridade exotica, de que gosão em todo o mundo.

Para melhor esclarecimento sobre os actos reprovados e traiçoeiros do governo paraguayo a nosso respeito, julgamos conveniente transcrever aqui a circular que o Exm. Sr. conselheiro Paranhos, dirigio ao corpo diplomatico estrangeiro em Buenos-Ayres, cuja circular derrama muita luz sobre os nossos negocios com aquelle despresivel e diabolico governo.

“ Missão especial do Brasil.—Buenos-Ayres, 26 de Janeiro de 1865.—O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. o Imperador do Brasil, acreditado em missão especial na Republica Argentina, recebeu ordem para dirigir ao Sr..... ministro..... de .....o manifesto que faz objecto da presente nota:

“ O governo da Republica do Paraguay, sorprendendo a boa fé e moderação do Brasil, declarou-lhe guerra em alliança com o governo de Montevideo, e já levou suas armas ás povoações quasi indefesas da provincia de Matto-Grosso.

“ O governo imperial deseja que as potencias amigas possam apreciar em seu imparcial e illustrado juizo quanto ha de injusto e inaudito nesse temerario procedimento de um governo com o qual o Brasil se esforçava por cultivar as mais benevolas relações de vizinhança.

“ A Republica do Paraguay, Sr. ministro, vivia sequestrada do commercio das outras nações, e ameaçada em sua existencia pelo governador Rosas, quando entre



ella e o Brasil se estabelecerão as mais estreitas relações de amizade e reciproca confiança. O interesse que o governo de Sua Magestade tomou pela independencia do governo paraguay foi reconhecido pelo proprio governo da Assumpção, e d'elle podem dar testemunho varios gabinetes da Europa e America.

“ Em 1852 alliando-se o Brasil ao Estado Oriental do Uruguay, e a uma importante fracção da Republica Argentina contra os seus oppressores e inimigos do Imperio, os generaes Rosas e Oribe, o governo imperial convidou logo ao do Paraguay para essa cruzada de honra e de interesse commum, não pela necessidade de sua cooperação, mas como garantia do futuro reconhecimento de sua independencia pela nação argentina.

“ O governo paraguay não obstante, obrigado por ajustes preexistentes entre elle e o Brasil a tomar parte activa naquella triplice alliança, apenas lhe prestou uma adhesão nominal; subtrahiu-se a todos os onus, reservando-se sem embargo o direito de participar dos beneficios que resultassem e effectivamente resultarão dos esforços do Imperio e de seus alliados.

“ Abertos os affluentes do Rio da Prata a navegação dos ribeirinhos e de todo o mundo civilizado, o governo paraguay foi o primeiro a utilizar-se da concessão dos alliados, porém por sua parte conservou o Alto Paraguay fechado a todas as bandeiras, até a do Brasil, da Republica Argentina e do Estado-Oriental, ás quaes não permittia passar além da Assumpção. Esta denegação do Paraguay não era uma falta de reciprocidade: era a prostergação de principios estipulados entre o Brasil e a Republica por um tratado solemne, o de 25 de Dezembro de 1850.

“ A provincia brasileira de Matto-Grosso, que encerra em si elementos de grande prosperidade, continuou privada da navegação exterior como antes estivera a republica do Paraguay, não já pelo ominoso poder do governador Rosas, mas pela vontade arbitraria do governo da Assumpção. Assim permaneceu aquella provincia desde 1852 até 1856, quatro largos annos depois de



franqueada á navegação do Prata e de seus affluentes por todos os outros ribeirinhos.

“ Tão injusto e irritante procedimento do governo paraguay o esteve a ponto de provocar uma guerra com o Brasil: entretanto a soube evitar por sua moderação, não obstante os despendiosos preparativos que já havia feito para sustentar pelas armas o seu direito. Em 1856 forão assignadas na côrte do Rio de Janeiro duas convenções que puzerão termo áquelle conflicto.

Uma destas convenções adiaa a questão de limites, causa principal da contenda, porque o governo paraguay já não admittia nenhuma das soluções que antes propuzera, nem outra mais vantajosa á Republica que então lhe offerecia o governo imperial. A segunda assegurava a bandeira brasileira o livre transito pelo rio commun com esta restricção, a que o Imperio accedeu por amor da paz, que só os navios de guerra poderião passar pelas aguas da Republica para o territorio brasileiro do Alto Paraguay.

“ Apenas promulgado o referido amigavel accordo, o governo paraguay annullou-o de facto, sujeitando a navegação commun a regulamentos que erão a negação do estipulado e tornavão impossivel todo o commercio interior com a provincia de Matto-Grosso.

“ E’ facil conjecturar o effeito que devia produzir a nova provocação no animo do povo e do governo brasileiro. A guerra tornou-se uma vez mais imminente; o Brasil foi obrigado a novos armamentos, comtudo, nesta emergencia o Brasil preferio a paz, e pode pela sua prudencia evitar decorosamente aquelle recurso extremo.

“ O governo imperial propôz e firme com toda a boa fé o accordo que se contém na convenção fluvial de 20 de Fevereiro de 1858. Esta convenção não foi para o Brazil uma tregua a cuja sombra pudesse preparar-se com mais vantagens para rompêl-a assim que lhe conviesse.

“ Não: o governo imperial com a consciencia dos seus direitos, e certo do civismo do povo brasileiro,



nunca quiz ver nos excessivos armamentos paraguayos mais do que o triste resultado da politica miticuloza desse governo e do regimen anormal em que ainda permanece essa republica.

“ Esperou sinceramente que o tempo e as suas benevolas intenções determinassem por fim a converção daquelle governo aos dictames da paz e da justiça internacional. Nestas disposições confiava o governo imperial, quando lhe sobreveio o conflicto com o de Montevideo, e se vio com espanto no Rio da Prata apresentar-se o governo da Assumpção como o mais zeloso defensor da independencia da Republica Oriental do Uruguay, que ninguem seriamente podia julgar ameaçada pelo Brazil, pelo Brazil que a defendera contra o poder de Rosas e sem o concurso a que o governo paraguayo se obrigára no citado pacto de 25 de Dezembro de 1850.

“ Depois de numerosos actos pelos quaes o governo imperial deu provas inequivocas do seu respeito á independencia daquelle Estado limitrophe, quando o governo argentino, que tem com o do Brazil estipulações especiaes a esse respeito, fazia justiça ás intenções deste, a simples duvida por parte do governo do Paraguay era por si só uma offensa immerecida; porém esse governo foi mais longe. Erigindo-se em arbitro supremo entre o governo imperial e a Republica Oriental, dirigio ao primeiro uma notificação ameaçadora, que nada menos importava do que coarctar ao Brazil uma parte dos seus direitos de soberania no conflicto em que se achava com o governo de Montevideo.

“ O abaixo assignando refere-se aqui á nota paraguaya que corre impressa com a data de 30 de Agosto ultimo, pela qual pretendeu o presidente daquella republica ingerir-se na questão a que era de todo estranho, sob pretexto de perigo para a independencia do Estado Oriental.

“ O governo da Assumpção não definia a natureza e alcance da sua ameaça, envolveu-a em mysteriosa reserva e tornou-a dependente de uma clausula,—a occupa-



ção do Estado Oriental por forças do Brazil,— que não se verificou, e que o governo imperial tinha declarado estar fóra do seu intento as medidas coercitivas contra o governo de Montevideo,

“ A resposta a semelhante pretensão e ameaça não podia ser outra senão a que deu a legação imperial na Assumpção, fazendo sentir ao governo paraguayo que o Brazil exercia um direito inherente a todas as soberanias e que nenhuma consideração poderia detê-lo no justo e honroso empenho de defender a sua dignidade e proteger as pessoas e propriedade dos numerosos subditos brasileiros residentes no Estado Oriental.

“ A entrada de um exercito brasileiro no territorio da Republica do Uruguay, sem que praticasse acto algum de occupação, servio, não obstante de fundamento para que o presidente da Republica do Paraguay rompesse as relações de paz com o Brazil. A ameaça de 30 de Agosto ultimo foi allegada como prévia e solemne declaração de guerra, para justificar um abuso inqualificavel da boa fé internacional com que esse governo iniciou suas hostilidades de guerra contra o Brazil.

“ O Sr. ministro tem conhecimento da captura insidiosa do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que navegava, como de costume, pacificamente pelo rio Paraguay com destino a provincia de Matto-Grosso, e da prisão afflictiva a que forão reduzidos alguns dos inermes passageiros desse vapor, entre os quaes se acha um alto funcionario brasileiro, que ia collocar-se á frente da administração daquella provincia.

“ O governo da Assumpção considerou como prisioneiro de guerra, e trata com extrema severidade a passageiros que simplesmente transitavão pelas aguas da Republica, confiados no estado de paz em que se achavão ambos os paizes, e á sombra de um direito incontestavel. Os tempos modernos não offerecem exemplo de attentado semelhante.

“ O conflicto do Brazil com o governo de Montevideo foi, como se vê, um pretexto e uma occasião que o



governo paraguay aproveitou para levar a effeito seus projectos de guerra. Os feitos referidos poem em toda a luz o plano de ha muito premeditado por esse governo e o fim a que se dirige ; porém ha outra prova não menos significativa de seus maleficos intentos. Esta prova é a expedição a Matto-Grosso, contando com as vantagens da surpresa naquella remota provincia brasileira, victima a esta hora da devastação e atrocidades que vão praticando seus invasores.

“ Em vista de tantos e taes actos de provocação, a responsabilidade da guerra entre o Brazil e a Republica do Paraguay pesará exclusivamente sobre o governo da Assumpção. O governo imperial repellirá pela força a seu aggressor ; porém, salvando com a dignidade do Imperio seus legitimos direitos não confundirá a nação paraguaya com o governo que assim a expõe aos azares de uma guerra injusta e saberá manter-se como belligerante dentro dos limites que lhe marcão sua propria civilisação e seus compromissos internacionaes.

“ O abaixo assignado tem a honra de renovar a S. Ex. o Sr....os protestos de sua mais alta consideração.—  
*José Maria da Silva Paranhos.*

---

## CAPITULO VII.

O QUE FOI E O QUE É O FORTE DE COIMBRA — FECHO DOS MORROS OU PÃO DE ASSUCAR.

Tendo sido Coimbra o primeiro ponto accommettido e tendo-lhe dado o coronel Barrios o epitheto de *inexpugnável*, convém que digamos o que foi e o que é a fortaleza de Coimbra.

Sendo o Exm. general Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres informado da utilidade de fundar-se uma fortaleza na margem do Paraguay, no sitio denominado Fecho dos Morros, para impedir aos hespa-



nhões a viagem para as minas de diamantes nas cabeceiras do Paraguay, e para pôr cobro aos insultos dos Indios Payaguás aos negociantes de S. Paulo que passavam para a capitania de Matto-Grosso, mandou de Villa Bella a 9 de Maio estabelecer alli o presidio de Nova Coimbra, estabelecimento que teve logar a 13 de Dezembro de 1775 na montanha da parte Occidental. Foi incumbido desta commissão o capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa a testa de 245 soldados, entre dragões, auxiliares e ordenanças. O Fecho dos Morros póde distar de Cuiabá 190 leguas.

O capitão Mathias chegando ao morro de Coimbra que de alguma fórma se parece com o dos Fechos dos Morros, que hoje é mais conhecido pelo nome de Pão de Assucar, fundou alli, instigado pelos da sua comitiva, o presidio, e de semelhante engano quer tirar o Paraguay hoje o seu direito a todo o territorio da margem Oriental que se estende desde o supposto Rio Branco, em frente ao Olympo, até o Apa; pretensão absurda que de maneira alguma deve ser por nós tolerada.

Acha-se, pois, o forte de Coimbra situado á margem direita, sobre o declive de um outeiro que se estende por espaço de uma milha e meia de comprimento, com meia milha de largura e quatro de circumferencia.

Em frente e a margem esquerda acha-se o chamado *Morro Grande*, que terá duas milhas e meia de circuito. A beira deste morro, e a margem do Rio, havia levantado o fallecido capitão-tenente Antonio Joaquim Ferreira Ramos, um aquartelamento para os imperiaes marinheiros, cujo aquartelamento foi abandonado por ordem de um dos presidentes de Matto-Grosso, um desses militares velhos e invalidos, que tem sido escolhidos *a dedo* para ir presidil-a e commandar as armas.

Este excellento ponto estrategico foi o escolhido pelo coronel Vicente Barrios para collocação de sua artilharia para o bombardeamento do forte fronteiro.

A largura do rio neste logar excede a 200 braças, e o fundo entre os dous morros é de 25 a 30 palmos.

A fortificação é de figura irregular e estende-se pelo



morro acima; apenas o lugar em que se achão as baterias, poderá offerecer um plano de 20 braças de comprimento e 10 de largura, mas com a vantagem de poder cruzar os fogos. O interior do forte é completamente descoberto.

Não ha em Coimbra povoação.

Apenas do lado do N. e abeirando uma sanga formada pelas aguas do rio, existem algumas poucas casas, pela maior parte cobertas de palha, onde residião as familias dos que formavão a guarnição. A morada do commandante é a melhor, e coberta de telha. Este forte recebeu alguns beneficios durante o tempo em que foi commandado pelo capitão Antonio Maria Coelho, que alli fez algumas obras importantes.

Ambos os morros que neste ponto margeão o rio, transformão-se, em tempo das enchentes, em verdadeiras ilhas, sendo facil então em canôas rodeial-os, inconveniente que não se dá no Pão de Assucar, ou Fecho dos Morros, porque estes continuão e vão se unir a outras serras, deixando apenas passar o rio por dous estreitos canaes, dos quaes o da direita é franco em todas as estações, e poderá ter a largura de 80 braças.

Sem que o Brasil possúa este ponto e o fortifique convenientemente, nunca poderá contar com a provincia de Matto-Grosso completamente defendida, e livre de ser devastada pelos selvagens do Paraguay.

A respeito da occupação deste ponto, do qual não é possivel prescindir, existe um acto solemne que attesta a nossa posse, em que devemos de novo entrar, como entraremos em Coimbra, Albuquerque, Corumbá, Dourados, Miranda e Neoack, de que fomos brutalmente esbulhados, e que só por effeito de uma desprezivel humilhação deixaremos de reivindicar.

Esse acto de posse, de que fazemos menção, daremos mais abaixo, precedido do officio de participação do capitão commandante da fronteira.

O Pão d'Assucar ou fecho dos morros, como se vê do desenho junto,







é formado por cadêas de montes que bordão as margens esquerda e direita do Paraguay, que dividindo ahi suas aguas, deixa no seu alveo levantada uma ilha que poderá ter pouco menos de uma milha de circumferencia.

Esta ilha formada de rochedos, divide o rio em dous canaes, ambos navegaveis, mas o da esquerda além de ser mais estreito, tem a sua entrada semeada de pedras soltas, e não poderá ter mais que vinte braças de largura.

O morro mais elevado da parte oriental, e de forma conica, é o denominado Pão d'Assucar, talvez pela semelhança que apresenta com o da entrada da Bahia do Rio de Janeiro, o que faz acreditar-se que os primeiros que avistárão este monte, ou que o descobrirão, forão os portuguezes, porque os hespanhoes tiveram de adoptar este mesmo nome.

Foi neste importantissimo ponto que o general Luiz de Albuquerque mandou o capitão Mathias Ribeiro da Costa formar o presidio de nova Coimbra a 9 de Maio de 1775, porque neste lugar as embarcações que subirem ou descerem, terão necessariamente que passar a tiro de mosquete da fortificação, que se levantar sobre a ilha, mas, como já demonstramos, por um engano daquelle official, esse forte foi construido mais acima em outro monte, hoje conhecido pelo nome de morro de Coimbra.

Fortificado o fecho dos morros, teremos em nossas mãos a chave da provincia de Matto-Grosso, que então ficará livre de uma outra invasão de barbaros.

A profundidade do Rio no canal direito é igual a profundidade que tem em frente de Coimbra.

O rio aqui corre com alguma velocidade, mas nem por isso obsta em tempo algum a passagem dos vapores, experimentando sempre o viajor neste lugar uma impressão maravilhosa e mesmo sublime, por figurar-lhe que o vapor vem sahindo das entranhas dos montes por uma estreita garganta, podendo immediatamente depois da passagem a vista dilatar-se por uma vasta planicie de cinco a seis leguas de extensão, toda coberta da mais delicada e verde pastagem, destacando-se apenas aqui e acolá manadas de fugitivos servos e mimosas palmeiras,



agitadas pelo sopro brando do vento. Sente-se naturalmente uma emoção deliciosa e ao mesmo tempo grave; a alma parece elevar-se sobre si mesma, e entrar pelo infinito, até a presença do Creador — Experimenta-se a impressão do sublime.

Este encantador lugar nos pertence; d'elle tomamos posse formal, como se vê dos seguintes documentos.

“ Illm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de levar as mãos de V. Ex. o termo incluso da fundação e posse do novo destacamento creado em cumprimento de imperiaes determinações, e por ordem de V. Ex., em o lugar denominado — Fecho dos Morros — á margem oriental do Paraguay, e proximo a mais alta montanha conhecida pela denominação de — Pão d'Assucar — cuja força compõe-se de um subalterno commandante, um sargento, um cabo, dous anseçadas, trinta e cinco soldados, um corneta e um tambor.

O meu estado de saude, e os muitos afazeres me impossibilitão por agora de apresentar a V. Ex. a planta e orçamento para as obras que ali se tornão de urgentissima necessidade, o que farei com a brevidade que me fôr possível; e então submettrei tambem á alta consideração de V. Ex. uma memoria sobre as vantagens e importancia daquelle ponto.

“ Deos guarde a V. Ex. Quartel do commando geral em Albuquerque, 17 de Julho de 1850.—Illm. e Ex. Sr. coronel João José da Costa Pimentel, presidente e commandante das armas desta provincia.— *José Joaquim de Carvalho*, capitão commandante. ”

Termo de posse do novo destacamento que ora se denomina — São Pedro do Pão d'Assucar — subordinado ao commando geral da fronteira do Baixo Paraguay em cumprimento de imperiaes determinações, e de ordem do Exm. governo da provincia como abaixo se declara.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e cincoenta, vigesimo nono da independencia e do Imperio, aos vinte e um gráus e vinte e seis minutos de latitude, quarenta leguas ao sul do forte da Nova Coimbra, em o lugar denominado — Fe-



cho dos Morros— á margem esquerda do Paraguay, oito centas braças ao este da mais alta montanha, conhecida pela denominação de Pão d'Assucar (A) sobre a base inferior do morro de pedra viva mais saliente ao rio em fôrma de uma calote esferica (B) e sombran- ceiro ao pequeno monte que jaz na margem opposta (C) achando-se presentes o commandante geral desta fron- teira, o capitão do estado maior da 1ª classe do exer- cito José Joaquim de Carvalho, o tenente do corop fixo de caçadores, Francisco Bueno da Silva, o mission ari, apostolico frei Marianno de Bagnhaia, e todas as psraça que fizerão parte da commitiva do mesmo commandante, depois de arvorado o pavilhão nacional, acompanhado de enthusiasticos vivas a Sua Magestade Imperial, e a integridade do Imperio, foi impossado o novo destaca- mento de que é commandante o já referido tenente Francisco Bueno da Silva, e deu-se immediatamente principio a construcção do edificio quetem deservir pro- visoriamente de quartel da guarnição (D), parque de armas (D'), casa de officinas (E) e armazem de artigos bellicos (F) até que segundo as ordens do governo, seja edificado o forte permanente. E para a todo tempo constar, lavrou-se o presente, que assigna o commandante geral, o commandante da guarnição do novo destaca- mento, o missionario apostolico e todas as praças presentes, aos vinte e nove dias do mez de Junho.—José Joaquim de Carvalho, capitão commandante geral; Francisco Bueno da Silva, tenente commandante do destaca- mento; frei Marianno de Bagnhaia, missionario apos- tolico; Benedito Rodrigues de Moraes, 2º cadete; José Ponce Martins, 1º sargento graduado; Joaquim Antonio Moreira, 2º cadete; Antonio Dias Lemes, 2º sargento; Francisco Gomes da Silva, artifice de fogo; José Nicoláu Rodrigues, furriel; Francisco Paes

---

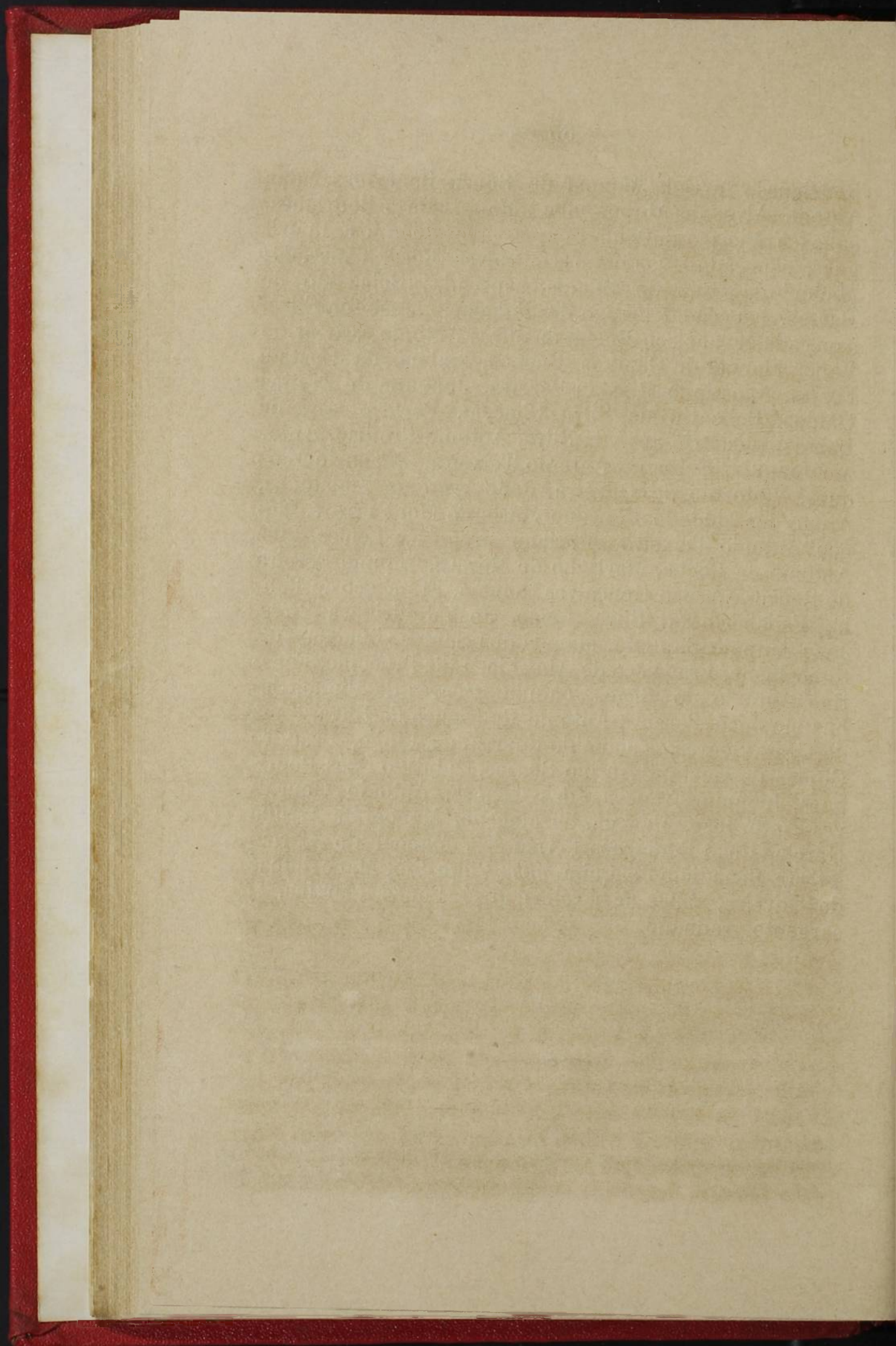
(\*) As letras A, B, C, D, E, F, indicão os pontos que cons- tão de um mappa apresentado pelo capitão Carvalho e que deve estar na secretaria.



Rodrigues, furriel; Manoel de Souza Benevides, cabo; Antonio Alves de Abreu, cabo; Manoel Paes Rodrigues, cabo; Francisco de Paula Soares, cabo; João José Rodrigues, aspeçada; Agostinho Gonçalves Rosa, aspeçada; Manoel da Cruz dos Santos, aspeçada; Sebastião de Barros, aspeçada; Arogo de Fulgencio José da Silva, aspeçada, Francisco Bueno da Silva; Antonio Xavier do Valle, Manoel de Campos Buenos, Sabino da Costa e Farias, Agostinho Martins Pereira, Joaquim de Freitas Caldas, Belisario da Silva Chacem, Porfirio Leite de Barros, Eleuterio José da Silva, Antonio Profirio, Antonio Joaquim Ferreira, Antonio Teixeira, Januario Marques, Victorino de Oliveira, João Antonio Malaquias, Arogo dos soldados Floriano Maria de Montserrate, Manoel Antonio Teixeira, Floriano Francisco Lemes, Luiz Antonio da Rocha, Martinho de Moraes, Antonio Pereira de Souza Narciso Gonçalves Homem, Francisco de Paula, Felisberto da Silva Leme, José Rodrigues Pires, João Antonio Baptista, Manoel dos Santos, Luciano Antonio Leme, Francisco de Almeida, Luiz Procopio, Faustino Antonio do Rego, Joaquim Soares de Pinho, Sebastião José Pereira, Antonio Rodrigues da Silva, Luiz da Costa Soares, Romualdo Soares de Pinho, Leandro Gomes da Costa. Severino Soares, Quintino Paes Rodrigues, Joaquim Francisco das Chagas, Antonio Gonçalves Pinto, José, Flaviano de Macedo, Manoel de Arruda Garcia, João Rodrigues Fernandes, Manoel do Carmo e Cruz, Benedicto Joaquim, José Pinto Rio, Manoel José de Oliveira, Elias de Freitas, José Ponce Martins, 1.º sargento graduado.









---

## TERCEIRA PARTE.

### CAPITULO VIII.

EXPEDIÇÃO PARAGUAYA PARA O PÃO DE ASSUCAR. SUA VERGONHOSA RETIRADA.—OS GUSYCURUS NOS PRESTÃO IMPORTANTES SERVIÇOS.—DESOCCUPAÇÃO DO FORTE DE OLYMPO.

Logo que constou em Assumpção havermos collocado um destacamento no Pão de Assucar, que por direito nos pertence, e a pezar dos favores que então recebia o governo paraguayo do Brazil, que o salvou das ambições de Rosas, fez o dictador D. Carlos Antonio Lopes subir para alli uma força de 800 a 1,000 homens commandada pelo capitão Ville Mayor com o proposito firme de nos obrigar a bandonar o ponto, sem que prestasse a maior attenção as explicações do nosso ministro na Republica o fallecido brigadeiro Bellegarde.

Era commandante do destacamento do Pão de Assucar o tenente Francisco Bueno da Silva, official valente que muito póde ser aproveitado nas actuaes circumstancias. Constava o dito destacamento de 25 praças.

A frente desta deminuta força apresentou-se mesmo no anno de 1850, a força paraguaya em diversas pequenas embarcações, e nellas permanecerão por dous dias defronte do ponto que occupavamos.

Ao terceiro dia, de manhã, mandarão um dos seus



levar um officio ao commandante, intimando-o a que se rendesse, ou se retirasse no prazo de 12 horas.

O parlamentar, entregando a intimação, retirou-se obrigando assim o commandante do destacamento a enviar tambem parlamentarios conduzindo o officio de resposta, no qual elle declarava que com quanto reconhecesse a extrema desigualdade de forças, estava todavia no firme proposito de sustentar o posto, que lhe havia sido confiado, e que assim resolvido estava prompto para os receber, quando se dignassem dar o seu desembarque.

Sendo esta resposta dada pela manhã, os Paraguayos com tudo não fizeram movimento algum durante o dia, entendendo que aquelle procedimento do commandante tinha por fim simular uma retirada nessa mesma noute, e por tanto julgarão dever esperar até a manhã do dia seguinte.

A noute conservarão-se em inteira actividade não só pelo movimento das sentinellas, como pelo toque da musica e de diversos instrumentos.

Na manhã seguinte, aproveitando-se de uma forte cerração, tratarão de emprehender o desembarque, fazendo seguir em primeiro lugar um lanchão com cerca de 200 homens, mas estes ao aproximarem-se do destacamento, na conformidade das ordens que havia do commandante Bueno, bradou-lhes a sentinella que tal não fizessem por que seriam repellidos a ferro e fogo.

A guarda do porto compunha-se apenas de 8 praças, e de um inferior, e por isso a força destinada ao desembarque, despresando o aviso da sentinella, continuou a demandar a terra. Logo a distancia de 30 passos recebeu ella a primeira descarga de oito tiros, que forão tão bem empregados, que o lanchão perdeu o leme e desgovernou pela morte do piloto e de alguns soldados, os demais começaram a bradar para os nossos que fizessem tiros de consciencia, e que de outro modo seriam assassinos. A confuzão e a desordem apparecerão, ficando logo a barca sem rumo, desorientada, virando a roda pelo rio abaixo.

Neste interim é enviado pelo commandante em chefe um official, que pela sua pronuncia conheceu-se não ser



Paraguay, o qual tomado de notavel arreganho militar apresentou-se em frente dos nossos, batendo o peito e desafiando-nos ; mas este ainda foi infeliz porque ficou estendido depois de uma segunda descarga.

Novo reforço veio encorajar a sua gente, já então bastante desanimada, e debaixo de vivo fogo dirigido pelo proprio commandante Bueno, effectuárão o desembarque de sua consideravel força em relação aos nossos que não excedião de 25.

Mesmo assim proseguio a luta por espaço de seis horas no fim das quaes a força brasileira vio-se obrigada a retirar-se não só pela desigualdade de força, pois que cabia 20 paraguayos para cada um brasileiro, como ainda porque se havia extinguido a munição.

Nem este acontecimento, e nem os continuados avisos feitos ao nosso governo, o demoverão a olhar com attenção para a provincia de Matto-Grosso.

Gastar-se-hia para pol-a em estado completo de defeza, assim de força como de artigos bellicos, 4 a 5 mil contos, que se pouparão, para gastar-se agora e de improviso talvez mais de 20 mil!!

Como tem sido previdentes os governos que se hão succedido na alta administração do paiz?!

Bem dizia o fallecido visconde de Albuquerque, que o paiz iria mal emquanto não corresse sangue de ministro.

Entretanto existe a crença publica de que aquelles que apresentam a melhor disposição e vontade de servir bem a sua patria, são obrigados a nullificarem-se por causa de uma força irresistivel que os detem e os embaraça.

Como isto é por todos sabido, pois que todos, mais ou menos, terão tido occasião de ouvir esta linguagem, que máo será que tambem se escreva?

Se é verdade, convém que se corrija este abuzo ; se não é, então que não continuem a encobrir os ministros, de alguns annos a esta parte, sua incapacidade com o rico manto de purpura.

Nessa época de assalto do Pão de Assucar era commandante geral da fronteira, o então capitão, e hoje co-



ronel José Joaquim de Carvalho, que tendo, de ordem da presidencia da provincia, ido a capital, regressou para o forte de Coimbra, logo que soube do acontecimento.

Apenas alli chegou, fez seguir um expresso as aldeas dos Guaycurús para chamar o cacique capitão Lapagate que immediatamente se lhe apresentou e teve ordem para que sem demora fosse ao feicho dos morros, e alli, explorando a campanha, examinasse para onde se havia dirigido a força aggressora.

Este cacique, porém, tomou por si mesmo a deliberação de voltar a Nabileque e convidar ao outro cacique capitão Lixagóta, e reunidos, com 80 cvalheiros, seguirão para o logar ordenado pelo capitão Carvalho.

Feita a exploração reconhecerão que a força aggressora tinha se dirigido rio acima, até o forte Bourbon, hoje mais conhecido por Olympo.

Marcharão os indios para esse ponto, e no logar denominado rabo de Ema, seis milhas acima do forte, atravessarão a nado o Paraguay, e forão dar-lhe cerco; porém ainda em distancia tal que não forão percebidos dos Paraguayos.

Estes estavam com cinco bois mortos para fornecimento da tropa e se achavão quasi todos fóra das muralhas descuidosos e no mais completo socego.

Acontecendo, porém, que Lapagate mandasse por um seu ajudante de ordens prevenir a Lixagóta de que elle estava na resolução de apertar o cerco, foi o dito ajudante percebido pela sentinella do forte que bradando immediatamente—*los barbaros*—deu logar este grito a uma tal confusão e alarma, que desprezarão as rezes mortas, chapéos, facas, camisas vermelhas, lenços, pratos, machados e outros objectos e metterão-se no forte, do qual se feichou, com a velocidade do raio, o pezado e classico portão.

A força guaycurú conservou-se a pé firme todo esse dia e toda a noute, tendo seus cavallos á corda.

Na manhã seguinte, não se avistando mais nem ao menos a sentinella do forte avançou a força guaycurú até ao alcance de tiro de fuzil, e como ainda assim



ninguem apparecesse em opposição, derão os caciques ordem de assalto, e a golpes de machado abrirão o portão, e tornarão-se senhores do Olympo sem a menor resistencia, porque de viventes apenas encontrarão dentro algumas gallinhas chócas e outras com pintos.

Então conhecerão os caciques que os paraguayos, aproveitando-se das trevas da noute e de dous barcos que alli se achavão fundeados evadirão-se, rio abaixo, conduzindo todo o armamento e munição que havia.

Em o dia marcado pelo capitão Lapagate para sua volta ao forte de Coimbra, e quando o commandante geral o esperava ancioso por noticias, apresenta-se-lhe um esquipado de ordem dos capitães guaycurús, trasendo-lhe a enorme fechadura do forte, como signal de que estavam senhores delle, pedindo ao mesmo tempo ao dito commandante que lhes enviasse alavancas para continuarem no seu desmoronamento, porque só com os instrumentos que elles alli tinham de cerne de madeiras apenas tinham podido destruir tudo quanto era de tijollos, mas que chegando as muralhas de pedra e cal, só com alavancas poderião demollir.

O commandante, porém, julgou conveniente levar o occorrido primeiramente ao conhecimento da presidencia, e por isso lhes ordenou que sustassem o desmoronamento, mas que se conservassem alli até segunda ordem.

N'este ponto permanecerão os guaycurús por cinco mezes, e só o abandonarão, quando se convencerão de que os paraguayos não voltavão.

Ao mesmo tempo que elles nos aggredirão no Pão d'assucar, outra força paraguaya de 600 homens de cavallaria invadia a campanha de Miranda, e ali fazião disturbios e violencias, prendendo cidadãos inermes, em cujo numero entrou Pedro da Silva que se dizia filho do Sr. barão de Antonina, levando-os para além do Apa, assim como animaes, gado, mantimentos, etc.

O commandante geral não tendo no forte de Coimbra forças para fazer marchar para aquelle ponto, mandou chamar um 3º capitão guaycurú Guidauani, filho do capitão Taquidanani, e lhe ordenou que com a força de



guaycurús que pudesse reunir marchasse para o ponto invadido, e que ali não consentisse que um só paraguayos entrasse nos territorios brasileiros aquem do Apa.

O cacique executou immediatamente a ordem do commandante geral, marchando para aquelle ponto com cerca de 60 indios, mas não encontrando na campanha a força paraguaya, tomou a deliberação de ir até o Rio Apa, divisa do territorio brasileiro. Ali chegou esta força tão a proposito, que encontrou ainda a cavallhada e algum gado de nosso lado, assim como parte da força inimiga.

Tal horror inspirão os indios guaycurús aos paraguayos que a simples presença dessa pequena força, dez vezes menor que a paraguaya, foi bastante para produzir a desordem e a confusão a um ponto tal que sem a menor resistencia atirarão-se desesperadamente ao rio Apa, abandonando tudo, salvando-se alguns a nado, e afogando-se outros pela precipitação com que querião vencer a corrente ; ficarão os indios senhores de toda cavallhada e gado que ali encontrarão.

N'esta parte mancou algum tanto o Sr. Bossi na sua obra, pois que os guaycurús nunca forão contra nós, e em vez de serem contra os fugitivos do Pão d'assucar, prestarão-lhes valiosos soccorros.

Hoje temos certeza que os indios abandonarão o forte Olympo por insinações nossas, porque o Sr. Bellegarde, que então era nosso ministro em Assumpção, muito instou com o presidente da provincia e com o commandante geral da fronteira para que o fizessem desoccupar, por officios dirigidos a ambos a 6 de Setembro de 1850, para evitar desconfianças.

Já que tocámos nos relevantes serviços que nos prestarão os indios guaycurús, torna-se conveniente darmos uma idéa geral desta nação.

Ella divide-se em tribus com seus respectivos chefes, como o leitor terá observado, visto que nos servirmos dos tres caciques Lapagate, Lixagóta e Quidauani todos guaycurús.

Estes chefes são hereditarios, e succedem-se no commando por direito proprio, sem intervenção nossa.



As tribus conhecidas são: Guatiadéos, Cutuguéos, Guiéos, Beaquéos e Cadiuéos. Todas estas tribus comprehendem 4,900 indios de ambos os sexos, entre velhos, moços e crianças, e não existem em um só aldeamento. Estão espalhados por Albuquerque, Miranda, existindo maior porção nas campanhas do Nabileque, e quasi sempre vagueão até as margens do Apa cassando e pescando.

Empregão-se tambem na creação de cavallos e gados, e sabem tirar na guerra tanto partido de um animal, de que se servem em pêlo, que d'ahi lhes vem o merecido titulo de cavalleiros.

Aquelle que não é filho ou descendente de cacique, nunca pode ser nobre, por maiores honras que lhe dêm. Se é nomeado capitão, o tratão de capitão de papel; e uma fidalga guaycurú, morrerá solteira antes do que casar-se com um individuo em cujas veias não corra sangue de cacique.

São extraordinariamente orgulhosas, caracter distinctivo de toda a nação Guaycurú.

Fazem correrias por outras tribus de indios de diversas nações, e retirão-se conduzindo mulheres e crianças, a que chamão captivos. Estes com facilidade se acostumão entre os guaycurús pela delicadesa e amor com que são tratados por elles.

A mulher guaycurú se chega a conceber antes de ter a idade de 30 annos, emprega todos os meios, ainda os mais barbaros, para lançar o feto; mas completos os 30 annos trata com o maior cuidado e dedicação da conservação da sua prole. Este costume talvez provenha de não ter o marido junção com a mulher durante a gravidez e criação dos filhos.

O amor de uma mulher guaycurú é acompanhado do que póde haver de mais terno, compassivo e dedicado. Elle é sincero e puro, e nunca póde aborrecer, porque basea-se na inclinação, na sympathia e no coração, ou antes basea-se nos encantos da natureza.

Nenhum outro interesse move a joven guaycurú senão a necessidade de amar porque nisso encontra allivio e prazer.



Seus cuidados se convergem todos para o bem estar do ente amado que se torna um verdadeiro motor dos sentimentos da mulher guaycurú, que lhe patentea um excessivo desvello.

Ella sente, se o vê sentir, deixando-se apoderar de mortal melancolia; e alegra-se se o vê contente; emfim o amor de uma guaycurú só póde ser comparado no fervor, no desinteresse e no que posse de sublime ao amor puro e desinteressado de uma extremosa mãe ao seu filho.

Os guaycurús se servem da flexa para suas caçadas e pescas. Para guerra preferem seus cavallos, lanças e porretes que manejão com summa destresa.

Suas casas são baixas e cobertas de esteiras.

Acreditão em Deos e na immortalidade da alma, mas não prestão culto a divindade alguma; apenas parecem respeitar muito uma certa ave de rapina, chamada *caracará* da familia dos gaviões, de que julgão descender, por que dizem elles que depois de serem creados os homens e outros seres, o caracará se lastimara de se não haver tambem creado o guaycurú, e que deitando ovos na fenda do tronco de um grande madeiro, d'elles nascerão os guaycurus, aos quaes entregára logo o cavallo, o porrete, a lança, o arco e as flexas, dizendo-lhes que com aquellas armas farião guerra ás outras nações, das quaes tomarião os filhos e as mulheres para captivos, e roubarião o que pudessem. Por isso somos de opinião que taes indios muito nos podem coadjuvar n'esta emergencia, ordenando-se-lhes que fação a guerra aos paraguayos lá a seu modo.

Todos se pintão com tinta de *urucú* e genipapo com mais ou menos symetria.

Os guaycurus se constituirão brasileiros desde o dia 1º de Agosto de 1791, em que seus caciques Queima e Paulo, se apresentárão ao general de Matto-Grosso João de Albuquerque, e na sua presença, na da camara, nobreza e povo, disserão que em seus nomes e nos de todos os outros chefes de sua nação, de seus subditos, nos de seus filhos e mais descendentes, protestavão e promettião d'ali para sempre manter com os portuguezes a paz mais inti-



ma, amizade inviolavel, assim como fidelidade e obediencia a Sua Magestade Fidelissima a rainha portugueza e as suas leis; e de facto, de então para cá, votárão aos paraguayos aversão e odio, e aos brasileiros muita dedicação e amizade.

O general, em consequencia desta manifestação espontanea da nação Guaycurú, fez publicar a seguinte carta patente :

“ João d’Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, do conselho de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de S. João de Malta, governador e capitão-general das capitánias de Matto-Grosso e Cuyabá, etc.

“ Faço saber aos que esta minha carta-patente virem, que tendo a nação dos Indios Guaycurús ou Cavalleiros solemnemente contractado perpetua paz e amizade com os Portuguezes, por um termo judicialmente feito, no qual os chefes João Queima de Albuquerque, e Paulo Joaquim José Ferreira, em nome de sua nação, se sujeitárão e protestárão uma céga obediencia ás leis de Sua Magestade, para serem de hoje em diante reconhecidos como vassallos da mesma senhora: mando e ordemno a todos os magistrados, officiaes de justiça e guerra, commandantes e mais pessoas de todos os dominios de Sua Magestade, os reconheção, tratem e auxiliem com todas as demonstrações de amizade. E para firmeza do referido lhe mandei passar a presente carta-patente, por mim assignada, e sellada com o sinete das minhas armas. Nesta capital de Villa Bella a 1º de Agosto de 1791.— *João de Albuquerque de Mello Pereira Caceres.*”

---

## CAPITULO IX.

CONTESTAÇÃO A’S ASPIRAÇÕES DO GOVERNO PARAGUAYO,  
E AO SEU PRETENDIDO DIREITO A’ ESPAÇOSOS TERRI-  
TORIOS NA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO.

Pretende o governo Paraguay, como já vimos, possuir espaçosos terrenos na provincia de Matto-Grosso,



sem se lembrar que contra sua injusta e ousada pretensão se oppoem todos os tratados antigos e modernos, os factos historicos das descobertas, e o *uti possidetis* actual.

Todo aquelle que com espirito desprevenido nos lêr, se convencerá mais de que o acto impolitico e barbaro do presidente Lopes, contra aquella provincia, deve attestar ao mundo que elle ou é louco ou inepto; em ambos os casos nem póde uma nação como o Brasil consentir na conservação de semelhante visinho prejudicial e perigoso, e nem póde o povo Paraguay continuar a subsistir debaixo do seu governo brutal, aviltante e retrogrado.

O art. 6º do tratado de 13 de Janeiro de 1750, dispõe o seguinte :

“ Desde a boca do rio Igurey, no Paraná, continuará a raia pelo seu alveo acima até encontrar a sua origem principal; e d’ahi buscará em linha recta pelo mais alto do terreno á cabeceira principal do rio mais visinho, que desagua no Paraguay, pela sua margem Oriental. ”

Ora, o Igurey entra no Paraná, pela sua margem Occidental, abaixo da foz do Iguatemy, e o seu contravertente mais visinho que desagua no Paraguay é o Jejuy.

O tratado de 1º de Outubro de 1777, confirmou as estipulações do de 1750, em relação a estas divisas, e no art. 9, diz o seguinte :

“ Desde a boca ou entrada do Igurey (no Paraná), seguirá a raia, aguas acima deste, até a sua origem principal; e desde ella se tirará uma linha recta pelo mais alto do terreno, com attenção ao ajustado no referido art. 6º, até achar a cabeceira e vertente principal do rio mais visinho á dita linha que desagua no Paraguay pela sua margem Oriental. ”

Conhecendo, porém, os commissarios hespanhóes que a adoptar-se a divisa dos tratados precedentes, as possessões portuguezas chegarião ás proximidades da cidade de Assumpção, além de nos ficarem pertencendo algumas povoações acima de Jejuy, tratárão de suscitar duvidas, asseverando que o rio Igurey não era conhe-



cido, nem existia, e que, portanto, os limites seriam pelo Iguatemy e seu contravertente Ipané-guassú até o rio Paraguay.

Então as côrtes de Lisboa e Madrid convencionarão que para acabar com as dissidencias que se derão por causa do tramento de 1750, e para facilitar a execução do de 1777, se adoptasse essa divisa, visto que não havia rio conhecido pelo nome de Igurey, e por isso baixarão as instrucções de 6 de Junho de 1778.

Nessas instrucções se lê: “ Juntos os commissarios hespanhões e portuguezes na boca do rio Iguatemy, começarão por elle a demarcação, tomando-o por limite, pois que não ha rio algum que se conheça no paiz com o nome de Igurey, e o Iguatemy é o primeiro caudaloso que entra no Paranã por sua marcha Occidental acima do Salto, e subindo-se até suas cabeceiras, avistão-se não distantes as vertentes de outro rio que correndo ao poente, desemboca no rio Paraguay, conhecido pelo nome de Ipané, o qual deve tomar-se por limite, visto não achar-se por esse lado rio algum com o nome de Correntes. ”

Os commissarios hespanhões ainda não ficarão contentes com este accordo, porque ao Norte do Ipane, já havião as povoações da Conceição e Belem, que terião de ficar dentro da nossa divisa.

D. Felix Azara fez sentir este inconveniente á côrte de Hespanha, lembrando ao mesmo tempo a necessidade de não ser obrigado a baixar com a linha divisoria pelo rio Ipane. A côrte de Hespanha, de seu motu proprio, sem intelligenciar-se com a de Lisboa; passou a Azara a instrucção de 7 de Abril de 1782, autorisando-o a que fizesse o que havia proposto.

Tendo, porém, o vice-rei do Brasil Luiz de Vasconcellos ordenado ao general de S. Paulo a 29 de Agosto de 1782 que fizesse partir uma expedição para o reconhecimento do rio Igurey, mandou o general ao tenente-coronel João Alves Ferreira, e ao capitão de granadeiros Candido Xavier de Almeida e Souza, que partissem para esse fim. O tenente-coronel adoeceu gravemente na viagem e por sua parte nada pôde fazer,



mas o capitão Candido Xavier empregou todos os seus esforços até encontrar o dito rio, e por tê-lo descoberto officiou em data de 2 de Setembro de 1783 ao general o seguinte:

“ Está V. Ex. na posse do rio Igurey, a margem Occidental do Paranã, sete leguas abaixo da parte superior das sete-quedas, na mesma situação, em que o demonstra a carta de Mr. de Anville. ”

Este officio é extenso, e por isso deixamos de transcrevel-o todo, mas como o essencial era o descobrimento do rio, essa parte ahi está. No restante d'elle tratou o capitão de fazer a descripção da sua viagem, dos embaraços que encontrou, declarando tambem que o rio era largo e profundo, ainda que tivesse mais para o centro algumas cachoeiras.

Os commissarios portuguezes com tal descoberta oppuzerão-se a execução do convenio de 6 de Junho de 1778, que tacharão de condicional, porque nelle se estipulára por divisa os rios Iguatemy e Ipane, na supposição da não existencia do Igurey, mas que sendo este descoberto e reconhecido, havia caducado o convenio, devendo subsistir as disposições dos tratados de 1750 e 1777.

Azara não teve resposta a dar aos portuguezes, e avisou a sua côrte que não tinha remedio senão concordar em que o convenio era condicional, mas que para salvar as povoações da Conceição e Belem, tinha concebido o projecto de affirmar que o verdadeiro Igurey era o nosso rio Ivinheima, que entra no Paranã pela margem Occidental muito acima da foz do Iguatemy e até do Amambahy, a 22º 1/2, e que seu contravertente era o rio Correntes, hoje denominado Apa. Então dava elle ao Ivinheima o nome de Yaguarey.

O innocente governo Paraguay, que para não cumprir os tratados, os deu por caducos e rôtos, teve entretanto a ingenuidade de nos propôr em 1856 a divisa apresentada por Azara pelo lado do Paranã; e pelo lado do Paraguay, excedeu o ousado projecto de Azara, estendendo suas vistas 25 leguas acima do Apa, até o



supposto rio Branco, que não passa de um insignificante arroio, ou sanga, que nunca poderá ser uma divisa natural.

Tal é a boa fé daquelle governo. Os tratados não servem comquanto sejam a expressão de accordo entre duas corôas, mas o projecto, a opinião particular de um individuo podem ser acceitas!... E será deste modo que terá direito á espaçosos terrenos em Matto-Grosso?...

Se os tratados pudessem hoje servir de base ao nosso direito, teríamos que pelos de 1750 e 1777 a nossa divisa devia ser pelo Igurey do lado do Paranã, e Jejuy no Paraguay, ou se vigorasse a convenção de 6 de Junho de 1778 seria pelo Iguatemy e Ipane; ora, propondo nós em 1856 a do Iguatemy, serra de Maracujú e o rio Apa, já fomos excessivamente generosos para com o Paraguay, fazendo-lhe presente de todo terreno que se estende entre os rios Ipané e Apa. Deixamos de transcrever as opiniões reservadas de Azara, que sempre nos forão favoraveis, por julgarmol-as inuteis.

Mas pretende hoje o governo Paraguay que a divisa seja pelo imaginario rio Branco, que é, como dissemos, uma sanga ou valla, que recebe as aguas do rio Paraguay, em tempo de enchentes, 25 leguas acima do Apa, e quasi defronte do forte Olympo.

E' opinião do Sr. José Berges, ministro paraguay, que fazendo-os rios, os lagos, etc., parte do territorio de uma nação, o terreno do lado Oriental do rio Paraguay, fronteiro ao Olympo, deve ser por isso considerado paraguay. Mas esta opinião é erronea neste caso, porque os rios e lagos que fazem parte de um territorio são aquelles comprehendidos exclusivamente nesse territorio e não o rio Paraguay, cujo alveo desde 1792 é considerado como divisa entre os terrenos que pertencião á Portugal e a Hespanha nesta parte.

Quando isto não fosse bastante, se vê da convenção de 12 de Fevereiro de 1858, celebrada entre o Brasil e a Republica do Paraguay, sobre a verdadeira intelligencia e pratica do tratado de amizade, navegação e commercio de 6 de Abril de 1856, que esse governo positiva e solemnemente renunciou sua exagerada pre-



tenção, de querer tirar da posição do forte Olympo na margem Occidental do Paraguay argumentos para firmar seu direito a margem Oriental, do imaginario rio Branco para baixo, porquanto no § 4º do art. 13 da dita convenção se estipulou — “ que a designação do forte Olympo, e os actos que ahi devem ter logar (apresentação de papeis com o — passe), conforme acima se expressa, não poderão ser em tempo algum allegados como prova de direito ao territorio contestado na margem esquerda do dito rio. ”

Consequentemente nem consultando os tratados antigos e nem os modernissimos, o governo paraguay o encontrará justificação para os actos violentos commettidos na provincia de Matto-Grosso.

Vejamos agora se consultando a historia poderá o governo paraguay ser mais feliz na sua pretensão.

Quando todo esse territorio que fórma hoje a singular Republica do Paraguay era *res nullius*, e que sendo assim podia pertencer ao primeiro occupante, foi o portuguez paulista Aleixo Garcia, quem o foi descobrir, com alguns individuos que fazião parte da sua comitiva.

Os donatarios das capitancias do Brasil podião augmental-as, se fizessem novas descobertas, e por isso explica-se o motivo por que elles frequentes vezes fazião sahir escoltas para o interior do paiz, animando esses sertanejos pela esperanza de novas descobertas de ricas minas de ouro e de outros metaes.

N'uma destas viagens sem destino, por invios e desconhecidos sertões, foi descoberto o Paraguay pelos Paulistas.

Mesmo na historia da fundação da cidade de Assumpção, escripta no seculo XVII pelo Paraguay Ruy Dias de Gusman, vemos que elle, escriptor insuspeito para o caso, nos conta, o que ninguem melhor que o refalsado governo do Paraguay sabe, isto é, que no anno de 1526 fez Martim Affonso de Souza, partir da capitania de S. Vicente em S. Paulo, Aleixo Garcia, com mais tres companheiros e alguns indios com o fim de se enternarem pelo interior do paiz não só pelo desejo de descobrimento de metaes preciosos, como porque,



por carta regia de 20 de Novembro de 1530, as capitánias podião ser augmentadas pelas novas descobertas que fizessem.

Seguindo Garcia com a sua commitiva, foi sahir depois de peniveis marchas, á margem esquerda do rio Paraná, acima do salto das sete quedas e transpondo o rio foi caminhando a rumo de O. até esbarrar com um aldeamento de guaranys á margem esquerda do Paraguay, acima do lugar em que hoje está Assumpção, qun foi talvez a foz do Jejuy, lugar até então ignorado completamente pelos hespanhóes.

Garcia pôde merecer as symphias dos guaranys a ponto de augmentar consideravelmente a sua commitiva com gente d'esta tribu.

Depois de muitos mezes de caminho, combatendo por vezes diversas hordas de indios, pôde chegar a Cusco, no Perú, de onde voltou a procurar novamente o aldeameento dos guaranys.

Nos diversos combates que tivera com os indios, apoderou-se de muitos despojos consistentes em objectos de ouro, prata, cobre primorosamente trabalhados.

Chegando ao buscado alojamento dos guaranys, fez seguir dous dos seus companheiros, acompanhados de alguns indios de S. Vicente para dar parte ao governador da capitania Martin Affonso do resultado de sua expedição.

Com a ausencia d'estes, os traçoeiros guaranys, dos que descendem em parte os paraguayos, atacam Garcia e seus companheiros, assassinando-os para roubarem os objectos de prata e ouro, isto a alta noite e quando todos dormião.

Apenas pouparão a vida a um pequeno, filho de Garcia com uma india da tribu, e que tinha o nome de seu pai.

Ainda hoje existem no Paraguay descendentes de Aleixo Garcia, segundo o testemunho do Sr. senador Pimenta Bueno, que até chegou a ver a habitação de um seu neto.

Só dez annos depois que os portuguezes havião chegado a este territorio, hoje paraguay, foi que aportou ao lugar em que se acha Buenos-Ayres, D. Sancho del



Campo, por ordem de D. Pedro de Mendonça, governador hespanhol.

Durante a expedição deste governador, que abandonou Buenos-Ayres perseguido pelos repetidos assaltos de indios, e pela fome, foi que o capitão Salazar levantou uma pequena fortificação no lugar em que hoje se acha Assumpção.

Em 1541 chegou D. Alvaro Nunes Cabeça de Vacca a esta paragem por terra, como de surpresa, tendo paritido de Santa Catharina com quinhentos homens, dirigindo-se de L. para O.

Tudo isto porém teve lugar depois que os portuguezes já tinham feito taes descobertas, e obtido muitas riquezas, parte das quaes tendo sido roubadas pelos guaranys, e estes com ellas tendo presenteado, annos depois, á Sebastião Caboto, julgarão os hespanhoes que taes riquezas erão criundas do lugar, e como ellas constavão pela mór parte de objectos de prata, ficou o rio de que suppunhão ellas extrahidas com a denominação de Rio da Prata.

E se isto não convencer, perguntaremos quem era o Dr. Francia? Filho de Gaspar Rodrigues da Francia, brasileiro, natural da provincia de S. Paulo, e, se não nos falha a memoria, da cidade de Taubaté.

Vamos tratar finalmente de examinar se a ambição do execravel presidente do Paraguay pode-se apoiar no principio do *uti possidetis*, posse perpetuada.

Já tivemos occasião de fazer evidente que os indios guaycurús são subditos brasileiros desde o dia 1º de Agosto de 1791, e que esses indios habitão o territorio justamente pretendido pelo governo paraguay, desde o denominado rio Branco, o passo do Taruman, abaixo do fecho dos morros, até ás margens do Apa.

Por mais de uma vez taes indios têm dado aos paraguayos provas bem amargas de que são seus irreconciliaveis inimigos; haja a visto o saque que elles fizeram no forte paraguay de S. José em 1º de Janeiro de 1802, e o cerco que derão no Olympo em 1850, e além disto repetidas correrias além do Apa em estabelecimentos seus.



Que os ditos indios sempre forão considerados subditos brasileiros até pelo antecedente presidente D. Carlos, pai do vaidoso e louco dictador actual, se vê do seguinte topico de uma carta escripta por elle ao nosso ministro de estrangeiros a 7 de Junho de 1853.

“ V. Ex. sabe los inmensos daños, robos y perjuicios que esos barbaros han ejecutado en la administracion del ditador; y sabe tambien como se han portado y siguen portandose despues del restablecimiento de la buena inteligencia interrumpida por los sucesos del Pan de Asucar.

„ Se S. M. Imperador no tuviere a bien trasladarlos a otro punto del Imperio a donde puedan ser menos peligrosos de turbar las buenas relaciones del Paraguay com el Brasil, tendremos en la derecha del Apa una cuestion permanente; y es por esto que en las instrucciones dadas al Sr. Castro, se ha tocado en este punto, como esencial para el buen arreglo en la hypothesis de la predicha neutralidade. ”

Aproveitaremos este ensejo para dizermos duas palavras a nosso respeito.

Tivemos a franqueza de pronunciar na camara dos deputados em Agosto de 1858 um discurso contra as vistas e interesses do tyranno paraguayo.

O fallecido Sr. Castro Redactor, do *Jornal do Commercio*, tinha sido consul Paraguay ministro plenipotenciario e até segundo consta-nos, correspondente nesta corte de D. Benigno Lopes, filho do dictador.

Teve o Sr. Castro tambem a franqueza de dizer-nos uma vez que haviamos apreciado mal os negocios do Paraguay com o Brasil, e sua má vontade foi tal desde então para comnosco, que durante a nossa estada como presidente no Piahy, para onde partimos no fim desse mesmo anno, forão constantes, somente no *Jornal do Commercio*, as correspondencias, os artigos de descomposturas, e falsas apreciações sobre a nossa administração naquella provincia.

Temos porém consciencia de havermos nos defendido vantajosamente.

Fomos perseguidos por aquelles mesmos talvez que



tivessem o cuidado de transmittir ao fallecido Lopes, com a necessaria aconcedencia copia das instrucções que levava o fallecido Sr. Pedro Ferreira de Oliveira para o Paraguay, por cujo motivo se mallogrou sua missão.

O que é fora de duvida, é que com a noticia da entrada da nossa esquadra nas aguas da Republica, tudo era confusão na Assumpção ; as familias tratavão de sahir em carretas para fóra da capital conduzindo o que tinham de melhor, o proprio Lopes destinava retirar-se para sua quinta, que demora a duas leguas da cidade, e neste interim fundea no porto um vapor que lhe conduz cartas, que lhe tinham sido dirigidas desta côrte; o presidente sahe logo só a passear pelas ruas, cousa rara, como prova de que nada mais receiava e a população se tranquilliza immediatamente! . . . .

Deixemos estes factos velhos e já esquecidos.

Voltando ao principio do *uti possidetis* diremos mais que o Sr. senador Barão de Antonina, possui mesmo a margem do Apa um extenso terreno proprio para a criação, e muitos outros fazendeiros de Miranda tem para ali seus retiros.

Sempre foi costume nosso, desde tempos immensoriaes, mandarmos escoltas por essas campanhas fazer a necessaria ronda, e essas escoltas sempre chegarão a margem do Apa, defronte do forte Paraguay Bella Vista e se uma vez cauzou isto reparo, não foi por se nos negar o direito incontestavel de rondar terreno nosso, mas porque em vez de 8 a 10 homens como de costume, apresentou-se em frente do forte uma escolta numeroza.

A margem esquerda do Rio Apa, desde sua confluencia no Paraguay até o lugar em que se acha o forte paraguay Bella Vista, existem, além deste, mais cinco fortes que são Rinconada, Gavillan, S. Carlos, Apatuya e o da confluencia, todos levantados necessariamente para a defeza da fronteira da Republica. Se pois taes fortes foram ali dispostos em linha de O para Leste abeirando o Rio, como razoavelmente suppor-se que com elles tiverão em vista os paraguayos defender seus pretendidos limites pelo sonhado Rio Branco, que está ao N. do Apa mais de 25 leguas ? Seria isto um contrasenso.



E' pois fóra de toda a duvida que quando os Paraguayos levantarão taes ortes a margem esquerda deste Rio estavam, e ainda estão, plenamente convencidos de que seu direito não se estende além deste ponto, e consequentemente nunca houve, e nem agora ha, usurpação alguma de nossa parte, de territorio paraguayoy.

Ainda em 1860 o fallecido Lopes incumbira ao engenheiro Belga Barão do Graty de examinar todos esses fortes, e tirar a planta do dito rio, indicando a velocidade de sua corrente, sua profundidade em diversos lugares e a possibilidade de se crear nelle outros meios de defeza.

Pelo lado do Rio Paraná pretende o governo Paraguayoy que os limites da Republica se estendão até o Ivinheima ; mas dentro desse territorio desejado possuímos a colonia militar dos Dourados a margem do rio do mesmo nome, muitas fazendas de brasileiros, os aldeamentos dos Cayuás e de guarany, cujos indios habitão até a margem esquerda do rio Iguatemy. Não ha seis mezes ainda que dous caciques destas tribus forão até a capital da provincia de Matto-Grosso, acompanhando o missionario capuchinho Frei Angelo de Caramonico, que se acha a testa de seus aldeamentos, declarar que elles e todos os seus são brasileiros, apesar de quererem muito os paraguayos que elles sejam seus amigos.

Forão pedir instrumentos para o trabalho de agricultura em que pretendem empregar-se nos aldeamentos do Ivinheima e Santa Maria, segundo uma carta de 28 de Novembro do anno findo, que nos dirigiu da cidade de Cuyabá aquelle exemplar missionario que alli se achava com os dous caciques, enviando-nos tambem outra carta para o Exm. Sr. Barão de Antonina, a respeito mesmo do aldeamento de taes indios que são muito afeiçoados ao dito barão de quem já receberão em tempos anteriores muitos presentes.

Já tivemos a beira do Iguatemy, a praça dos Prazeres cuja posse ainda não declaramos por acto algum ter abandonado.

E qual será o monumento de posse que possa o Para-



guay apontar ao norte do Apa e do Iguatemy que possa justificar a sua ousada pretensão ?

Para que pois essa arrogante manifestação de que tem de reivindicar espaçosos terrenos, a que se julga com direito na provincia de Matto-Grosso ?

Apezar de, todas estas poderosas razões o sanguinario despota de Paraguay ousou violar o nosso territorio. A honra e a integridade nacional soffrerão profundamente.

Temos o direito perfeito de repellir a affronta, e de fazer desaparecer no Paraguay qualquer idéa de dominio acima do Apa, ainda mesmo no forte Olympio que deverá ser arrazado.

---

## CAPITULO X.

MEIOS DE DEFEZA E DE FAZER-SE A GUERRA ASSIM NA  
PROVINCIA DE MATTO-GROSSO COMO PELO LADO DO SUL DO  
PARAGUAY—HUMAITÁ—RIO PARAGUAY ATÉ ASSUMPÇÃO.

Pela necessidade indeclinavel em que nos achamos de repellir a affronta do regulo paraguay, e de lavar completamente essa nodôa que de outro modo nos envergonhará para sempre, tem precisão o nosso governo, em quanto dura a luta com Montevidéo, de enviar para a provincia ultrajada de Matto-Grosso artigos bellicos de que ficou muito desfalcada pelos roubos e estragos dos paraguayos, e principalmente forças de que ella estava inteiramente destituida, razão por que quasi nenhuma resistencia poude offerecer a invazão dos barbaros.

A republica do Paraguay deve ser atacada pelo sul, pelo norte, e se fosse possivel tambem pelo lado da provincia do Paraná.

O imperio tem muita gente disposta a pegar em armas, tanto que os voluntarios formigão de todas as provincias, e o paiz levanta-se como um só homem para es-



magar o perfido que traíçoeiramente cravou-lhe o punhal assassino.

Não ha pois receio de que nos faltem braços patrióticos para a defeza da honra e integridade da patria vilipendiada.

Não, não pensemos nisto, sobirão-nos recursos e soldados.

No que convem que se considere é sobre o modo ou maneira de, sem perda de tempo, transportarmos esses poderosos recursos aos pontos em que elles se fazem necessaarios.

Não devemos receiar das bravatas do governo paraguay, nem fazer cara as despezas que os acontecimentos exigirem; gastemos cinco para ganharmos dez, afim de que a final não sejamos obrigados a gastar dez para ganharmos cinco.

Esse governo não poderá dispôr de mais de 35,000 homens, entre bons e máus, cuja força se acha disposta do modo seguinte: 10,000 em Matto-Grosso, 10,000 em Assumpção Serro Leon e villa Rica, 10,000 em Itapua e suas immediações e 5,000 em Humaitá.

O Brasil pôde levantar um exercito tres vezes maior.

Porém para que? A superioridade numerica nem sempre pôde fazer crêr na infalibilidade da victoria.

Ainda em um dos ultimos numeros do *Semanario* bufou o grão salteador paraguay que podia elevar o seu exercito a 120,000 homens, porém isto não passa de bons desejos, e fanfarronagem.

De que valeu a Xerxes o seu exercito de tres milhões de soldados, e a sua esquadra de mil e duzentos navios, contra o heroismo e obediencia dos gregos?

Os proprios paraguayos devem-se lembrar dos revezes e vergonhas que soffrerão em 1801 em Coimbra, em 1802 no forte de S. José, em 1850 no Pão d'Assucar e Olympo, a 27 e 28 de Dezembro ultimo outra vez em Coimbra.

Pena foi que se não esperasse pela chegada do Sr. Castro Menezes, que descia de Corumbá com dous vapores e soccorros, que se havia pedido pelo vapor *Jaurú*.

A força publica quando é real, e não phantastica como



cremos ser essa que o Paraguay blazona de poder pôr em campo, é na verdade um elemento garantidor da ordem, assim em relação as questões internas, como externas de um estado.

E a força quanto mais poderosa, e *convenientemente disciplinada*, tanto maior será o respeito que se tributará ao estado que a possuir.

Esta força, porém, para produzir este effeito moral, deve basear-se na espontaneidade, na livre vontade dos individuos que a compozerem, do contrario servirá authomaticamente de instrumento cego de qualquer tyranno, como sóe acontecer com a do Paraguay, por isso mesmo ridicularisada, e sem prestigio não só dentro do paiz como fóra.

Uma força respeitavel, e em boas condições de disciplina e moralidade, por si só faz com que se aplanem com facilidade todas as difficuldades, e com que outros estados se tornem menos arrogantes e caprichosos.

O douto padre Antonio Vieira, que tambem foi politico de primeira força, e cujos conselhos erão ouvidos com attenção, escrevia de Roma em 8 de Outubro de 1672 ao Marquez de Gouvêa o que se vai ler: “ Se eu não conhecêra os arcanos de Portugal, e até onde chegão as chaves do seu segredo, consolára-me com as considerações d'este; mas todos os nossos pensamentos sabem-se primeiro no mundo que nos conselhos d'estado; e ainda que estes sahirão muito acertados como eu presumo, e fossem muito secretos, as razões não são as que sustentão os estados, senão as execuções; e estas nem as ha, nem as pôde haver sem meios. De boa vontade trocára eu todos os nossos segredos e conselhos com que se soubesse em França, Inglaterra e Castella, que tinhamos no Tejo uma muito poderosa armada, e muito dinheiro com que armar outras, e grandes exercitos, quando nos fossem necessarios; porque só isto causa respeito aos inimigos, e mantem o amor, ou correspondencia dos amigos. ”

A experiencia nos acaba de mostrar a sensatez, a prudencia d'este conselho.

Entretanto o patriotismo é os brios dos brasileiros em



pouco tempo nos collocarão em estado de corresponder ao que teve em vista aquelle sabio sacerdote em seu elevado pensamento.

Desbaratados os salteadores de Montevideo, tem necessariamente o Brasil de virar suas armas contra o insolente caudillo paraguay.

Julgamos que pela parte do sul, a republica do Paraguay póde ser atacada assim pelo rio, como por terra. Não sabemos quaes são as vistas do nosso governo a este respeito, nem quaes são as difficuldades que se lhe antepõem, por isso apenas mostraremos a possibilidade da entrada de nossas forças no Paraguay, segundo nosso entender, obrando o governo como julgar mais acertado em sua sabedoria e experiencia, em vista das circumstancias.

Primeiramente cremos que o nosso exercito poderá reunir-se em S. Borja, na provincia do Rio Grande, e d'ahi seguindo a direcção de N. e percorrendo uma extensão de 20 leguas, estará á margem esquerda do Paraná, na Candelaria, defronte da povoação paraguaya de Itapúa.

Transpellido este grande rio, desembarcará na povoação acima, lançando mão dos recursos que encontrar ou promptificar-se, pois n'estes casos a mesma guerra, sustenta a guerra, e os mesmos successos fornecem meios para novos successos; portanto preparado o preciso para começar, tudo mais por si se encaminhará. O general D. Venancio Flores saltou no Estado Oriental, ha dous annos, mais ou menos, com 4 companheiros e sem dinheiro; hoje está senhor de todo o estado, devido isso a força moral que lhe tem grangeado a justiça de sua causa, respeitando, quanto tem sido possível, a vida e a propriedade alheia.

Assim o Brasil tem por si a justiça e a razão publica, e não encontrará tropeços em sua missão de honra e civilisadora.

De Itapúa ha caminho seguido até Villa Rica, passando por Babi, Yuty e Cuazapa, e do mesmo modo que no Paraná, vencer-se-ha a insignificante difficuldade que possa apresentar a passagem do pequeno rio Tibiquary.

De Itapúa á villa Rica medeião 40 leguas portu-



guezas, e de villa Rica a Assumpção 15 leguas, passando por Paraguay. Em todos os logares encontrar-se-ha recursos e boa vontade da população paraguaya, principalmente se o nosso governo souber tirar partido de alguns espatriados inimigos de Lopes que existem em Buenos-Ayres, visto como são conhecidos no paiz e fallão a lingua geral — o guarany.

Não dizemos isto sem fundamento; já nos achamos quatro vezes na Assumpção, Conceição e S. Salvador, e estamos convencidos de que Lopes tem debaixo dos pés um volcão que vomitará suas ardentes lavas, logo que se lhe proporcione um respiro.

Ainda de Itapúa ha outro caminho a esquerda que passa por Santa Roza, Capucú, Paraguay até Assumpção com quasi igual distancia.

O que convém observar-se e attender, é, que o perigo deve prevenir-se em razão composta do gráo da apparencia, e da grandeza do mal de que se é ameaçado. Vattel Liv. 3º, Cap. 3º, § 44.

O terreno paraguayo é em geral plano, com poucas elevações e collinas. Contra a opinião dos que pensão que o nosso exercito encontrará grandes difficuldades em atravessal-o por causa dos pantanos, faremos lembrar que da serra de Maracajú, nas vertentes do rio Igurey, parte uma ramificação em direcção de NO. até uma distancia de 8 leguas de Assumpção, e d'ahi volta em direcção de SE. até pouca distancia do Itapúa, sendo esta a unica cordilheira que se encontra em todo o interior do territorio paraguayo. A' maior ou menor distancia desta serra, mas em terreno firme e plano, passa-se sem grandes embarços para Assumpção.

Se nos fôr possível conduzir nossas forças embarcadas, o que nos parece fóra de duvida, a vista dos tratados existentes, e entre elles do convenio de 21 de Novembro de 1851 com Entre-Rios e Corrientes, convenio depois ratificado por toda a Confederação, encontrar-se-ha facil desembarque no logar chamado as tranqueiras de Loreto, a margem direita do Paranã, em territorio Paraguay, e deste ponto procurando as povoações de



S. Thiago, S. Ignacio e S. Miguel encontrar-se-ha o caminho de Itapúa a villa Rica de que já tratamos.

Chegando o nosso exercito a meio caminho será conveniente que se destaque delle uma força sufficiente que vá procurar a margem Oriental do rio Paraguay no ponto mais conveniente para interceptar a communicação de Humaitá com a capital, sendo mesmo necessario improvisar ahi, quando não se encontre prompto, uma fortificação com algumas peças raiadas para pôr obstaculo á descida e subida de vapores de Humaitá para Assumpção e vice-versa.

Pouco acima da barra do Paraguay com o Paraná, subindo por este seis milhas, a sua margem direita, está o insignificante forte — la Patria — dos inimigos com 60 praças; por detraz deste forte ha terreno firme chamado — Campo Santo, e este terreno se estende até a pouca distancia do Humaitá pela sua face de L.; d'ahi ha um atterro que segue até encontrar o caminho que, a face do N. do forte, se communica ás povoações do Pilar, Franca, Oliva, Villeta, indo terminar em Assumpção.

Se convier ao governo brasileiro atacar logo o Humaitá, o que não nos parece prudente, visto haver outros meios, igualmente efficazes de tomarmos um desforço pelos insultos e carnificinas do caudilho, não será impossivel a tomada do afamado forte.

Primeiramente não é bem cabido o nome de fortaleza que se dá a Humaitá. O rio ahi apresenta uma curvatura bem pronunciada para L., formando como que um angulo recto.

No vertice deste angulo existe uma casa-matta, cujas bocas de fogo em numero não excedente a 16, se dirigem umas para a parte superior do rio, e outras para a parte inferior, de sorte que um vapor subindo, começará a receber de certa distancia fogo pela prôa, ao chegar ao vertice do angulo receberá fogos cruzados, e se conseguir passar, soffrerá pela pôpa, e por causa do canal passará debaixo das baterias.

Além desta casa-matta, existem de ambos os lados della, e estendidas pela margem do rio, peças destacadas



em seus pequenos telheiros; contando-as com cuidado quando por ahi passamos pela ultima vez, achamos serem todas, incluídas as da casa-matta, 129, numero que hoje nos consta ter sido elevado.

Já se vê, pelo que fica descripto, que Humaitá tem impropriamente o nome de fortaleza, é simplesmente uma costa fortificada.

Um vapor encouraçado, não calando mais que 12 palmos, pôde passar em todo o tempo, mas se calar mais, só o poderá fazer sem risco de encalhar na occasião das cheias.

Na parte inferior do cotovello que fórma o rio, em que se achá a casa-mata, mas não em maior distancia do que pôde alcançar um tiro de canhão, ha uma ponta de pedras que occupão ou se estendem por uma boa parte do leito do rio, formando por isso um grande rebojo pela opposição feita a corrente. Do lado debaixo destas pedras faz o rio uma enseada onde suas aguas se misturão com as de um banhado que costea a barrança por parte de leste, e que vai-se estendendo até ser cortado pelo aterro de que fallamos, pelo qual se communica o forte la patria, da margem do Paraná, com Humaitá. Entre o banhado e o terreno firme do forte existem tres estacadas de grossos madeiros.

As ditas pedras que se escondem por um terreno barrento e elevado, em que ha até algum matto, formão em tempo de enchente uma ilha pequena cercada pela face do O. pelo rio, á L. pelo banhado e ao N. por uma sanga que liga o rio com o banhado, e sobre esta sanga ha uma ponte de madeira pela qual ha communicação entre a ilha e a parte superior da praça.

Em tempo secco esta sanga tambem secca de formæ que fica vedada a communicação por canôas entre o rio e o brejo.

Da enseada formada por esta ponta de pedra é facil fazer tiro sobre a praça, principalmente tomando por balisa as torres da igreja.

Na parte superior d'essa elevada barrança, em que se achão estendidas as baterias, entrão pelo mesmo lado



no Paraguay dous pequenos braços de um arroio, que por assim dividir-se, chamão-se las Hermanas.

Este arroio vai-se communicar com outros banhados que existem por detraz de Humaitá, mas sobre elle ha outra ponte de madeira, cuja extremidade norte, dá para um caminho de aterro, que unindo-se com o que vem do forte la patria, seguem a direcção da povoação do Pilar, e d'ahi conforme já descrevemos, até a capital.

Sobre a ilha de pedras de que tratamos existem poucas peças mal collocadas.

No ponto em que se acha a casa-matta a barranca foi cortada verticalmente, mas pela força que ali faz a corrente do rio, que primeiramente vindo de encontro a ella, tem de virar depois pela resistencia encontrada, esta circumstancia ha occasionado grande estrago em seus alicerces, de modo que tem sido necessario levantar-se estacada, unida ao paredão e não sendo isto sufficiente tem sido reforçada por grande quantidade de pedra solta atirada junto a barranca, que nem assim está livre da destruição.

O rio aqui não tem maior largura que duzentas braças e a barranca do lado opposto não é muito baixa, tanto que ali avistamos algumas casas de palha e ranchos.

A largura do Paraguay desde as tres bocas até Assumpção varia de 200 a 300 braças, excepto da altura da Villeta para baixo até a rinconada de Naranjay, e no ponto do Passopé, onde elle se alarga mais e ha alguns baixios que inspirão cuidado, sem um bom pratico.

Sua profundidade, na mesma distancia, é sufficiente para navios que calem até doze palmos, isto em todas as estações, mas nos mezes de Junho e Julho em que as aguas sobem a maior altura, elevando-se a dez e quinze palmos acima do nivel da secca, podem subir embarcações de muito calado.

Em Abril de 1846 subiu o vapor francez *Fulton*, que calava, segundo disse o pratico que o guiou, de treze a quatorze pés, quasi vinte palmos, e então já as aguas estavam alguma cousa crescidas. Entretanto o *Fulton* não pôde passar do Lambaré para cima, e d'ahi para baixo só com grande trabalho de explorações, muitas



vezes de estreitos cannaes, pôde elle descer. Por conseguinte para se navegar com segurança, em tempo de secca o navio não deverá demandar mais de doze palmos de agua e em occasiões de enchentes mais de quinze.

A corrente é sempre pouco rapida, e muito influe para sua maior ou menor velocidade o estado baixo ou elevado das aguas do Paraná.

Além de muito peixe, ha abundancia de caça pelas margens, como sejam porcos do matto, antas, servos, veados, mutuns, jacús, aranquans, patos, marrecos e outras aves proprias para alimentação.





**Distancias calculadas do Cerrito, na ilha do Atajó,  
até Assumpção, em milhas maritimas.**

|                                                                      | MILHAS | DECIMOS |
|----------------------------------------------------------------------|--------|---------|
| Do Cerrito ás Tres Boccas . . . . .                                  | 4      | 2       |
| Das Tres Boccas a Curupaiti . . . . .                                | 12     | 7       |
| De Curupaiti a Humaitá. . . . .                                      | 5      | 9       |
| De Humaitá a Tajy . . . . .                                          | 3      | 2       |
| De Tajy a villa do Pilar e rio Verme-<br>lho (margem Occ.) . . . . . | 2      | 8       |
| Do Pilar a Aldêa . . . . .                                           | 5      | 2       |
| Da Aldêa ao rio Tibiquary . . . . .                                  | 21     | 8       |
| Do Tibiquary a Herradura. . . . .                                    | 8      | 1       |
| De Herradura a villa Franca . . . . .                                | 15     | 3       |
| De villa Franca a Remolinos . . . . .                                | 4      | 9       |
| De Remolinos ao Formoso (marg. Occ.)                                 | 5      | 7       |
| Do Formoso a Agatapé . . . . .                                       | 11     | 0       |
| De Agatapé a Sangita . . . . .                                       | 5      | 0       |
| De Sangita a villa de Oliva. . . . .                                 | 6      | 7       |
| De Oliva ao riacho Saladillo . . . . .                               | 1      | 6       |
| De Saladillo ao Orange (margem Occ.) .                               | 4      | 2       |
| De Orange a Naranjay . . . . .                                       | 3      | 0       |
| De Rinconada de Naranjay a Mortero. .                                | 7      | 7       |
| De Mortero ao riacho Paray. . . . .                                  | 5      | 8       |
| Do riacho Paray a Passo-pé . . . . .                                 | 4      | 7       |
| De Passo-pé a Nhumdiahy. . . . .                                     | 5      | 0       |
| De Nhumdiahy a Passo Laguna . . . . .                                | 1      | 6       |
| De Passo Laguna a Santa Roza . . . . .                               | 7      | 4       |
| De Santa Roza a Palmas. . . . .                                      | 6      | 9       |
| De Palmas a Angustura . . . . .                                      | 5      | 9       |
| De Angustura a Villeta . . . . .                                     | 4      | 8       |
| De Villeta a Lambaré e rio Pylcomayo.                                | 9      | 5       |
| De Lambaré a Assumpção . . . . .                                     | 7      | 0       |
| Somma do Cerrito a Assumpção. .                                      | 187    | 6       |



## CAPITULO XI.

MEIOS DE PREPARAR-SE FACILMENTE A PROVINCIA DE MATTO-GROSSO. CAMAPUAM.

Tem necessariamente o nosso governo de enviar artigos bellicos e forças para a provincia de Matto-Grosso.

Pelas descripções dos roubos feitos pelos paraguayos se comprehende que a provincia perdeu importantes munições de guerra, assim em Coimbra, como em Neoack Miranda, Corumbá, e Dourados.

Qual deve ser a estrada preferida para a remessa de gente, e munições ?

A estrada de Minas Geraes, que passa junto a S. João d'El-Rei, pela Victoria, procurando a Formiga, Patrocinio, Catalão até a capital de Goyaz, não é má, tem muitos recursos e é bem cuberta, mas os Cuyabanos a deixarão somente pelos encommodos que soffrião na matta entre esta provincia do Rio e a de Minas, por quanto havendo grande falta de pastos sahião as bestas de dentro das mattas quasi inserviveis por muitos dias.

Hoje porém com a existencia das estradas de ferro de D. Pedro II. e com a da União e Industria que podem fazer com que as tropas não se aproximem tanto da côrte, acreditamos removido este inconveniente. Apresenta ella maior distancia que a de S. Paulo, porém sem o inconveniente do embarque desta côrte para Santos.

Por ella já transitamos duas vezes, sendo uma com familia, e não temos razão de queixa; encontramos por toda a parte gente muita hospitaleira, e muita fartura de viveres para a nossa comitiva, e de milho para a tropa.

A de S. Paulo tambem não é má, e por ella igualmente já passamos duas vezes.

Mas para preferir uma ou outra nesta emergencia necessita-se saber se os socorros são derigidos para Cuyabá, ou se para Corumbá ou Miranda, ao sul da provincia de Matto-Grosso.

A ser para Cuyabá julgamos preferivel a de Minas,



por quanto a estrada de S. Paulo que se dirige para aquella cidade, chamada do sertãozinho, passa tambem a pouca distancia da capital de Goyaz indo unir-se com a que sahe directamente desta corte na passagem do Rio Claro, quatro marchas adiante da cidade de Goyaz, e assim torna-se excusado ir a S. Paulo para de lá seguir. Por esta partio, ha dous dias com familia o negociante de Cuyabá J. S. Rondon,

A ser para Corumbá ou Miranda, de necessidade deve-se preferir a de S. Paulo até S. Bento de Araraquara e deste logar procurar a villa de Santa Anna do Parana-hyba.

De S. Paulo vai-se a Jundiahy, Campinas, Limeira, S. João do Rio Claro e S. Bento de Araraquara.

Deste ponto seguem tres caminhos que vão ter a Santa Anna do Parana-hyba,

O 1º passa por Itapura.

O 2º passa com mais volta por S. Francisco de Salles atravessando o Turvo e o Rio Grande.

O 3º, com muita volta, porém muito melhor estrada, atravessa pelo arraial dos Barretos, freguezia do Frutal, transpondo o Rio Grande até o já citado S. Francisco de Salles e Santa Anna do Parana-hyba.

Desta villa partem duas estradas; uma a direita chamada do Pequery que é mais curta que a do Sertãozinho e a de Minas, porém sem recurso algum até a pouca distancia de Cuyabá, e além deste inconveniente com as chuvas ella se alaga em muitos pontos, precisando de mais a mais atravessar-se o rio Pequery e S. Lourenço, que são caudalozos.

Pela da esquerda pode-se dirigir a Camapuan e ao porto do Coxim, de cujos logares ha facil communição com Neoack. Miranda, Albuquerque, Corumbá e Pão de Asucar, que sem demora, deve ser occupado por forças nossas.

Por essa estrada de Santa Anna a Coxim, que não tem mais de 80 leguas, passou o Sr. Barão de Villa Maria em Maio e Junho de 1863, com tropa, cavallada, e uma comitiva de 60 pessoas entre escravos e camaradas, de sorte que tendo partido de Sorocaba, onde foi munir-se



de animaes a 12 de Maio, a 20 de Julho chegou a sua fazenda das Pirapitangas na freguezia de Albuquerque em Matto-Grosso, com 2 mezes e 8 dias de viagem, sem o menor prejuizo, nem encommodos por molestia ou falta de viveres, segundo o seu proprio testemunho.

Ainda agora o mesmo Sr. Barão, em consequencia da invazão paraguaya, teve de auzentar-se com sua familia de sua fazenda, e partindo no dia 5 de Janeiro da margem oriental do Paraguay, entre as barras de Taquary e de Miranda, chegou com nove dias de penivel e arriscada viagem, atravessando pantanaes e Corixas, a Coxim trazendo em sua companhia sua senhora um filho de oito annos de idade, treze escravos e dous camaradas.

De Coxim a Santos, passando por Santa Anna, gastou vinte dias, de sorte que ao todo, da margem oriental do Paraguay até este ultimo porto, completou a sua notavel viagem com vinte e nove dias de caminho.

Julgamos preferivel o ponto ou fazenda de Camapuan para a reunião da nossa força.

Dahi ella poderá ser dividida para as operações necessarias, porque deste importante lugar, póde partir com facilidade contingentes para todos os pontos da fronteira onde seja necessario, conservando-se sentinellas pela campanha para darem qualquer aviso.

Além disso este ponto é seguro e offerece facil defeza pela sua pozição, sendo impossivel que o inimigo se anime a chegar até ahi.

Camapuan, já quando por ahi passou em 1751 D. Antonio Rolim de Moura, que ia como governador para Matto-Grosso, pela via fluvial de Tiête, Paraná, Rio Pardo etc achou alli uma casa de sobrado espaçosa, levantada em um pateo feichado e de consideravel tamanho, e além do sobrado havião mesmo dentro do pateo outras casas terreas espaçozas e uma boa capella. Vê-se pois que offerece proporções vantatojosas para conter a força. Descrevendo o lugar, disse aquelle general que encontrou muito milho, farinha, feijão, arroz, porcos e gado.

Hoje não haverá tudo isto, mas existem as casas, e os viveres poderão ir da villa das Aboboras, de Santa Anna, e de muitas fazendas de cultura e criação que por ahi



estão espalhadas, sendo uma das principaes a do Sr. Martim Gabriel de Mello Taques.

Para ajudar o provimento de boca julgamos bem acertado que acompanhe a força uma companhia de campeiros, cuja missão será supprir de caça a expedição, porque é incrível a quantidade de antas, veados, porcos, cotias, pacas, mutuns, jacús, perdizes e patos que se encontram, podendo diariamente obter-se quanto seja preciso para supprir qualquer falta de carne, ou de outro genero. Além d'essas caças ha extraordinaria quantidade de peixe.

Ha 137 annos que foi concedida a Luiz Rodrigues Villares, de S. Paulo, a sesmaria para a fundação da fazenda de Camapuan (1727).

Em 1740 o possuidor Villares fez sociedade com André Alves da Cunha, cujo fim social era a plantação de viveres e criação de gado para supprimento das monções que transitavão entre as capitancias de Matto-Grosso e S. Paulo, no que fizerão grandes interesses.

André Alves da Cunha retirando-se para situar-se em outro lugar levava comsigo muitos escravos e outros bens equivalentes ao que elle possuia como socio. Com a retirada de André Alves em 1781 entrarão na fazenda outros administradores que afinal todos se consideravão socios, mas que sahião com o que julgavão pertencer-lhes. Além disto um neto de André Alves o fallecido commendador Manoel Alves Ribeiro retirou, por diversas vezes, escravos da dita fazenda até o numero de 160 além de outros bens; portanto hoje cremos ser de justiça que este estabelecimento pertença a seus legitimos donos, os descendentes de Luiz Rodrigues Villares, que são o conselheiro Villares, o barão de Itapetininga e outros.

O calculo que fazemos das distancias das diversas estradas por nós apontadas é o seguinte :

Leguas.

|                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----|
| A estrada de Minas, passando pela Victoria,<br>Formiga, Goyaz, etc . . . . .  | 390 |
| A de S. Paulo passando pelo sertãozinho e indo<br>sahir ao rio Claro. . . . . | 300 |



|                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| A mesma de S. Paulo por S. Bento de Arara-<br>quara, Sant'Anna, Pequiry até Cuyabá. . .          | 270 |
| A mesma por S. Bento, Sant'Anna a sahir no<br>Coxim até Corumbá. . . . .                         | 220 |
| A mesma pelo mesmo rumo até Sant'Anna,<br>passando por Camapuan até Miranda e<br>Nioack. . . . . | 200 |

Não fallamos do meio de communicacão pelo Paraná e Ivinheima porque não é possivel duvidar-se que os paraguayos hoje não tenham tido a precaucao de collocar uma força na foz deste rio com o Paraná para nos interceptar a passagem.

Nenhuma das ditas estradas porém merece o nome de boa, sendo preciso em alguns pontos fazer-se pontes da noite para o dia, aterros, etc., como por vezes assistimos, pelo que não se pôde prescindir dos conselhos e experiencia de um homem pratico.

Seria de summa conveniencia o estabelecimento de uma linha telegraphica, que passando por Ouro-Preto e Goyaz fosse terminar em Cuyabá.

Com esta providencia lucraria muito e muito o paiz.

Calculamos não ser necessario mais que 800 contos para isso, porque é impossivel que despenda mais de dous contos por legua, e já mostramos que desta côrte a Cuyabá pela estrada de Minas, são 390 leguas.

Do rio Araguaya a Cuyabá será preciso estabelecer-se, de distancia em distancia, destacamentos de poucas praças para guardar a linha, assim contra os actos de vandalis mo de algum desalnado tropeiro, como contra a destruição dos indios selvagens.

E nem creia o governo que esta despesa ficaria improductiva.

Em cada ponto em que houvesse um destacamento, se formaria um nucleo de população, que se applicaria a louvoura e a criação; e d'este modo insensivelmente se iria povoando o interior do paiz, que tanto se recente de falta de população.

Estes destacamentos poderão tambem servir para coadjuvar a condução de malas para esta côrte com a



maior brevidade possível ainda com o encargo de fazerem, nos intervallos, os concertos da estrada entre os diversos pontos em que forem destribuidas as guardas.

Difficuldades se nos ant'olhão a cada passo, mas tenhamos coragem e resolução de vencel-as, que ficarão vencidas; em todo o caso convém que o nosso governo de hoje em diante encare melhor para os negocios do paiz, que sem duvida alguma tem sido pessimamente dirigidos por todos os governos, assim liberaes como conservadores.

Não se tem procurado os homens para coadjuvação da alta administração do paiz pelo que elles valem, mas pelo que fingem valer.

E quando avançamos a proposição de que os negocios do paiz tem sido pessimamente dirigidos, não declamamos, porque ahi estão os factos em nosso apoio, e senão examinemos.

O estado da lavoura é desanimador, seus empenhos são horrorosos, e não conhecemos agora um só lavrador que se mostre satisfeito.

A colonisação já cahio em desuso ou no esquecimento.

O commercio, por consequencia, está em crise; respeitaveis banqueiros fallirão, a desconfiança é geral, e ahi corre impressa uma lista de 51 casas que forão arrastadas nessas grandes rêdes.

A marinha e o exercito estão desprovidos de gente e de meios, e ahi vemos o governo, ás carreiras, lançando mão de medidas extraordinarias para as urgencias do estado, e mal de nós se não fosse o patriotismo dos brasileiros.

O estrangeiro nos insulta a cada momento, e por sua vez até o selvagem do Paraguay; serias complicações difficultão a gerencia da pasta respectiva.

As provincias achão-se n'um estado de abatimento inacreditavel, sem vida, sem iniciativa; e por educação e costume suas vistas se convergem todas para a côrte, que encarão como fonte de todo bem e de todo mal.

A magistratura ahi se arrasta manietada, dependente sujeita a decretos de aposentadoria, soffrendo miserias, porque infelizmente um rapaz emquanto estuda tem 100\$000 de mezada, e passando a ser juiz municipal ou promotor passa a ter 50\$000, quantia que hoje ganha qualquer criado de servir.



Cada uma das nossas secretarias é um labyrintho de Creta, onde quasi todos os papeis, apesar da boa vontade de alguns empregados, desaparecem debaixo do peso das informações, e se algum escapa dessa barafunda é por milagre quasi sempre de alguma Ariadne.

Muito longe poderíamos levar a nossa ladainha, mas como não estamos no mez de Maria fazemos ponto.

Entretanto nos relevarão que perguntemos: — Não será exacto que nada temos feito e que tudo se acha no peor estado possivel?

De quem será a culpa? Será do povo? Não, porque o povo concorre todos os annos com mais de 50 mil contos para satisfação dessas necessidades publicas; além disso nada mais elle pôde fazer n'um paiz em que a centralisação politica e administrativa se achão elevadas ao mais subido gráo, e o systema tutellar em seu inteiro vigor.

Deixemos estas considerações pouco agradaveis, e terminemos com o que nos resta dizer sobre o Paraguay.

Antes de concluirmos convém que façamos ainda algumas observações, que com a pressa com que escrevemos, forão faceis escapar-nos.

Com referencia a Humaitá esquecemo-nos de declarar que das duas altas torres da Igreja se avista todos os pontos do acampamento, assim como o forte la Patria, a beira do Paranã, e os navios que chegam as tres bocas.

Do lado opposto ao acampamento, a margem Occidental do rio, onde existem as casas e ranchos de palha de que fallamos, tambem existe, encoberta por um espesso matto, uma bateria com peças de grosso calibre que ficão em frente á ponta de pedra que fórma o rebojo de que já tratamos em occasião competente.

Uma das razões que nos induzem a não julgar prudente expôr-se um vapor, principalmente construido de madeira, a um chuveiro de balas, nesse passo, tanto mais havendo outros meios de chegarmos ao mesmo fim, é pelo receio de que, acontecendo ir a pique um vapor, ficará o canal obstruido, e mais difficil se nos tornará a entrada e tomada do acampamento. Deve haver, porém, a nosso favor um contrapeso, que consistirá na difficuldade de accerto de pontaria das peças da casa-matta, porque esta é construida de modo, que a



fumaça, produzida pelos primeiros tiros, principalmente havendo algum vento sul, embaraçará muito os seus artilheiros em darem direcção á bala a um ponto determinado.

Calculamos que 20,000 homens do exercito Paraguay estejão bem armados, com armamento todo moderno e de grande alcance e por isso convem que os nossos também sejão convenientemente armados para que, não comecem a ser dizimados pela fuzilaria paraguaya antes que estejão em distancia de poder offendel-os e se tiverem a lembrança de irem recuando, a proporção que o nosso exercito for avançando, muito nos poderá prejudicar, sem que entretanto soffrão grande perda.

Parecerá a algum espirito misterioso que isto não se devia escrever, mas escrevemos por que julgamos fazer, deste modo um serviço real, visto que acreditamos que para segurança do triumpho e da victoria, devemos contar só com força com que entrarmos, e não com as eventualidades que assim como podem ser favoraveis, podem ser mui prejudiciaes, e de mui funesta consequencia. Um exercito numeroso e bem armado dá animo aos que o compoem desalenta o inimigo, e concorre poderosamente para poupar sangue, dinheiro e vergonha.

Não devemos também nos esquecer que no Paraguay existem 10 vapores de guerra, ainda que, pela mor parte, extragados.

Tem-nos chegado noticia que de Bueno-Ayres tem subido escunas particulares, pela maior parte pertencentes a italianos, para Assumpção, carregadas de carvão, levando debaixo deste combustivel caixões de armamento e polvora. Fomos informados mais que em Outubro do anno findo subirão da mesma forma, embarcadas no canal de Buenos-Ayres, oito peças raiadas que vierão de Inglaterra, sendo distribuidas por quatro escunas que forão fretadas para conduzirem carvão, e para esse fim despachadas para Corrientes. Em Dezembro também subirão escunas com caixões de armamento e carvão por cima.

Isto é natural que tenha acontecido, mas nós continuaremos a ficar de braços cruzados? Não será conveniente que pelo menos dous vapores de guerra nossos se colloquem em corrientes ou nas tres boccas para evitar a continuação desse contrabando, uma vez que o Paraguay já nos declarou a guerra?



Consentiremos que o inimigo acabe de munir-se do que lhe falta, para nos custar mais sangue e dinheiro, o desforço que somos obrigados a tomar pela nossa honra offendida, e integridade violada ?

Como as circumstancias talvez exijão que algum dos nossos vapores parta de Assumpção para Corumbá e vice-versa, observamos que nesse trajecto acima da Conceição 15 milhas, ha o passo do Itacuruby onde além da existencia de pedras na margem oriental, o canal varia por causa do movimento da arêa, e ahi, senão houver pratico, ha necessidade de sondar-se o rio para evitar-se que vapor possa encalhar.

Acima d'este passo, justamente a meia distancia da Conceição a S. Salvador, ha outro denominado do Cavalleiro, onde deve-se navegar com cuidado por ser baixo, e mais adiante deste, antes de chegar a S. Salvador, ha um ultimo passo chamado Pedras partidas, passado o qual, a navegação é franca até o rio S. Lourenço para navios que demandem de 8 até 9 palmos d'agua.

A provincia de Matto-Grosso, se tiver a testa de sua administração, um homem conhecedor do seu pessoal e dos seus recursos, poderá apresentar sem difficuldade um contingente de 6 a 7 mil homens, inclusive os 1,200 de linha que lá existem, além da força auxiliar de indios; e temos fé que os seus soldados não farão desmerecer a reputação gloriosa, que hão adquirido os seus irmãos d'armas nas campanhas do Rio da Prata, em que sempre se hão portado heroicamente.

A nação paraguaya não quererá continuar a estar passando aos olhos do mundo por uma nação escrava, terá os mais ardentes desejos de saccudir esse pesado e vergonhoso jugo, que tanto a amesquinha e avilta a face do universo; e nem quererá que seus vindouros a amaldiçoem, e d'ella se recordem com desprezo. Preste-lhe o Brasil apoio e seja o seu libertador; colloquemos sobre nossa cabeça essa corôa de gloria; e o estandarte com que pisarmos o solo da republica deve levar, em caracteres indeleveis, estas sublimes palavras, que soarão até a posteridade

— Abaixo a tyrannia.

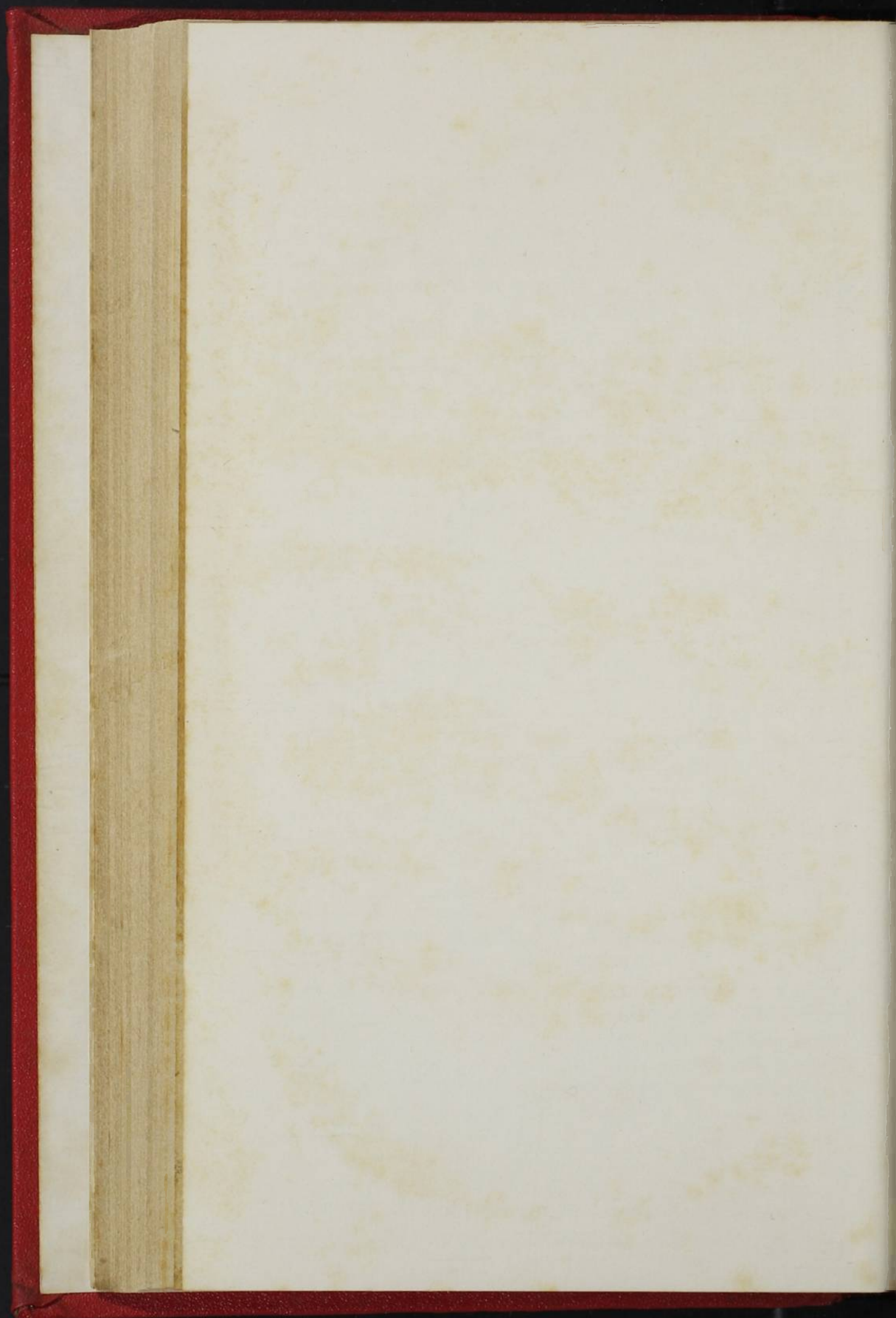
Salvação da honra e integridade do Brasil.

Regeneração do povo paraguayo.





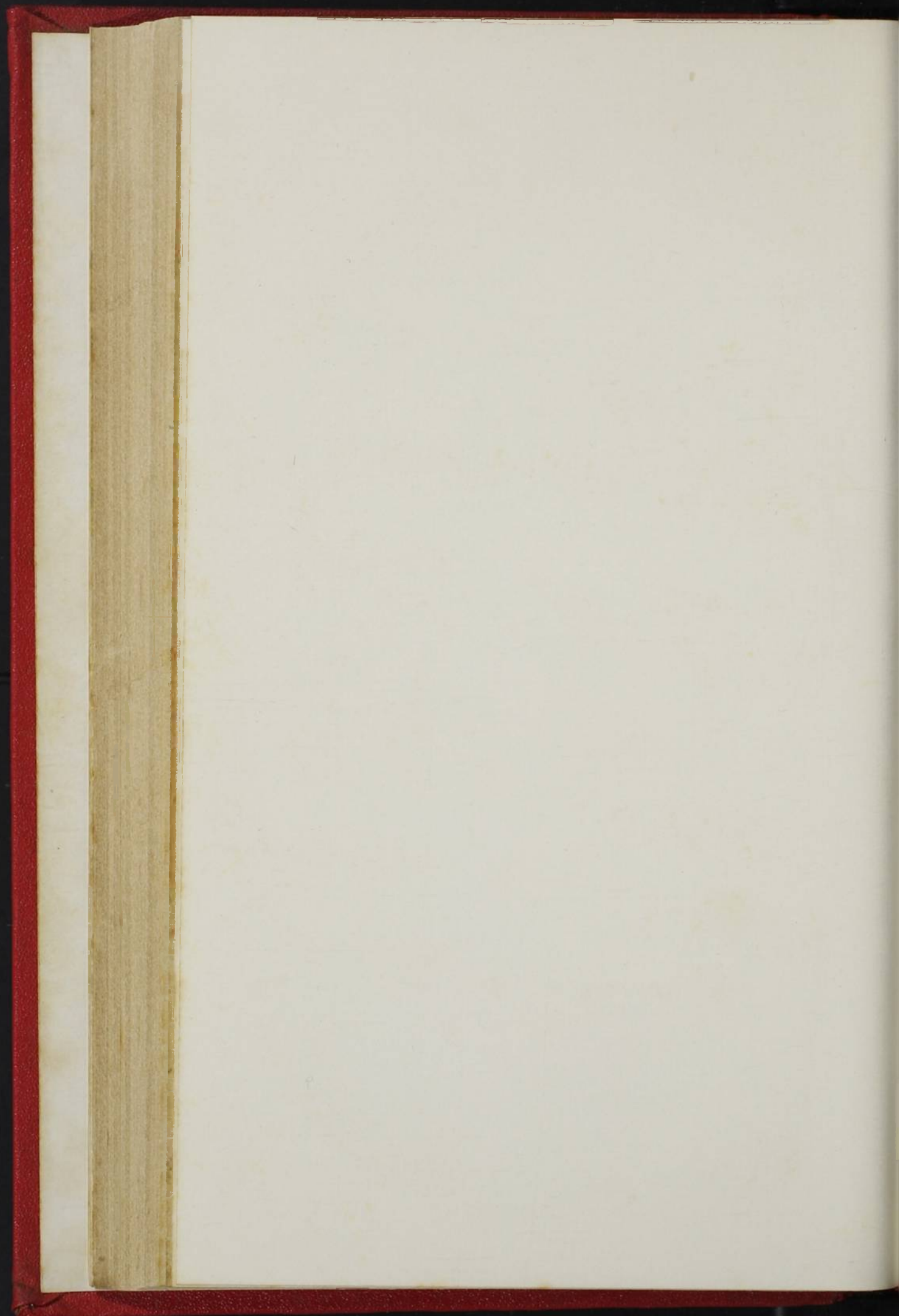


















89

H. AM

VII/87

Randade!

US\$40-

Livraria Brandão 14.8.84.  
Sr. Brandão.

49740







